

Este exemplar corresponde à
edição final da dissertação
dejeitada pela interessada e
aprovada pela comissão
fulgadora.

18/06/90.

Lyriel

Adriana Gracia Piscitelli

Amor, paixão e casamento:

*Escolha de conjuge em famílias de camadas medias e altas
do sul de Minas Gerais.*

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Profa. Dra. Mariza Correa.

P673a

14222/BC

Campinas

1990

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

INDICE

A MODO DE INTRODUCAO

1. *Escolhas de cônjuge e histórias de amor* p. 1
2. *Uma cidade luminosa* p. 17
3. *De inventários a cartas de amor* p. 33

CAPITULO 1 -

A FORTUNA DAS FAMILIAS.

1. *Os Moraes* p. 52
2. *Os Pinheiro Leitão* p. 84

CAPITULO 2 -

NOVOS-RICOS VERSUS ANTIGA ELITE

1. *As tendências nas escolhas de cônjuge* p. 106
2. *Romances proibidos, romances desiguais?* p. 115

CAPITULO 3 -

MULHERES, OBJETOS O SUJEITOS NO AMOR ?

1. *Casamentos arranjados ou casamentos por amor?* p. 141

CAPITULO 4 -

AMOR REBELDE E CASAMENTOS PROIBIDOS

1. *Paixão e casamento na narrativa amorosa de Serro Verde* p. 150
- p. 187

CONCLUSOES -

AMOR E ESTRATEGIAS MATRIMONIALES

p. 205

BIBLIOGRAFIA

p. 221

DOCUMENTOS CONSULTADOS

p. 232

ANEXO I: NARRADORES CITADOS

p. 234

ANEXO II: MAPAS

p. 236

*Este trabalho é para Ana,
heroína de muitas histórias de amor.
E para a fiel e peluda Maria de las Pampas.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço as várias entidades financiadoras que apoiaram os diferentes momentos de meu Mestrado: CAPES, FAPESP, FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS e FAP. Devo-lhes a possibilidade de dedicação integral à antropologia e a esta dissertação.

O subsídio concedido pela FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS foi mais que financeiro. Os que participaram dos seminários por ela organizados e assessoraram o desenvolvimento deste trabalho, ofereceram importantes sugestões. Entre estas pessoas, agradeço especialmente a Cinthia Sarti, Claudia Fonseca, Miriam Lifschitz Moreira Leite, Albertina Costa e Cristina Bruschini.

Minha participação no curso "Women, Men and Development" no Institute of Development Studies (IDS) da University of Sussex foi importante para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço a minhas colegas de curso por seus comentários, a Kate Young e, especialmente, a Jean Stubbs.

A Mariza Corrêa devo muitas coisas. Agradeço-lhe a constante disposição para orientar-me e a preocupação em abrir-me novos caminhos. E, sobretudo, a confiança que depositou em mim desde o primeiro momento, além da ampla liberdade que me deu para trabalhar. Estes fatores possibilitaram-me desenvolver a investigação e, ao mesmo tempo, adquirir segurança.

A Antonio e Ana Maria Piscitelli e a Josefa N. Bustos agradeço o apoio que, superando as distâncias, souberam proporcionar-me. E sua paciência para suportar os anos de ausência.

Tenho com Maria Tereza Paulino da Costa (Baixinha) todas as dívidas que se contraem no desenvolvimento de uma amizade "a sério". Devo-lhe, além de inúmeras horas de discussão acadêmica, a introdução no universo das tradições de sua família. A ela e a seus pais agradeço a ajuda concedida, sem a qual esta investigação não teria sido possível.

Devo ao professor José Ferreira Carrato, profundo conhecedor da região na qual trabalhei, a indicação das primeiras "pistas" a seguir, verdadeiras portas de entrada ao material da investigação.

A todas as pessoas que se dispuseram a trabalhar comigo num sentido ou noutro, e sobretudo àqueles que me revelaram suas histórias pessoais, meus agradecimentos mais profundos.

A Suely Kofes, que estimulou acadêmica e afetivamente o desenvolvimento deste trabalho, desde sua primeira formulação até o final, devo um agradecimento especial.

Verena Stolcke discutiu a elaboração do projeto sobre o qual foi construído este trabalho. Beatriz Schmuckler contribuiu com incentivos oportunos. Renato Ortiz possibilitou que eu encarasse, sob um ângulo distinto, alguns de seus aspectos. Alba Zaluar aprofundou algumas de minhas inquietações. Haquira Osakabe ofereceu algumas sugestões. Stella Bresciani externou comentários enriquecedores. Nestor Perlongher discutiu profundamente diversos aspectos desta

dissertação. A todos eles, obrigada.

A Rosella Santos y a Guga Laranjeiras Sampaio agradeço os infinitos cuidados com que me cercaram durante a primeira parte do desenvolvimento desta dissertação.

A Marco Aurélio Garcia, o bom humor noturno com que me ajudou nos últimos meses - "longe das quebradas" -, a dissipar as tensões de fim de tese.

A Monica Galano, Silvia Artacho, Maria Tereza Aaron, Jennifer Stuart, Charles Schaeffer Afgelazzi, Iara Salazar, Susana Moreira, Marta Savigliano, Cristina Bellelli, Noemi Castro Pueyrredon, Monica Tarducci e Sara Torres, o acompanhamento carinhoso durante estes anos de trabalho.

Fabian Piscitelli fez-me perder o medo da informática. A ele, a Agnaldo, Evaldo e sobretudo a Wilton Silva meus agradecimentos por sua paciência em introduzir-me nos mistérios dos "micros" e programas com os quais redigi esta dissertação. A Andreia Zhouri, Aida e Marilza agradeço o apoio solidário dos muitos fins de semana compartilhados na sala de micros do IFCH.

A MODO DE INTRODUÇÃO:

1. ESCOLHAS DE CONJUGE E HISTÓRIAS DE AMOR

Esta dissertação trata da relação entre amor e sistema matrimonial. Nela tento explorar o significado das escolhas matrimoniais que realizaram, em gerações sucessivas, homens e mulheres que foram constituindo as camadas altas de uma pequena cidade brasileira no sul de Minas Gerais. E, na análise da lógica que moveu as escolhas de cônjuge, procuro entender o significado que adquire o amor.

Entre os distintos amores possíveis, o que me preocupa neste trabalho é aquele que se vincula com a eleição de cônjuge. Quer dizer, o amor pensado como relação que, a partir de um determinado compromisso afectivo, pode conduzir duas pessoas ao casamento.¹

No discurso das pessoas com quem trabalhei, o amor, - assim entendido - aparecia revestido de uma importância simbólica especial. Este foi o ponto de partida através do qual tive acesso à compreensão das hierarquias sociais vigentes entre as famílias que integraram o universo da investigação. A partir dele pude aproximar-me das tendências que modelaram as escolhas de cônjuges de

¹ Os inúmeros trabalhos que se ocupam do amor oferecem uma série de definições para o enamoramento em geral, para os amores duradouros e para os diversos tipos de atração erótica. Alberoni realiza uma distinção entre as atrações eróticas - com suas diferenças, masculinas e femininas, suscitadas por objetos socialmente reconhecidos - , e o "enamoramento", considerado como revelação de uma individualidade única e insubstituível, dotada de um valor absoluto (Alberoni, 1987 - b). Os amores duradouros são definidos por Cancian como relações que combinam atenção e cuidados com proximidade física e emocional (Cancian, 1986). Mas o amor pensado como estímulo para o casamento tem recebido menos atenção. Entre os autores consultados, MacFarlane é um dos poucos que se detém sobre este tipo de amor. Considera o amor romântico como caracterizado por profunda atração e afetividade prévias ao casamento. Sem dúvida o amor conjugal, ou seja, o amor dentro do casamento, pensado como uma emoção avassaladora que antepõe o vínculo marido-esposa aos laços materno e paterno filiais é retratado com mais nitidez do que o amor que conduz ao casamento (MacFarlane, 1986).

distintas gerações, das relações de poder vinculadas com as escolhas de parceiro e dos limites que foram se impondo a cada sexo diante da escolha do cônjuge. O confronto entre o lugar que o amor tem na literatura antropológica que se preocupa com o afeto - particularmente quando este se relaciona com a escolha do cônjuge - e o espaço que ele ocupa nas histórias de amor e casamento narradas na cidade onde se desenvolveu a investigação, foram a origem da inquietude a partir da qual surgiram as idéias que orientam este trabalho.

Os sentimentos, enfocados sob ângulos distintos, têm sido tema de interesse para diversas correntes antropológicas. Viveiros de Castro sublinha a diferença existente entre as vertentes preocupadas - à maneira de Durkheim - em estabelecer o papel que os sentimentos desempenham na vida social e as que se interessam pelos afetos nas relações inter-pessoais. E, dentro destas últimas, o autor assinala a distância entre a produção antropológica preocupada em explicar a causa social dos sentimentos individuais - tal como expressa na obra de Malinowski e em parte dos trabalhos de Radcliffe Brown - e os trabalhos que tentam verificar a função e o significado que pode assumir a manifestação socialmente prescrita dos sentimentos.

Os primeiros delineiam uma visão de sociedade na qual as relações sociais, submetidas a uma lei de distribuição diferenciada de autoridade e afeto, se distribuem em campos complementares. Para os segundos, ao contrário, direito e afeto deixam de manter uma relação de complementariedade, pois, nesta perspectiva, a análise das relações sociais nas quais o afeto está socialmente incorporado não implica

ausência de regras (Viveiros de Castro, 1977). Boa parte da literatura antropológica que trata de amor e casamento vincula-se a esta última perspectiva - expressa em Mauss e em parte da obra de Radcliffe Brown. Ela considera os sentimentos como uma linguagem que conota relações, marca distâncias, diferencia posições e que, como tudo na vida social, responde a determinados princípios.

Os sentimentos aparecem, então, sujeitos às normas sociais, inclusive quando se relacionam com as escolhas de parceiros. Este quadro não parece ser afetado pela irrupção do amor romântico.

A idéia de escolha do cônjuge baseada no amor é o fundamento do que vários autores denominam **complexo amoroso romântico**. Goode desenvolveu este conceito analisando o espaço que o amor ocupa em diversas sociedades. O autor estabeleceu um **continuum** em que um dos pólos está ocupado pelas sociedades que, considerando o amor irrelevante para as escolhas de cônjuges, excluem-no dos fatores que pesam nas decisões relacionadas com o casamento.

As poucas sociedades marcadas pelo **complexo amoroso romântico** - entre elas Europa Ocidental e o meio urbano dos Estados Unidos - ocupam o outro pólo. A particularidade das sociedades em que impera o **complexo romântico** é que nelas o enamoramento - paixão - é considerado o ponto de partida ideal para o

cortejo e o casamento (Goode, 1959) ²

A idéia de amor presente no complexo romântico está intimamente ligada à filosofia individualista: porque somos todos iguais, porque todos somos livres, podemos escolher-nos livremente. ³ Viveiros de Castro nota que esta noção de amor - vigente na tradição ocidental moderna - remete à idéia de um indivíduo livre de laços sociais cuja realidade já não deriva dos grupos aos quais pertence. Este ser se relaciona diretamente com um cosmos, composto por indivíduos, no qual as relações sociais valorizadas são as

² Entre os autores consultados, as idéias sobre o conteúdo do amor romântico variam muito. Lantz considera que nele intervêm alguns elementos do amor cortês: idealização do ser amado e sentimentalismo (Lantz, 1982). Para Rougemont, o amor cortês, ou seja, o amor recíproco e infeliz, distancia-se do amor que serve de base ao casamento (Rougemont, 1984). A perspectiva por mim assumida no desenvolvimento desta dissertação será a de considerar o amor romântico segundo Goode, ou seja, como o sentimento tido como fundamental para a realização do casamento nas sociedades em que vige o complexo romântico.

³ Para uma síntese das diversas opiniões relativas ao surgimento do complexo romântico no Ocidente, vejam-se Lantz, 1982 e MacFarlane, 1987. O último considera plausível vincular o "casamento por amor" - no sentido de que coloca os desejos do indivíduo acima dos do grupo mais amplo - à mentalidade de mercado, a um alto grau de mobilidade social e a outras características geralmente associadas ao capitalismo. A peculiar estrutura de mercado e as idéias individualistas vigentes na Inglaterra poderiam remeter as origens do complexo romântico, neste país, aos séculos XII e XIII.

inter-individuais (Viveiros de Castro, 1977). ⁴

O casamento, sem dúvida, enquanto elo entre linhas de parentesco mediante o qual se transmitem propriedade, poder e prestígio, é um tema que não pode ser ignorado pelas famílias. Apenas nos casos em que as linhas de parentesco não fossem importantes - coisa que, segundo Goode, não ocorre em nenhuma sociedade como um todo, se permitiriam escolhas totalmente livres. Nos sistemas em que se escolhe o parceiro livremente e por amor existe estratificação social. Na medida em que a família opera como doadora de posição social para sua descendência, o casamento entre iguais torna-se um elemento crucial na reprodução das hierarquias sociais.

Como se resolve o aparente paradoxo entre o amor - idéia individualista - e a manutenção dos limites eletivos?

Considerado sob a ótica do sistema das alianças, o amor, enquanto elemento potencialmente desestabilizador, deve ser cuidadosamente controlado. Goode explica que todas as sociedades elaboram dispositivos seja para prevenir completamente o surgimento do amor, seja para controlá-lo, uma vez que a escolha afetiva poderia incorporar pessoas fora dos limites de cada grupo. Nos sistemas que incentivam as relações amorosas, aqueles em que vige o complexo de

⁴ Esta idéia provém da análise realizada pelo autor sobre "Romeu e Julieta", texto de origem literária que, por um processo de difusão, adaptação e dissolução, alcançou o valor de paradigma, incorporando-se ao fundo indiferenciado da "tradição cultural do Ocidente".

amor romântico, a escolha formalmente livre está sujeita a - pelo menos - uma série de controles indiretos (Goode, 1959). O amor e os mecanismos destinados a domesticá-lo parecem ter se desenvolvido conjuntamente.

De fato, nos trabalhos que tratam de matrimônio e amor, este aparece adotando semânticas diferenciadas no tempo e no espaço, articulando-se às modalidades da estrutura social. Aparece provocando maior ou menor grau de conflitos individuais sem no entanto desempenhar qualquer papel em alterações estruturais.

Esta também é a perspectiva da análise das práticas matrimoniais em Bourdieu. Os casamentos são considerados parte das estratégias que garantem a continuidade da linhagem e a reprodução da força de trabalho, enquanto asseguram a transmissão do patrimônio e mantêm as famílias em sua hierarquia econômica e social (Bourdieu, 1972). As estratégias matrimoniais se reproduziriam de geração em geração, operando através do *habitus*, transcritas e transfiguradas em recomendações e preceitos do discurso ético e pedagógico. Este enfoque apoia-se no desvendamento dos mecanismos através dos quais se mantem a ordem social. O *habitus* atua como mediador entre o agente social e a sociedade, no interior de um ciclo de reprodução quase fechado que não dá lugar a alterações profundas.

A preocupação a que me referia no início passa um pouco pelas histórias de amor das mulheres das camadas altas de Serro Verde

- nome que darei à cidade na qual se desenvolveu a investigação.⁵ Eram histórias inquietantes cujas protagonistas, *ricas herdeiras*, emergindo do que parecia ser um universo inesgotável de casamentos consangüíneos, participaram de uniões consideradas transgressoras e enfrentaram, em diversas gerações, oposição familiar. Elas pareciam heroínas - vitoriosas contra casamentos impostos- que haviam vivido *amores rebeldes*, algumas vezes fora dos limites de classe, reprimidos, castigados e ... *felizes*. Os relatos - que me atraíram imediatamente - pareciam oferecer uma série de promessas e, entre elas, a de mostrar subversões matrimoniais que se reiteravam em gerações sucessivas.

As linhas teóricas mencionadas, preocupadas em estabelecer a relação entre sentimentos e normas sociais, não se detêm nos casos conflitivos. Os casamentos que desafiam a autoridade paterno - familiar são considerados *anomalias* que não chegam a afetar a ordem matrimonial (Bourdieu, 1972 ; Merllié-Cousquier, 1980). Creio, contudo, que podem ser ricos enquanto reveladores do processo de oposição agente/estrutura e dos princípios que a partir deles operam. Os casos conflitivos oferecem a possibilidade de realçar os elementos que os grupos sociais consideram fundamentais para sua

⁵ Objetivando proteger a identidade das pessoas com quem trabalhei, preferi chamar-lhes, assim como a cidade, por nomes fictícios. Esclareço também que o que aparece em negrito no texto corresponde a termos extraídos dos autores e, em manuscrito, a palavras empregadas pelas pessoas de Serro Verde.

reprodução e também podem abrir caminhos para observar transformações.

O que ocorreria se considerássemos conjuntamente o amor e as estratégias matrimoniais? Que lugar ocupa o amor na estruturação do *habitus*? Os amores felizes - aqueles que na perspectiva de Bourdieu estão predispostos ao êxito matrimonial porque são aprovados socialmente - (Bourdieu, 1972), revelariam algo diferente se considerados junto com os amores malditos? Como participam os amores socialmente reprovados na manutenção da mesma ordem que parecem ameaçar?

Adiantando-me as conclusões devo dizer que no transcurso de muitos meses de investigação - e decepcionando-me um pouco -, as promessas rebeldes iam remetendo-me mais à ordem do que à desordem social. As histórias de amor relatavam rupturas dramáticas e sugeriam, quando ouvidas pela primeira vez, alterações sérias na estrutura social local.

Entretanto, a análise realizada, considerando-as na sua relação com as estratégias matrimoniais desenvolvidas, foi conduzindo esta dissertação por outros caminhos. Numa primeira leitura, o amor parecia ser um importante baluarte de resistência. Posteriormente, ao contrário, pareceu ser mais o motor de movimentos de reconversão de estratégias matrimoniais do que o detonador de ações profundamente subversivas da ordem estrutural.

Estas preocupações serão discutidas no contexto das escolhas de parceiros realizadas por integrantes de dois **grupos de parentesco** que foram compondo as **camadas dominantes** no transcurso da história de Serro Verde.⁶

Neste município a terra, a produção agropecuária e os laços de parentesco são fatores prática e simbolicamente aglutinantes nas distintas **camadas sociais**. O café, principal motor econômico da cidade na segunda metade do século passado, continua sendo a principal riqueza da região na atualidade. Considerarei os casamentos realizados em cinco gerações, num lapso de aproximadamente noventa anos: desde a década de 1880 até a de 1970.

A perspectiva da análise das estratégias matrimoniais de Bourdieu considera que cada transação matrimonial só pode ser entendida como um momento numa série de intercâmbios materiais e simbólicos. Na realidade, os recursos de que uma família dispõe para o casamento de cada um de seus membros dependem da posição que cada intercâmbio ocupa na história matrimonial da família (Bourdieu, 1972). Indo um pouco mais longe, os intercâmbios possíveis para uma geração estão, por sua vez, profundamente influenciados pelos intercâmbios realizados nas gerações anteriores, inscritos na tradição familiar.

⁶ Estou pensando em **grupos de parentesco** tal como são concebidos em Goody, ou seja, grupos sociais que controlam a organização doméstica e o processo de socialização, uso e transferência da propriedade, resolução de disputas e determinadas relações políticas (Goody, 1975).

Com base nesta idéia, tentei considerar os casamentos realizados pelos integrantes das duas parentelas, no transcurso de sua história em Serro Verde ou seja, a partir da instalação na cidade dos primeiros integrantes de cada grupo de parentesco. Os integrantes da quinta geração completaram seus casamentos entre as décadas de 1960/70. Estender-me para além deste período teria sido problemático. Até a década de 1980 a maior parte dos componentes da sexta geração não havia casado e, além disso, os casamentos realizados em datas recentes estão sendo lentamente incorporados à narrativa local, importante fonte das representações com que trabalhei.

Encontrei dificuldades para incorporar dados sobre as escolhas de cônjuge realizadas pelos integrantes da primeira geração, especialmente sobre um dos grupos de famílias que, *pobre* no início, aparece com menos frequência nos documentos. Ao mesmo tempo, o fato de que a instalação de ambos os grupos de parentesco em Serro Verde tenha se dado há pouco mais de um século, facilitou a descoberta, nos registros, de dados sobre os movimentos realizados na cidade por seus primeiros integrantes.

Parte dos dados utilizados foi recolhida e selecionada nos Arquivos locais - Certidões de Casamento, Nascimento, Óbitos, Inventários, Testamentos e Jornais. Os Arquivos pessoais forneceram-me títulos familiares, fotografias de antepassados e, em alguns casos, cartas de amor. Outra parte dos dados provem de entrevistas em profundidade, realizadas durante sucessivas visitas ao município com pessoas cujas idades oscilam entre 28 e 105

anos e que podem ser enquadradas em quatro grupos etários.⁷

Os casais que fundaram o grupo de parentesco que estou considerando em primeiro lugar, ao qual chamarei de Moraes, instalaram-se em Serro Verde pouco depois da fundação do povoado, com características de grandes proprietários de terras. Uma parte do grupo se manteve como tal até aproximadamente 1920, década em que se iniciou o declínio do grupo como um todo. Posteriormente, só se mantiveram como grandes proprietários de terras os descendentes dos Moraes que realizaram *casamentos proibidos* e, entre estes, casamentos com pessoas do segundo grupo de parentesco: os Pinheiro Leitão.

Os Pinheiro Leitão eram no princípio *pequenos sitiantes* que, a partir de recursos obtidos mediante estratégias matrimoniais, desenvolvimento de atividades comerciais, financeiras e uma oportuna trajetória política, foram gradualmente concentrando poder. Atualmente, parte deste grupo concentra o poder político e econômico, integrando o setor dominante da cidade. Outra parte dos Pinheiro

7

Adiante explico detalhadamente a metodologia empregada; vejam-se pp. 41 e seguintes.

Leitão, mais numerosa, pertence às camadas médias.⁸

No transcurso da história de Serro Verde, os casamentos foram cuidadosamente considerados tanto pelos setores das parentelas que integravam as camadas médias como pelos que compunham as camadas dominantes.⁹ Quero dizer que desenvolveram-se rígidos sistemas de controle para orientar a direção das alianças. Estes controles começaram a suavizar-se entre as famílias que integravam as camadas médias num período relativamente recente, mais precisamente a partir de 1950. É possível que por esta época tenha começado a entrar um critério mais amplo na definição de quem poderia ser considerado igual para casar. Quer dizer, é possível que tenha começado a predominar

⁸ A categoria camada tem sido amplamente empregada na produção brasileira que trata de família - sobretudo em se tratando de camadas médias - , para referir-se a setores não homogêneos nos quais é difícil estabelecer uma caracterização suficientemente abrangente no nível político e ideológico. Veja-se, por exemplo, Abreu Filho, 1980. Esta categoria, permitindo definir os grupos sociais a partir de vários critérios, incorporando conceitos tais como estilos de vida, visão do mundo, grupos de status, etc, pareceu ser um instrumento mais apropriado para pensar as hierarquizações vigentes no universo das famílias de Serro Verde do que os conceitos que definem os grupos a partir de um único critério - como o de classes sociais por exemplo, pensado como estabelecimento de grupos a partir de sua posição na estrutura produtiva.

⁹ Num sentido menos estrito, os grupos de parentesco de Serro Verde correspondem às parentelas tal como foram definidas por Pereira de Queiroz, ou seja, grupos de descendência bilateral, que abarcam ascendentes e descendentes de várias gerações, colaterais, consangüíneos e afins (Queiroz, 1975).

uma amplitude maior do conceito de *homogamia*, apontado por Trigo. (Trigo, 1986).¹⁰

Nas famílias integrantes das camadas dominantes, ao contrário, as opções matrimoniais - cônjuges possíveis - foram severamente controladas tanto no passado quanto nas últimas décadas. As histórias de *amor rebelde* sucederam-se pelas gerações, desde finais de 1880 até 1970. Apesar de todos os controles, as mulheres fizeram *casamentos proibidos*, primeiro entre os Moraes e depois entre os Pinheiro Leitão e, entre as uniões transgressoras, aquelas que uniram integrantes dos dois grupos de parentesco foram particularmente rechaçadas.

*

Na primeira e segunda parte deste trabalho discutirei os dados da investigação relativos à aliança e à transmissão de bens nas duas parentelas. A perspectiva de Bourdieu é uma via interessante

¹⁰

Para a autora, os determinantes de igualdade foram mudando com a substituição, no Brasil, de uma ordem estamental por uma sociedade de classes. Assim, as variáveis que identificavam um agente social como igual, deixaram de referir-se à parentela e passaram a centrar-se em outras - o nível de instrução, a profissão e o poder aquisitivo - que se adequavam aos valores familiares (Trigo, 1986)

para a análise do material. O autor elabora uma síntese particular, pensando a cultura como prática e como algo que para além dela a organiza, estruturando os interesses e ações pessoais e, enfim, as escolhas individuais (Bourdieu, 1980). Considerando os casamentos como resultado de estratégias - as melhores possíveis - destinadas à transmissão do patrimônio, Bourdieu elenca diversos fatores que intervêm nas escolhas, dando ao patrimônio um lugar de destaque. O autor atribui particular amplitude ao conceito de patrimônio pois considera-o integrado pelo capital material e simbólico (Bourdieu, 1972).

Metcalf mostra que as estratégias de reprodução familiar - postas em evidência nos casamentos - se vêem realçadas particularmente nos momentos de transmissão de heranças (Metcalf, 1983). Penso que o que ambos os momentos revelam é uma inter-relação dos desejos e vontades individuais e os limites estabelecidos pelos grupos objetivando proteger - através da reprodução de patrimônio no sentido amplo do termo, tal como o emprega Bourdieu - a reprodução familiar.

Acompanhar o caminho percorrido pelos bens materiais de uma família é uma das possibilidades de aproximação da trajetória realizada por uma parte do patrimônio familiar. Ademais, é a via mais acessível ao passado distante das famílias com as quais estou trabalhando. Os Registros de Casamento e Inventários de Cartório, que praticamente são os únicos documentos que me dão acesso à reconstrução do período mais antigo - além de poucos jornais- , não forneceram

informações sobre o amor... porém colocaram em evidência litígios relacionados com heranças e problemas apresentados pelas uniões consensuais. As heranças parecem ter sido um tema recorrente, em torno do qual giraram uniões e conflitos até a década de 1930 entre os componentes do grupo de parentesco considerado em primeiro lugar e, posteriormente, entre a parentela apresentada em segundo lugar. O material permite observar como foi se dando a concentração de poder entre alguns integrantes das famílias e o papel estratégico desempenhado pelos casamentos neste processo.

O amor, jogando a favor da realização ou da impossibilidade dos casamentos, será apresentado na terceira e quarta parte deste trabalho, que estão centradas no universo feminino do grupo. Às mulheres de Serro Verde, presas na rede de proibições matrimoniais com laços infinitamente mais rígidos que os homens, coube-lhes *lutar por amor*.

Na última parte desta dissertação discuto os significados que o amor - tal como creio ser concebido pelos integrantes dos dois grupos de famílias investigados em Serro Verde - assume e sua relação com as estratégias matrimoniais desenvolvidas.

2. UMA CIDADE LUMINOSA

Quando cheguei a Serro Verde pela primeira vez, o começo do verão tingia de cores vibrantes o céu e as colinas do sul de Minas Gerais.¹¹ Diversos tons de laranja, verde e azul predominavam na paisagem dos campos vizinhos. As fazendas próximas, visíveis de qualquer esquina, matizavam-se intermitentemente pelo branco das flores de café. Os flamboyants iluminavam os casarões antigos de Serro Verde e, um pouco mais longe, as casas das fazendas. Seduzida pelo cenário, percorrendo sem pressa a cidade e os campos próximos, comecei a escutar os primeiros relatos acerca dos proprietários daquelas terras que pareciam rebentar em cores. As conversas sobre as *histórias de amor* da cidade surgiram mais tarde, em meio às prosas femininas que acompanhavam as reuniões de todas as tardes.

O que hoje é Serro Verde começou a formar-se na década de 1820, a partir de um casario ao redor de uma capela construída pelos habitantes de uma vila vizinha. Uma série de mudanças, relacionadas com a economia cafeeira, transformaram aquele casario inicial na cidade luminosa que conheci. Mas contarei a história do lugar mais adiante, em conjunto com a trajetória dos dois grupos de

¹¹ Minha primeira visita à cidade, fruto de um acaso semi-turístico, deu-se em outubro de 1985.

parentesco tratados nesta investigação. Prefiro deter-me, por hora, na cidade que conheci, no lugar em que foram recriadas as *histórias de amor e casamentos*. Minha idéia é apresentar um panorama da cidade, introduzindo ao mesmo tempo os espaços e situações em que se manifestam as hierarquias sociais vigentes.

Serro Verde está ligada a uma série de outras cidades por aproximadamente 40 kms de distância. Sua população urbana atinge cerca de 9600 habitantes; a população rural é de 9000 habitantes.¹²

A principal fonte de riqueza da cidade reside na produção agrícola, sobretudo na de café, embora a produção de arroz, feijão, milho, frutas e legumes também seja importante. Criam-se aves para corte e gado principalmente bovino para a obtenção de leite. Serro Verde conta com seis fábricas (guaraná, alumínio, macarrão, adubos e insumos agrícolas básicos e confecção de roupas para adultos e crianças) que ocupam um número reduzido de trabalhadores (de 10 a 40 cada uma) (Prefeitura Municipal de Serro Verde, s/d.).

Os distintos setores do comércio, os bancos (do Brasil, de Crédito Real, de Minas Gerais, Itaú, Caixa Econômica Federal) e a rede de serviços ligados à administração, saúde e educação constituem as outras fontes de emprego.

Distinguem-se em Serro Verde duas camadas sociais comparativamente mais altas, constituídas basicamente por famílias de

¹² Ambas as cifras correspondem ao censo de 1980 (Questionário da Realidade Municipal. 1984. NIDOC. CPLANO).

fazendeiros cuja maior fonte de riqueza é a exploração agrícola, e, em menor número por proprietários de indústrias. Algumas famílias das camadas altas exploram ambas atividades, participando também de instituições financeiras e/ou empreendimentos ligados ao comércio. Paralelamente, uma parte das famílias deste grupo manteve-se, durante o desenvolvimento da cidade, intensamente ligada à vida política local.

São raras as mulheres com mais de 35 anos hoje - e pertencentes às camadas altas - que exercem atividades remuneradas. A maioria das que ultrapassam esta idade ocupa-se da organização doméstica e desenvolvem uma série de atividades sociais relevantes para as realizações econômico- políticas das famílias. Um pouco integrantes desta fração do setor feminino dedicam-se à administração das fazendas. Embora se admita que algumas administrem muito bem seus campos, suas atividades, associadas com situações de solidão, são geralmente desvalorizadas. Trata-se de algumas viúvas e mulheres consideradas *solteironas esquisitas*, demasiado masculinas, e de outras não muito *bem casadas*.

Entre as mais jovens integrantes das camadas altas algumas estudaram em universidades brasileiras e estrangeiras de prestígio. Várias delas, casadas e solteiras, exercem atividades remuneradas em bancos e empresas diversas.

As camadas médias compõem-se de comerciantes, bancários, profissionais liberais, professores e pequenos sítiantes. Os últimos - proprietários de terras com até 50 hectares - constituem 78 % do total

dos proprietários de terras em Serro Verde.¹³ Algumas mulheres componentes das camadas médias são exclusivamente donas de casa. A maioria, além das tarefas domésticas, exerce ocupações remuneradas nos setores administrativos, de saúde, educação e no comércio. Muitas têm negócios completamente independentes.

As camadas de menores recursos têm ocupações sazonais. Os homens desempenham diversas funções no setor terciário. O trabalho feminino se concentra nos supermercados - caixa e limpeza -, no comércio e no serviço doméstico. Entre maio e agosto grande parte da força de trabalho feminino abandona as ocupações mencionadas para dedicar-se à safra de café, atividade que lhe permite duplicar ou triplicar o salário. A camada de menores recursos compõe-se, também, de homens e mulheres bóias-frias, que trabalham todo o ano nos campos dos fazendeiros de Serro Verde.

Sem chegar a ser opulenta, Serro Verde causa a impressão de ser uma cidade rica. As casas são solidamente construídas e quase todas rodeadas por amplos e coloridos jardins. Das varandas assomam camélias e gerânios. Conservam-se poucas construções do século passado. Os casarões bem cuidados das ruas centrais - alguns são pequenos palacetes - com escadarias e profusão de colunas, pintados de rosa, azul e verde e que aparecem intercalados entre casas modernas,

¹³ É necessário considerar esta cifra com cuidado, pois existem pessoas que possuem, simultaneamente, várias propriedades de menos de 50 hectares. Estes dados provêm do Questionário da Realidade Municipal. 1984. NIDOC. CPLAN.

são edificações das décadas de 1920/ 1930. As casas mais recentes, construídas com profusão de tijolo à vista e cerâmicas têm amplas garagens nas entradas. O *Jardim Velho*, orgulho da cidade durante muito tempo, data aproximadamente da mesma época. Os jovens do Serro Verde atual *paqueram* nos calçadões da cidade. Décadas atrás, o passeio ao entardecer entre as roseiras e alfenas simétricas do *Jardim Velho* constituía o ambiente obrigatório para a troca de olhares interessados. Era o local privilegiado para o *flerte*.

As famílias das camadas médias e altas de Serro Verde - tanto as que habitam em casas modernas como as que vivem em velhos casarões - apreciam móveis e objetos antigos. Armários e penteadeiras de cristal do fim do século e móveis modernos coexistem. Louças inglesas, retábulos de madeira, imagens antigas de santos talhadas em madeira talhada e retratos a óleo dos antepassados ou de suas fazendas adornam as salas.

A maior parte das casas antigas das fazendas remonta às primeiras décadas deste século. A única sobrevivente do século passado, com paredes brancas por dentro e por fora e com grandes espaços abertos contrasta, por sua simplicidade, com as construídas entre 1910/20. Algumas destas últimas mantêm o aspecto que tiveram no passado, conservando a disposição interna e as pinturas originais. Frisos com flores, frutas e anjinhos rosados cobrem paredes e tetos. Entre as peças antigas que aparecem nos cômodos, predominam rocas e gamelas rústicas. Para os integrantes das camadas médias e altas de Serro Verde, o ideal seria herdar estes tesouros dos antepassados.

Diante desta impossibilidade, os que são considerados *novos-ricos* vasculham as casas *pobres* dos arredores em busca de móveis e objetos antigos, tidos como signos de distinção. Os parques das casas de fazenda, cuidados com o mesmo esmero dos jardins das casas da cidade, chegam a ser mais sofisticados. As carroças antigas que serviam, entre outras coisas para o transporte de café, são agora expostas, cuidadosamente conservadas, nas proximidades das casas. Lagoas artificiais habitadas por patos são complementos ocasionais dos parques das fazendas dos *ricos* locais. Araras coloridas e macacos barulhentos conferem um ar tropical.

As casas brancas e retangulares dos colonos estendem-se para além dos jardins. Uma infinidade de gaiolas com pássaros enfeitam as paredes exteriores. As casas dos trabalhadores têm pisos vermelhos e muitas conservam os tradicionais fogões de lenha.

As construções que abrigam as máquinas de beneficiar café estão um pouco mais distantes. Amiúde nelas se encontram balanças e carrinhos de ferro ingleses do final do século passado. E, em algumas fazendas, completando o encanto, conservam-se antigas capelinhas brancas.

Para todos os grupos sociais da região, a relação entre a roça e a cidade é extremamente próxima. Muitos *boias-frias* vivem na cidade e são transportados à roça diariamente, em caminhões. Inversamente, os trabalhadores que vivem no campo são transportados para a cidade nos fins de semana. Nos sábados e domingos algumas

famílias de colonos transitam, a cavalo, pela rua principal. Empreendem uma viagem de uma hora ou uma hora e meia para ir à missa, ver gente e movimento e tomar sorvetes na cidade.

A maioria dos fazendeiros vive na cidade, mas se desloca ao campo pela manhã e pela tarde. Entre os mais *ricos*, que têm *casa boa* na roça, a permanência nelas durante as tardes livres e fins de semana, bem como o fato de habitá-las permanentemente, lhes confere conotações de distinção. Atualmente, entre as camadas altas de Serro Verde a casa principal é a que fica na cidade. Para os integrantes destes grupos sociais, residir nas fazendas só é possível quando se tem o excedente suficiente para nelas manter uma casa extra, totalmente equipada.

Em muitos casos, as famílias dos fazendeiros foram estabelecendo suas residências conforme o ciclo de vida familiar. Recém-casados com filhos pequenos viveram nas fazendas até que as crianças alcançassem idade escolar. Posteriormente, ficaram na cidade até que todos os filhos casassem ou partissem para a universidade. Voltaram então à roça, ali ficando até envelhecer ou até a morte do cônjuge.

Na cidade - de segunda a sexta- , de manhã cedo, ao meio dia e entre as cinco e seis da tarde - momentos de maior movimento - há muita gente circulando pela rua principal. Na sua maioria, as pessoas que transitam estão *bem vestidas*. São jovenzinhas de pele clara, com cabelos cortados segundo a moda; empregadas de banco com brincos, pulseiras e anéis de ouro; homens que vão à roça em

caminhonetes e um ou outro *camarada* a cavalo.

Vêem-se poucos mendigos ou menores abandonados pelas ruas. A maioria deles, bem como os *louquinhos* locais estão alojados em asilos e orfanatos administrados pelo Centro Espírita, pela Igreja Católica e pelas senhoras da *sociedade* local.¹⁴

Os habitantes de Serro Verde mantêm contatos freqüentes com as cidades vizinhas, através de estradas asfaltadas e linhas regulares de ônibus. É comum irem fazer compras nas cidades maiores e visitá-las em busca de profissionais e serviços inexistentes em Serro Verde tais como médicos, dentistas, terapeutas e *mães de santo*.¹⁵ Algumas pessoas trabalham nas cidades próximas e, em função de seus atividades, viajam diariamente. Outras se deslocam a uma ou outra cidade para freqüentar escolas especiais - inexistentes em Serro Verde - , colégios mais sofisticados ou alguma faculdade. O trânsito entre as cidades obedece também a interesses sexuais. Os habitantes de Serro Verde freqüentam motéis das cidades vizinhas e vice-versa.

¹⁴

Os dois asilos para velhos e doentes mentais, o de São Vicente de Paula e o Alan Kardek, mistos, são sustentados por doações da comunidade. Há também dois orfanatos: o Lar das Meninas Mario Castejon Branco, feminino, e o Lar dos Meninos Alan Kardek, masculino.

¹⁵

Em Serro Verde algumas pessoas mais ou menos especializadas fazem *trabalhos* relacionados com umbanda. Não existem terreiros de candomblé ou umbanda na cidade.

A cidade dispõe de uma creche municipal freqüentada por crianças *pobres*. Os filhos das camadas médias e baixas freqüentam as duas pré-escolas municipais e a pré-escola religiosa, das Irmãs Sacramentinas. As camadas altas e parte das camadas médias preferem matricular seus filhos numa pré-escola particular e de maior prestígio, cujas mensalidades são elevadas para os parâmetros locais.

No nível primário, as crianças das camadas baixas e médias-baixas misturam-se nos dois grupos escolares e na escola municipal, que oferecem ensino público. As crianças *pobres* que vivem na roça freqüentam alguma das 27 escolas da região - das quais 17 são estaduais e 10 municipais. Parte destas escolas - assim como as casas populares destinadas aos habitantes mais pobres - foram construídas durante a década de 1980 por governos municipais com ampla preocupação social.

A formação primária e secundária é suprida por um colégio estadual. Atualmente, os filhos das camadas médias e altas - que dificilmente optam pelos grupos escolares - freqüentam o curso primário do referido colégio. Este oferece também um curso noturno, cuja clientela compõe-se exclusivamente de empregadas domésticas e empregados dos mais baixos escalões de bancos e comércio, em suma, integrantes das camadas de menores recursos.

A maioria dos filhos das camadas altas conclui os estudos secundários fora de Serro Verde, em colégios de Riberão Preto,

Campinas, São Paulo ou Mococa.¹⁶ Atualmente, a educação superior é uma preocupação presente tanto nas camadas altas quanto nas médias. As primeiras, na sua maioria, enviam seus filhos e filhas a universidades de São Paulo, Ribeirão Preto e Campinas. Para as segundas, as faculdades das cidades vizinhas são uma opção, sobretudo para as filhas mulheres.

Em termos de assistência médica, parte das camadas médias e alguns integrantes das camadas baixas, recorrem à Santa Casa ou à clínica particular que existe em Serro Verde. As camadas mais altas procuram a Santa Casa exclusivamente, pois a clínica pertence a adversários políticos. Também se consultam em Campinas, Ribeirão Preto e São Paulo.

As camadas médias e altas compartilham certos espaços de lazer: alguns bares novos e a churrascaria. Seus filhos se divertem em conjunto, seja na piscina do *Blube Minas*, nos frequentes bailes, nos bares e lanchonetes e nas excursões às fazendas de uns e outros. As visitas constantes - a parentes e amigos - são atividades centrais nos momentos de lazer de todos. Viagens ao exterior - Oriente Próximo, Europa e Estados Unidos - bem como passeios frequentes a São Paulo e ao Rio de Janeiro para fazer compras, visitar bares, restaurantes, assistir a shows e dançar, integram, há tempos, as diversões das camadas altas. As camadas médias também viajam: visitam parentes em

¹⁶

Atualmente, uma das escolas secundárias mais valorizadas pelos integrantes das camadas altas situa-se na cidade de Mococa.

outras cidades, fazem breves excursões às praias do litoral paulista e incorporaram, nos últimos anos, viagens de lazer ao exterior - desde a década de 1970, jovens das camadas médias viajam à Europa com bolsas de estudo. As viagens de lazer ao exterior, empreendidas sobretudo por setores das camadas médias ligados ao comércio e funcionários do Banco do Brasil, diferenciam-se daquelas feitas pelas camadas altas pela duração - mais breves -, e pelo esquema mais econômico - geralmente são excursões.

As distintas camadas sociais compartilham a maior parte dos espaços públicos da cidade. *Pobres e ricos* também participam, conjuntamente, de determinadas diversões locais. Entretanto, as distâncias entre as diversas camadas são acentuadas em vários aspectos da vida social.

As hierarquias sociais vigentes em Serro Verde manifestam-se na ocupação geográfica da cidade. O centro se estende ao largo e ao longo da rua principal e, desde o *Largo da Matriz* até o *Jardim Velho*, abarca dez quadras aproximadamente. Nesta região concentram-se as casas das famílias consideradas mais ricas. Ocupam este setor da cidade as camadas altas e médias. A camada de menores recursos foi abandonando paulatinamente os espaços próximos ao centro que ocupou no passado. Atualmente, essas pessoas vivem em bairros que formam um cinturão em volta da cidade.¹⁷ Vila Padua, bairro localizado atrás da Igreja foi, há 15 anos aproximadamente, um setor pobre,

17

Ver mapa em anexo.

provedor de serviços domésticos para os grupos mais *ricos* da cidade. As casas ocupadas pelos *pobres* no passado foram reformadas e alugadas a integrantes das camadas médias, que começaram a chegar de outras cidades a partir de 1970. Durante os anos do milagre econômico produziu-se uma ampla expansão dos setores médios de Serro Verde. O dinheiro concentrado na agricultura impulsionou o crescimento do comércio e do setor bancário locais, e, por conseguinte, intensificou a demanda por mão-de-obra.¹⁸ Mocoquinha, Beco do Bambú e as regiões mais ou menos próximas à estação ferroviária - e distantes do centro - são os bairros em que hoje vivem os *pobres*.

As festas religiosas e algumas diversões locais são as ocasiões em que se centraliza - para além das situações mediadas por relações de trabalho - a interação entre as distintas camadas sociais. As missas, festas religiosas, quermesses e cursos preparatórios para a recepção dos sacramentos do culto católico, aglutinam integrantes dos diversos setores sociais. Os outros cultos não têm uma frequência tão heterogênea, já que membros das famílias consideradas *mais ricas* de Serro Verde dificilmente visitam Igrejas Protestantes ou o Centro Espírita local.

¹⁸ Os anos do milagre econômico não promoveram o crescimento da indústria em Serro Verde, tal como ocorreu em outras cidades do interior de Minas gerais. Ao contrário, a indústria local desenvolveu-se bem mais nas décadas de 1940 e 1950 do que posteriormente.

Alguns espaços e momentos dedicados a atividades recreativas são compartilhados pelas distintas camadas sociais, através de uma ocupação que raramente é simultânea. O calçadão, lugar de encontro, é freqüentado, nas horas de maior afluência - domingos à tarde - , por pessoas das camadas altas e médias. Neste horário, os mais pobres circulam pelo Largo da Igreja. Só depois de anoitecer, quando o calçadão é abandonado pelos primeiros ocupantes, é que os pobres nele transitam.

Serro Verde teve vários clubes: o Clube Velho, a Sociedade Operária, o Minas Clube e outros que concentravam a população negra e turca. O Minas Clube foi, no passado, o espaço do grupo privilegiado. Em virtude do fechamento dos outros clubes no transcurso da década de 1950 e sobretudo por conta das festas de eleição de rainhas e do carnaval, o Minas Clube é freqüentado por distintos setores sociais. Nas ocasiões festivas se produz uma distribuição de território diferenciada dentro do clube.

As gincanas do mês de julho e o carnaval são os eventos recreativos coletivos mais contrastantes em termos dos setores sociais neles envolvidos. A composição das equipes das gincanas indica uma nítida diferenciação social. O carnaval de Serro Verde, tal como realizado entre a década de 1960 e final de 1980, reunia ricos e pobres nos mesmos blocos, estabelecendo uma árdua disputa entre duas metades da cidade heterogeneamente constituídas. Todos integravam os blocos de Brás e Belém que se constituíam em torno de uma divisão geográfica. Esta poderia ser representada por uma linha que,

atravessando o centro da cidade, a partisse em duas. Tal divisão geográfica se superpunha à política, basicamente bipartidária de Serro Verde. Membros dos mesmos partidos e das mesmas famílias, unidos no resto do ano contra seus adversários, se opunham durante os meses preparatórios ao Carnaval e durante a festa propriamente dita. Esta consistia numa competição de carros alegóricos e fantasias entre os dois blocos. O prestígio de cada um residia basicamente - afora o refinamento, o luxo das roupas e a criatividade do enredo - na quantidade de pessoas que conseguia reunir. As distintas camadas sociais compartilhavam o uso da maior parte das fantasias. Baianas, índios e arlequins podiam ser representados tanto por *pobres* como por *ricos*. As roupas, desenhadas por figurinistas das escolas do Rio e de São Paulo, eram confeccionadas por costureiras locais. As fantasias eram pagas em mensalidades. Festas e churrascos permitiam reunir o dinheiro para pagar as fantasias dos mais *pobres*. No entanto, apenas as filhas das famílias *ricas*, usando as roupas mais luxuosas, desfilavam sobre os carros alegóricos dos dois *blocos*. O prestígio obtido pelos vencedores se disputava com base no brilho estético e na riqueza, elementos concedidos pelos poderosos da cidade.

Os membros das distintas camadas de Serro Verde estabeleciam relações sociais específicas tanto durante o carnaval como na campanha eleitoral local. Ambas as situações constituíam praticamente as únicas em que os *pobres* frequentavam as casas dos *ricos*, ocupando um lugar diferente do que lhes era atribuído habitualmente. Durante a maior parte do ano os *pobres* transitam pelas

casas dos *ricos*, prestando-lhes serviços ou pedindo favores que são freqüentemente concedidos. É comum encontrar meninos *pobres* comendo e brincando nas cozinhas das famílias das *camadas altas*. Os *camaradas* batem à porta de seus *patrões* pedindo ajuda para transportar algum parente doente. Porém, na excitação dos últimos preparativos dos blocos e no fragor da campanha política, *camaradas* e *patrões* tomavam assento nas salas e alpendres das casas *ricas* para conversar - como se fossem iguais.

O ressurgimento deste *carnaval de rua* organizado pelas famílias da *sociedade* - ressurgimento porque uma antiga tradição de carnaval que incluía corso, desfile de carros alegóricos e muita animação com confetes, serpentinas e lança-perfumes, extinguiu-se entre as décadas de 1950/60 - influiu no desaparecimento do bloco que reunia os *marginais* da cidade. Homossexuais, prostitutas, bêbados e os *pobres* de Serro Verde compunham o *bloco de Braguinha* que, numa espécie de anarquia musical e visual, combinava violões e acordeões, *bumba meu boi* e bonecos gigantes. Deste bloco participavam membros da *Sociedade Operária*, hoje inexistente, e as prostitutas, trabalhadoras de uma *zona* que também deixou de existir.

Nas eleições municipais de 1988, o poder foi assumido por um grupo independente das famílias poderosas de Serro Verde. Pela primeira vez na história eleitoral da cidade, os vencedores foram figuras ligadas às *camadas médias*, eleitos com base no apoio popular. O carnaval, que esteve suspenso por um par de anos, retorna agora com características distintas. Os dois lemas que o promoveram em 1990 -

abolição do luxo e de toda alusão aos blocos de *Brás e Belém* - indicam como os setores médios tentam apagar da memória o peso das elites locais na festa.

O cemitério é, talvez, o último espaço público compartilhado pelos distintos setores sociais. Apresenta, tal como os jardins das casas, um aspecto simétrico e ordenado. Na avenida principal alinham-se cúpulas e estátuas dos túmulos dos mortos pertencentes às famílias que foram *ricas* em algum momento da história da cidade. Na rua sem nome desfila, destacando-se entre os outros sobrenomes, uma longa lista de Pinheiro Leitão.

3. DE INVENTARIOS A CARTAS DE AMOR

As perguntas que orientaram esta investigação levaram-me - na tentativa de responde-las - a utilizar diversos materiais empíricos. Reconstruí genealogias, realizei entrevistas em profundidade e observação participante. Simultaneamente, consultei inventários, testamentos, certidões de nascimentos, casamentos e óbitos. Acompanhei nos jornais e revistas os passos das famílias investigadas e desfrutei da leitura de algumas cartas de amor.

Entre 1986 e 1989 empreendi sucessivas viagens a Serro Verde. O material com que trabalhei foi levantado durante este período. Passei quatro meses em campo, distribuídos numa série de estadias quinzenais.

Durante as primeiras visitas à cidade hospedei-me na casa de uma família pertencente ao grupo de parentesco dos Pinheiro Leitão. Trata-se de uma das famílias das camadas médias, consideradas *parentes pobres* pelos integrantes da parentela. Com o tempo, comecei a perceber com maior clareza as distâncias existentes tanto entre os grupos de parentesco quanto entre os considerados *ricos* ou *pobres* de cada parentela. Passei então a residir, durante as visitas à cidade, no único hotel local. Trata-se de uma pensão modesta na qual se alojam, geralmente, viajantes do comércio. Os familiares dos

habitantes de Serro Verde que residem fora da cidade só dormem na pensão nas ocasiões em que a cidade é muito visitada, no carnaval por exemplo. A vida na pensão não está de todo isenta de acontecimentos pouco recomendáveis para uma *moça de família* tais como a chegada da polícia para retirar algum hóspede embriagado e escandaloso, ou o assédio dos viajantes. Apesar de seus inconvenientes, a pensão representou para mim um espaço relativamente neutro, a partir do qual eu podia me relacionar livremente com os integrantes dos dois **grupos de parentesco**. Além disso ofereceu-me refúgio nos momentos em que sentia a necessidade de distanciar-me das pessoas com as quais estava trabalhando.

Na época em que comecei a residir no hotel, eu já circulava entre várias famílias e era convocada para participar das mais diversas atividades na cidade. Comparti muitos momentos da vida cotidiana dos **grupos de parentesco** - sobretudo a das mulheres. Ocasionalmente algum integrante masculino das **parentelas** levou-me à roça para observar as atividades em momentos de trabalho. Participei plenamente das atividades femininas- idas ao cabeleireiro, trocas de fraldas, visitas à boutique para comprar roupas, ou a preparação das comidas que, envoltas em fitas e papel celofane, destinavam-se às quermesses da Igreja. Participei também de reuniões familiares, festas populares, solenidades municipais, comícios e reuniões de extensão cultural organizadas pela Prefeitura.

Aparentemente, todos estes movimentos têm pouco a ver com o amor e as escolhas de parceiros realizadas no passado. Não

obstante, o conjunto de atividades realizadas durante o meu processo de familiarização com as relações sociais vigentes na cidade me possibilitou a observação da relação que se estabelecia entre os gêneros sexuais. E, principalmente, forneceu dados importantes, relativos às hierarquias sociais imperantes na Serro Verde atual. As diferenças que iam se delineando entre homens e mulheres e entre as famílias consideradas *pobres*, *ricas*, e *novas-ricas*, ajudaram-me a pensar nos filtros através dos quais são narradas as histórias das trajetórias familiares e as de amor.

Foi lento e gradual o processo através do qual fui aceita pelos integrantes dos dois grupos de parentesco. Alguns antropólogos observam que a aceitação *em campo*, longe de ser total e homogênea, depende, na sua relatividade, das diferentes situações colocadas e das diversas pessoas com as quais o antropólogo - a partir de um lugar determinado por uma inter-relação de fatores tais como sexo, idade, estado civil, etc - estabelece relações (Briggs, 1986). Minha percepção das diferentes situações por que fui passando em Serro Verde era a de que a gradual aceitação de meu papel e de minha pessoa, embora crescesse com o tempo, nunca chegava a ser plena. E, no decorrer dos meses, descobri também que quando supunha haver vencido uma parte importante das distâncias com os poderosos locais, alguns tornavam a colocar-me num lugar inferior.

Minha experiência em Serro Verde foi oposta, provavelmente, a da que vivem os antropólogos que trabalham com *pobres* ou com pessoas marginais, num sentido ou noutro, à sociedade. Penso

ter sido vista, pelas pessoas com quem trabalhei, como uma estrangeira *pobre*, que pretendia imiscuir-se em suas vidas, apoiada no duvidoso encanto de uma curiosidade *cientificamente* legitimada. De meu ponto de vista eles eram os *outros*. Mas uns *outros* ativos que pareciam imaginar-se como integrantes de um universo culto, rico e poderoso.

Crapanzano ressalta a negociação que permeia o intercâmbio entre investigador e investigados (Crapanzano, 1980). Partindo de uma posição claramente inferior aos olhos de pelo menos uma parte das pessoas com quem trabalhei, a negociação inerente a todo trabalho antropológico se estabeleceu em bases frágeis e pouco auspiciosas. E, se havia reticências e um certo incômodo por parte dos integrantes das *parentelas*, também havia preconceitos e ambivalências de minha parte. Predisposta a simpatizar bem mais com os *bóias-frias* do que com os seus *patrões*, a empatia que de imediato senti por meus informantes em experiências de *campo* anteriores, não parecia se repetir com as pessoas com as quais queria trabalhar agora. Lentamente, porém, fomos estabelecendo alguns pontos de identificação e respeito mútuo que possibilitaram iniciar um processo de intercâmbio. O romantismo nostálgico das senhoras idosas, a coragem e a picardia dos velhos, o prazer estético proporcionado pelos *casarões*, *móveis* e objetos antigos foram os pontos de apoio para que eu abandonasse minha própria ambigüidade. Os homens e mulheres com quem trabalhei, por outro lado, começaram a deixar transluzir boa vontade. Eles traduziram por *inteligência* minha rapidez em desenhar enormes genealogias. Elas, ao invés de execrar minha independência, puseram

minhas idas e voltas pelo mundo num espaço desejável na esfera de suas fantasias.

As mulheres foram as primeiras a me aceitar em Serro Verde. Mães de família, filhas e avós criam um clima de intimidade - em meio aos cafézinhos com torta às três da tarde, visitas de inúmeras tias e vizinhas que tecem, bordam, costuram e trocam moldes - ao qual meu acesso enquanto *moça de família* foi infinitamente mais fácil do que ao mundo estritamente masculino. Mesmo assim, minha incorporação ao mundo feminino foi um lento processo, no transcurso do qual as mulheres iam revelando-me cada vez mais suas histórias. Num primeiro momento, fui recebida unicamente por ser amiga da filha de uma das famílias.

Aquilo que foi qualificado como minha *seriedade e minhas prendas* - desde a habilidade para tricotar pontos complicados até o ensino de receitas culinárias relativamente exóticas - foi equilibrando a desconfiança suscitada por minha situação de mulher sozinha e estranha.

A posição inferior a qual minha condição de estudante *pobre* me relegava aos olhos das famílias *mais ricas* foi sendo neutralizada não somente em função de meus conhecimentos gerais mas, principalmente, pela minha capacidade de acumular mais conhecimentos do que elas possuíam acerca de alguns de seus próprios parentes. Minhas ausências de campo durante o Natal ou a Páscoa para visitar minha própria família ou para receber meus pais e irmãos fizeram com que eu passasse da condição de *sem família* para *de família*. Essa

mudança de percepção converteu-me na moça de família, tão sozinha no Brasil a coitadinha e provocou, nas mulheres, um sentimento de proteção em relação a mim. No último período que passei em Serro Verde, a preocupação de algumas senhoras era a de providenciar um bom marido local, que assegurasse minha permanência na cidade.¹⁹ No decorrer desse processo, minha interação com os integrantes dos grupos de famílias passou a se intensificar gradualmente. Comecei a dormir nas casas - pelo puro prazer de esticar as conversas - e uma vez ou outra nas fazendas das pessoas com quem trabalhei. Passei as manhãs e tardes em que não ia aos cartórios e quase todos os serões nas casas de alguns integrantes das parentelas. Em troca, solicitaram-me diversas coisas. Desde uma fotografia de Alfonsín até minha participação na organização de uma exposição histórica, passando pela tradução de folhetos relacionados à saúde, a participação no corpo de jurados que elege a rainha do café e minha opinião sobre os assuntos mais variados. Com o tempo deixei de me sentir insegura quando recusava os convites. Satisfiz alguns pedidos mas neguei muitos outros, especialmente aqueles que colocavam-me numa posição tal que os integrantes dos grupos de parentesco poderiam mediatizar, através de mim, seus conflitos.

¹⁹

Golde comenta a experiência de antropólogas solteiras em campo que os informantes querem casar. A autora ressalta que, para além das intenções aparentemente carinhosas, há o interesse em que, através do casamento, aquelas deixem de representar, enquanto sós e anômalas, um perigo para a comunidade (Golde, 1986).

Quando o trabalho de campo estava praticamente concluído, pediram-me algo diferente. A esposa de um dos membros das *famílias ricas* estava organizando uma reunião familiar. Tratava-se de reunir todos os descendentes do avô paterno de seu marido na casa da fazenda em que alguns haviam nascido. O pedido consistia na composição de uma genealogia completa de todos os descendentes, incluindo os recém-nascidos - o que significava abarcar seis gerações. Depois de pronta a genealogia seria fotocopiada e distribuída a cada família como uma lembrança da reunião. Entretanto, se esperava bem mais de mim: desejavam que estivesse presente à grande festa para explicar a genealogia e fornecer informações históricas sobre a família. O que a princípio pareceu simpático e até emotivo - afinal, os pedidos pareciam indicar que a minha presença na cidade havia incentivado a preocupação de algumas pessoas por suas origens - começou a deixar de sê-lo quando cheguei à cidade para satisfazer o pedido. Percebi então que, apesar da amabilidade, consideravam minha obrigação trabalhar 10 horas diárias durante o fim de semana para dar brilho à festa. Uma vez que eles possibilitaram, com sua colaboração, que eu realizasse uma tese em meu único benefício, consideravam que devia necessariamente cooperar sem descanso para a sua reunião. Encontrei-me de repente na incômoda situação de estar ajoelhada no chão de uma casa, único lugar em que era possível desdobrar o enorme papel em que desenhava a genealogia, rodeada de mulheres sentadas nos sofás ordenando que retirasse ou incorporasse novos parentes - não sem antes explicar-me que sabiam muito bem em que consistia uma

genealogia, pois as faziam para estabelecer o *pedigree* de seus cavalos. A situação se tornou claramente violenta quando parti, depois de entregar a genealogia, recusando-me a assumir o papel de bufão do rei científico na festa familiar. O confronto suscitado pela festa evidenciou minha ingenuidade em pensar que nossas diferenças haviam sido vencidas, e fez-me perceber que o que realmente havia ganho, ao menos entre este grupo de pessoas, não era exatamente carinho e confiança, mas algumas concessões para que realizasse um trabalho que supunham poder dar brilho as suas famílias.

Relacionei-me também com pessoas das camadas médias não pertencentes aos grupos de parentesco, com as quais partilhei uma série de atividades de lazer sem a presença dos *ricos*. Tais relações permitiram-me circular por um Serro Verde diferente daquele freqüentado por boa parte dos integrantes dos grupos de famílias e ofereceram-me o calor de algumas amizades. Durante o tenso período inicial, a relação estabelecida com pessoas das camadas médias - que se consideravam francamente minhas iguais - foi um porto seguro para atenuar minha ansiedade. Conversando com elas pude também observar que o interesse suscitado pelas histórias de amor extrapola o âmbito das parentelas consideradas. As narrativas amorosas, cujas heroínas são integrantes dos dois grupos de famílias, são recriadas por pessoas da cidade que não estão ligadas a elas por laços de sangue.

A metodologia seguida no curso da investigação foi-me sugerida por vários trabalhos na área de história da família. Corrêa aponta a riqueza das informações que as genealogias chegam a oferecer, enquanto fontes geradoras de diversos índices que permitem compreender as situações familiares (Corrêa, 1984). As famílias com que trabalhei não dispunham de genealogias prontas, como ocorre com descendentes da nobreza e famílias de elite brasileiras. Considerando-as fundamentais para o desenvolvimento da investigação dediquei-me, numa primeira etapa de trabalho, a reconstruir as genealogias dos dois grupos de parentesco. Foi uma tarefa lenta, executada sobre a base da informação oral e do material extraído às certidões de casamentos, nascimentos e óbitos. Todas as fontes de informação consultadas estavam incompletas.²⁰

Os inventários fornecem, basicamente, informação relativa à transmissão de bens. Mas também fornecem dados completos sobre a filiação de pessoas envolvidas na transmissão de propriedade e de alguns de seus antepassados. Estes documentos constituíram uma

²⁰ As certidões de nascimentos, casamentos e óbitos anteriores a 1889, ano em que foram criados os cartórios, permaneciam na paróquia de Serro Verde. No entanto, devido a uma série de reformas realizadas na paróquia em 1970, as certidões foram transportadas para a sede do seminário da cidade. Na mudança muitos documentos se perderam.

fonte importante para a localização dos primeiros integrantes das genealogias.²¹

As pessoas mais idosas com quem trabalhei recordam com dificuldade os nomes dos ancestrais mais remotos. Tios, avós, bisavós e tataravós se confundiam com frequência. Mesmo assim a informação oral ajudou muito na montagem das genealogias, pois a memória familiar funcionou como uma bússola, orientando-me nas buscas pelos registros. Estes foram consultados extensivamente para o período de 1880-1930. A partir desta última década, a reconstrução genealógica se apoiou basicamente na informação oral. Os registros consultados, fosse para obter dados genealógicos, ou informações relativas ao patrimônio e atividades econômicas, foram utilizados à maneira do que Plakans denomina *record linkage*; ou seja, estabelecendo permanentemente vínculos entre eles, a fim de resgatar toda a informação possível sobre determinados indivíduos (Plakans, 1986).

Cada uma das genealogias utilizadas na investigação conta com mais de 100 pessoas. Ambas abarcam, basicamente, cinco gerações. Uma vez montadas pareciam, apesar de incompletas, enormes e áridas. Lentamente, começaram a tomar corpo e acabaram por se tornar um mapa fundamental da investigação. Preenchidas pela informação que

²¹

Enfrentei problemas similares com os inventários. Um número considerável dos registrados nos índices dos cartórios de Serro Verde, especialmente os correspondentes ao período anterior a 1920, desapareceram dos livros em que deveriam constar.

ia se acumulando em torno de cada círculo e de cada triângulo, permitiram-me ler as tendências que cada geração seguiu nas escolhas de cônjuge. Foi possível contrastar as gerações que casaram fora do grupo e as que concentraram casamentos consanguíneos. Pude estabelecer as ondas migratórias, de distinta composição sexual nas diversas gerações. As genealogias permitiram visualizar a presença de solteiros nas várias gerações e evidenciaram o fato de que, entre os considerados *ricos*, foram os homens, em geral, os que permaneceram solteiros em Serro Verde. São raras as mulheres de *camadas altas* que não casaram.

As reconstruções genealógicas, destacando estes aspectos, facilitaram a contextualização das escolhas de cônjuge. Permitindo situar os protagonistas em suas posições genealógicas, forneceram elementos importantes para pensar nos significados das diferentes escolhas de parceiros e das emoções que os narradores relacionam com elas.

Tentei reconstruir o estilo de vida e os bens possuídos pelos componentes dos grupos de famílias seguindo vários caminhos. A tradição oral, as fotografias de épocas diversas, notas publicadas em jornais diários e revistas forneceram-me informação relativa àqueles temas. Porém a maior parte dos dados sobre a propriedade - e de sua transmissão - foi extraída aos inventários e testamentos. Comecei a trabalhar com os inventários tomando como ponto de referência os

daqueles considerados líderes das parentelas.²²

Os testamentos são documentos mais interessantes do que os inventários, já que expressam claramente os desejos e preferências individuais. No entanto, o número de testamentos é inferior ao de inventários. Poucos foram os integrantes das famílias que estabeleceram disposições relativas a sua morte nas décadas em questão.²³ Este número reduzido de documentos mostra o caráter nitidamente diferente das disposições masculinas e femininas mas impede que eu afirme a existência de um estilo de transmissão de propriedade diferenciado por gênero sexual.

Revistas e jornais forneceram-me dados sobre os temas mais variados, relacionados de alguma maneira com o tema desta dissertação. Sua leitura permitiu me acompanhar os tipos de diversões que iam predominando na cidade, quem se reunia para compartilhar os *soarans* musicais ao entardecer, quais eram os presentes de casamento que se ofereciam aos jovens noivos, etc. Pude imaginar o estilo de poesia romântica que circulava, em certas épocas, entre os jovens que utilizavam um jornal à maneira de *correio elegante*. Os jornais

²² Consultei, para o período de 1879/1930, 10 inventários, 3 de mulheres e 7 de homens.

²³ Nos inventários consultados para o período mencionado, encontrei apenas 5 testamentos, 2 femininos e 3 masculinos. Os testamentos femininos apareceram em inventários abertos em 1888 e 1911. Os masculinos em 1873/76 e 1892. As datas em que foram redigidos são, necessariamente, anteriores.

diários e as revistas descrevem as indústrias que floresceram, perduraram ou morreram na cidade. E, fundamentalmente, oferecem valiosa informação sobre a história política local. Líderes, alianças e inimizades são retratados nas páginas dos jornais diários a que tive acesso. Graças à iniciativa de um historiador local, que trabalhou intensamente na cidade, publicaram-se três coleções de jornais que cobrem distintos momentos do período de 1902/ 1975.²⁴

Já observei que cada parte do material utilizado é fragmentária. As genealogias não estão completas, tampouco foi possível revisar todos os inventários. Mas os fragmentos vão se completando uns aos outros em diferentes níveis. Algo semelhante ocorre com as cartas de amor. Tive acesso a boa parte das cartas recebidas por um jovem na década de 1970 e ao pouco que restou das cartas enviadas a sua namorada. Nesta correspondência há muitas cartas de amor. Articulando-as com outras seções do material, pude pensar no estilo romântico imperante em alguns momentos da história de

²⁴

O professor Carrato conseguiu, através de uma convocação à população de Serro Verde, reunir publicações há muito desaparecidas. Reuniram-se também todo tipo de documentos antigos e fotografias. Parte deste material, depois de mostrado numa exposição local, passou a integrar o acervo do futuro museu de Serro Verde. Estas iniciativas, o fato da Prefeitura ter apoiado a publicação das coleções de jornais, e da diretora do futuro museu permitir que mantivesse as edições em meu poder por períodos de tempo consideráveis, possibilitaram-me trabalhar com um material cujo acesso teria sido muito difícil em outras condições.

Serro Verde.

Trabalhei na reconstrução histórica com todo o cuidado possível. Devo ressaltar, entretanto, que esta dissertação é sobretudo um trabalho antropológico. Embora leve em conta as mudanças que vão se produzindo, década após década, nos distintos aspectos da vida das pessoas consideradas e, de geração em geração, nos tipos de escolhas de parceiros, certos aspectos do material são considerados sincronicamente. Assim, os valores que subjazem aos estímulos e proibições paternos, ao amor e à paixão, são analisados conjuntamente, na tentativa de estabelecer as relações entre uns e outros na narrativa local.

Tratei de organizar os dados seguindo os passos assinalados e, para além do maior ou menor êxito na articulação do material obtido, algumas limitações se me impuseram. Parte do material consultado (os inventários, por exemplo) referente às últimas décadas de que trata este trabalho foi, como já observei, difícil de reunir. O material qualitativo, relacionado com as concepções acerca do amor e sua relação com as escolhas de parceiros - levantado basicamente através de entrevistas em profundidade - foi coletado com facilidade, precisamente quando se referia à segunda metade do período considerado, ou seja, entre 1930 e 1970. Das entrevistas formais com gravador participaram basicamente 22 pessoas, 14 mulheres e 8 homens. Trabalhei com 3 mulheres e 1 homem na faixa etária entre 30 e 40 anos; com 4 mulheres e 1 homem entre 40 e 50 anos; com quatro mulheres e 2 homens entre 60 e 70 anos e com 5 mulheres e 3 homens entre 70 e 105

anos. Outras pessoas forneceram material qualitativo numa infinidade de situações informais.

As entrevistas que considero formais realizaram-se com cada uma daquelas pessoas durante sessões sucessivas e muitas vezes prolongadas. Uma pequena parte dos entrevistados - cinco pessoas - não são integrantes das parentelas, mas profundos conhecedores de ambas, forneceram-me valiosos pontos de vista acerca de suas trajetórias e importância na história local.

O objetivo das entrevistas restantes, realizadas com os integrantes dos grupos de famílias, foi o de registrar histórias de vida não exaustivas porém muito mais amplas do que entrevistas apenas temáticas. Além das escolhas de parceiros, também versaram sobre inúmeros aspectos relacionados com trajetórias familiares, cotidiano, educação, valores religiosos, etc., dos integrantes dos grupos de famílias considerados.

As situações de entrevista provocaram emoções diferentes. Uma pequena parte dos homens entrevistados preferiram aprofundar-se nas próprias escolhas de parceiras. Todos se detiveram muito mais nas relações políticas, na história das fazendas de Serro Verde e se divertiram contando histórias alheias. A recordação das antigas *paqueras* e as próprias *historias de amor* foram contadas com extremo prazer pela maioria das entrevistadas. Contudo, em algumas ocasiões os encontros foram interrompidos pelo choro provocado pela evocação de seres muito queridos ... e perdidos. Tive o privilégio de, em alguns momentos, trabalhar simultaneamente com integrantes de

duas gerações - sogra e nora; mãe, pai e filha; tias e sobrinhas - que comparavam seus pontos de vista à luz de suas experiências particulares.

O discurso feminino aparece relativamente privilegiado neste trabalho. Isto se deve a uma série de fatores. Creio que o volume e a profundidade da informação relativa à experiência das pessoas acerca de seus amores e escolhas de parceiros tem estreita relação com o caráter de minha inserção no local da investigação.

A percepção que iam forjando de mim - enquanto mulher, jovem, não casada nem rodeada pela família, embora *de família* - associada à representação dos mundos masculino e feminino vigentes, permitiu-me participar plenamente do universo e confidências femininas recortando e restringindo ao mesmo tempo a relação possível com o setor masculino. Pude conversar informalmente com homens jovens - até 35 anos - pertencentes às camadas altas e médias nas várias situações em que - acompanhados por suas namoradas e esposas - freqüentamos bares e participamos de reuniões. Entretanto, foram raríssimas as ocasiões em que conversamos sem a companhia de suas mulheres. Entre as pessoas dessa faixa etária, ainda se evita mencionar *outros* amores e experiências sexuais na presença do parceiro (ou parceira). Portanto, a dificuldade em manter contato a sós com o sexo oposto dificultou a obtenção de informação. Nas poucas ocasiões em que estes encontros foram possíveis, conversei com homens jovens que, compreendendo o objetivo da pesquisa, dispuseram-se a colaborar, fornecendo um material riquíssimo - às escondidas de suas esposas.

Não foi possível estabelecer o mesmo tipo de interação com os homens que têm atualmente mais de 35 anos. Pude visitá-los em seus locais de trabalho ou em suas casas, sempre acompanhados de suas famílias. Nestas situações, as conversas giravam em torno de casamentos, política, fazendas e dinheiro. Contudo, o clima de intimidade e confiança necessários ao levantamento de um material mais profundo e completo, não se fez presente. Esta parte do setor masculino costuma criar um clima mais propício para a transmissão de informações relativas sobretudo à sexualidade, reunindo-se em grupos nos bares e lanchonetes da cidade. Tais espaços não estão abertos à frequência de mulheres desacompanhadas, a menos que sejam *fáceis*. Nestes espaços os homens casados estabelecem, frequentemente, relações com *casos*.

Se em numerosas investigações as antropólogas não puderam vencer estes obstáculos, ao menos conseguiram trabalhá-los ocupando um espaço intermediário entre os sexos. Olhadas com desconfiança pelas mulheres, chegaram a conhecer uma parte do mundo masculino dificilmente acessível a suas mulheres. As investigações empreendidas por Hermitte e Golde no México e por Whitehead na

Inglaterra são exemplos deste tipo de inserção feminina *en campo*.²⁵

Se me houvesse exposto à experiência de freqüentar os bares - onde, longe dos ouvidos mas não dos olhos das mulheres das famílias, os homens conversam num clima de camaradagem masculina - teria corrido um risco com conseqüências provavelmente nefastas para o desenvolvimento da investigação.²⁶ É possível que eu pudesse me livrar do rótulo que se atribuiria a uma nativa de Serro Verde que assumisse tal atitude. No entanto, creio que teria arriscado o fundamental canal de acesso às mulheres, cuidadosamente aberto.

Em se tratando do material referente a *outros* contemporâneos e aos amores dos ancestrais no passado, outros elementos desequilibram a informação relativa a homens e mulheres. A este tipo de material não se estendem as mencionadas restrições que censuram a alusão a *outros* amores na presença do parceiro, na presença

²⁵ Veja-se Hermitte, 1970, para uma exposição dos resultados da investigação realizada numa comunidade bicultural em Chiapas. A informação relativa à inserção no campo refere-se à comunicação pessoal. Em Whitehead, s/d, a autora detalha os avanços e retrocessos de sua relação com os homens locais num pub de Hertfordshire. Golde (1986) descreve os avanços masculinos e as situações ambíguas a que se viu exposta durante seu trabalho com os nahua do México.

²⁶ Neste sentido são particularmente interessantes as observações de Golde, produto de reflexões posteriores ao trabalho de campo, sobre como seu comportamento, contrário aos valores considerados corretos na comunidade investigada, foi provavelmente o maior obstáculo ao acesso às jovens solteiras da aldeia (Golde, 1986).

de pessoas do outro sexo ou de outra faixa etária.

Homens e mulheres participam ativamente das *fofocas* sobre amigos e vizinhos. Pessoas dos dois sexos e de distintas idades mantêm a tradição à qual se incorporam as histórias de *amor rebelde*. No entanto, os relatos masculinos e femininos - embora coincidentes no que se refere a personagens, eventos e cronologias - são diferentes. Enquanto que os homens imediatamente relacionam os casamentos com o detalhe das *posses* dos noivos, nomes das fazendas e menção de outras propriedades e com as vicissitudes das diversas situações políticas, os relatos das mulheres centrados em detalhes diferentes apresentam outro tipo de nuances. As vozes femininas detêm-se nos aspectos decorativos, luxuosos e românticos. Elas mencionam situações políticas e *posses* de um modo mais geral e insistem na experiência que sobretudo as personagens tinham destas situações. O modo de reviver as histórias, o interesse e a agitação que provocam - para além das variações do conteúdo - são diferentes para homens e mulheres. São elas que mostram maior prazer ao narrar e para elas as *histórias de amor rebelde* parecem ter um significado mais profundo.

CAPITULO 1 - A FORTUNA DAS FAMILIAS

"Serro Verde é uma grande roda. Uns foram muito ricos no começo e agora estão em baixo. E os outros que estiveram embaixo agora estão em cima."

Dona Carmem Pinheiro
Leitão. Fazendeira.
80 anos.

O povoamento de Serro Verde, nas primeiras décadas do século XIX, está relacionado com os movimentos de emigração dos centros mineradores do sul de Minas Gerais. Desde o final do século XVIII os habitantes da comarca

vizinha Ujaí - localidade que havia baseado sua riqueza na extração de ouro - procuravam, na iminência do esgotamento do metal, terras férteis que lhes permitisse assegurar a subsistência.

Serro Verde cresceu rapidamente durante a primeira metade do século XIX. O povoado, que fôra a princípio um bairro de casas esparsas, alcançou em poucas décadas a metade da população de Ujaí. Na segunda metade do século XIX produziu-se a expansão do café no local. No final do século, Serro Verde - pólo de atração de população em função de suas terras extremamente férteis e adequadas ao cultivo do café - já não era mais uma região de fronteira. Os litígios relativos às terras indicam espaços claramente delimitados. Os inventários mostram que, nas primeiras décadas consideradas neste trabalho, os elementos em disputa eram os mesmos escravos e as mesmas fazendas.¹

Nos primeiros anos de vida da cidade, os interesses políticos das famílias da região centraram-se no velho núcleo minerador vizinho. A mudança da sede do município de Ujaí para São Pedro em 1870, a elevação de Serro Verde a

¹ Metcalf analisa a transição entre fronteira e estabelecimentos sedentários em Santana de Parnaíba. Observa que a transição produzida na região por ela estudada, acelerando-se no século XIX, é comum a outras regiões do Brasil (Metcalf, 1983).

vila em 1890 e sua constituição como município independente, fizeram com que os interesses políticos das famílias locais passassem a privilegiar estas cidades.

A virada do século e os primeiros decênios de 1900 trouxeram um período de transformações políticas e econômicas críticas para as famílias de Serro Verde.² Grande parte das estratégias que foram viabilizando a adaptação às novas situações, se organizaram em torno do casamento e da herança. Estes dois momentos são fundamentais na transmissão da propriedade de uma geração a outra, e críticos no que concerne à reprodução do patrimônio familiar, já que podem provocar a dispersão do mesmo. As estratégias familiares implementadas num e noutro caso são meios importantes para minimizar os perigos e, quando se trata de fazer alianças, podem proporcionar um considerável aumento do patrimônio. Em Serro Verde foram implementados diversos critérios para a imposição, aceitação ou recusa de parceiro/a nas distintas gerações. Os critérios de seleção de cônjuge inter-relacionaram-se com o contexto político-econômico, com os aspectos demográficos, com a composição da estrutura familiar e com a etapa vivida pelos grupos de parentesco.

² A história local foi parcialmente desenvolvida em Novelli, s/d e na Revista Paulista, ano II, n 15, 1911.

1. OS MORAIS

Primeira
geração

Os casais que originaram o grupo dos Moraes procediam de Ujaí.³ Na primeira metade do século XIX, dois destes casais já residiam em Serro Verde, concentrando grandes extensões de terra e um número relativamente elevado de escravos - se comparado com o possuído por outras pessoas da região no mesmo período. Tratava-se de dois primos, filhos de portugueses e de suas respectivas esposas. Um deles havia sido agraciado pelo Imperador com o título de Comendador e com grandes extensões de terra. Ambos os primos conseguiram reunir fortunas consideráveis, mas foi o Comendador, construtor da primeira Igreja Matriz da cidade, o homem mais poderoso e

³ Os integrantes desses casais viveram entre a década de 1810 e a de 1880. Não possui informação relativa às datas de seus casamentos. As datas de nascimento de seus filhos entre fins da década de 1830 e o decorrer da década de 1840 permitem supor então que os casamentos da primeira geração realizaram-se no decênio de 1830.

respeitado de Serro Verde nas décadas de 1850 e 1860. ⁴

O casal pertencente à primeira geração dos Moraes que residiu exclusivamente em Ujaí possuía contatos políticos através dos quais os filhos monopolizaram os cargos públicos, primeiramente em Ujaí e posteriormente em Serro Verde e São Pedro. ⁵

⁴ Para dar uma idéia da dimensão das propriedades, fornecerei o valor das heranças deixadas pelos dois chefes de família. O primeiro deixou, ao morrer na década de 1870, 10 fazendas, 120 escravos, além de construções e bens no valor de 250 contos de réis. O segundo deixou, na década seguinte, aproximadamente a metade em terras e escravos, contabilizando 181 contos de réis. Outros inventários consultados, de pessoas *endinheiradas*, pertencentes ao grupo de parentesco por afinidade, propriedades de 1/3 ou 1/4 do último valor.

⁵ Neste trabalho refiro-me a geração no sentido que Needham considera **nível genealógico**. O autor realiza uma distinção entre geração - ou indivíduos nascidos no mesmo período de tempo - e **nível genealógico**. Este último estaria constituído por aqueles indivíduos que entram no mesmo nível de uma genealogia (Needham, 1974). Precisamente pelo emprego que faço desse critério se explica o número de anos - 15 ou às vezes até 20 - transcorridos entre o primeiro e o último casamento do que estou considerando uma geração. Nas épocas em que as mulheres tinham filhos durante a totalidade do período fértil, os filhos menores de um irmão mais novo casavam, geralmente, com muitos anos de diferença, com os filhos menores de seus irmãos mais velhos - ou seja, seus primos, situados num mesmo nível genealógico.

Os componentes desta geração que viveram em Serro Verde estabeleceram suas residências nas fazendas mas possuíram, simultaneamente, casas na cidade, no *Largo da Matriz* e na *rua do Comércio*, que ocupavam ocasionalmente. Além de suas atividades como agricultores, também se ocuparam do comércio. Embora acumulassem riquezas consideráveis, sua vida cotidiana parece ter sido relativamente simples. Os bens móveis registrados nos inventários são escassos: além de animais, carros de transporte e espingardas, aparecem umas poucas peças de mobiliário e alguns relógios de ouro.

Segunda
Geração

Entre finais da década de 1850 e princípios da de 1870 se realizaram as alianças matrimoniais dos filhos dos três casais originários do grupo de parentesco.⁶ As famílias residentes em Serro Verde e Ujaí estabeleceram laços através dos casamentos sucessivos de seus descendentes.⁷

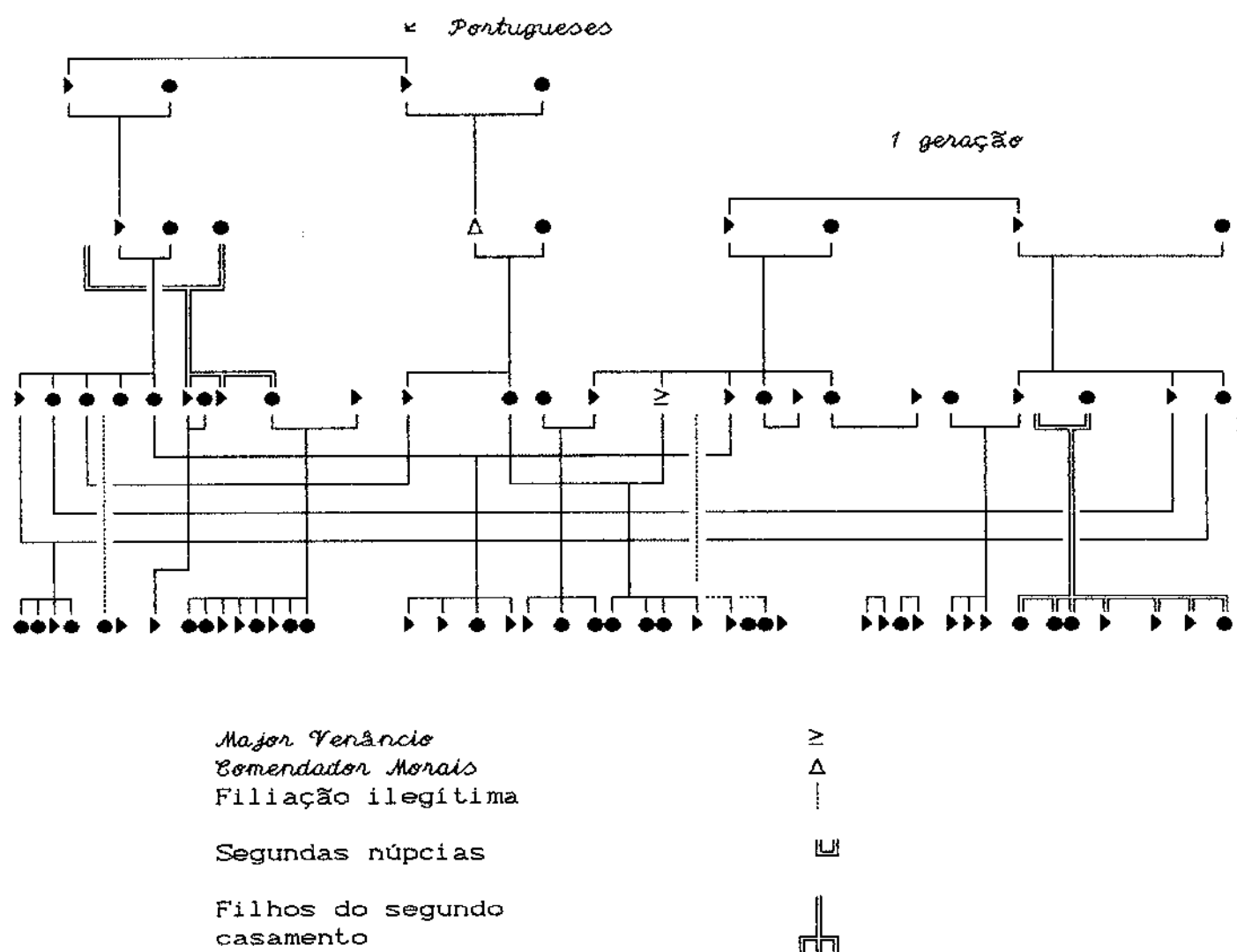
Os jovens Moraes desta geração dedicaram-se a agricultura, ao comércio, tiveram diversos cargos

⁶ O primeiro casamento desta geração deu-se em 1857 e o último em 1870.

⁷ Ver quadro n 1 na página seguinte.

A fortuna das famílias administrativos e participaram ativamente da vida política da região.

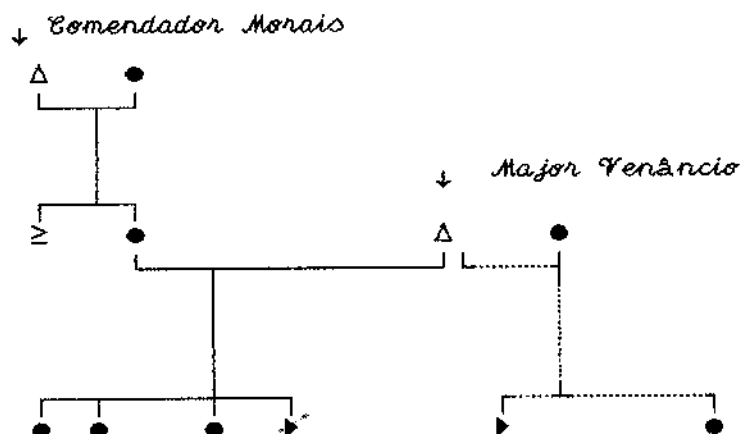
QUADRO 1. AS PRIMEIRAS GERACOES DOS
MORAIS.



Para as mocinhas Moraes desta geração as opções matrimoniais foram casamentos com estes jovens ou com *recém-chegados*. Os últimos, que afluíram a Serro Verde por várias décadas, provinham da região de São Paulo, Triângulo mineiro e Nordeste. Alguns *recém-chegados*, oriundos de cidades consideradas mais sofisticadas, com educação superior e modos *refinados*, eram particularmente atraentes, segundo a tradição oral, não só aos olhos das jovens Moraes, mas também - e sobretudo - aos olhos de suas famílias. Estes jovens se estabeleceram como profissionais liberais ou comerciantes, tentando simultaneamente tornar-se fazendeiros.

Brioschi ressalta que para compreender o significado de algumas escolhas de cônjuges é necessário saber se obedecem a algum padrão preferencial de aliança ou se apenas constituem uniões possíveis dentro de um stock determinado de cônjuges (Brioschi, 1986). A escassa disponibilidade de pessoas em posições análogas deve ter pesado nos casamentos desta geração dos Moraes. O núcleo mais poderoso deste grupo ainda enfrentou uma situação particularmente crítica que colocava problemas adicionais: dispôs apenas de filhas *casadeiras* em duas gerações sucessivas. Dadas as muitas limitações jurídico-econômicas que pesavam sobre as mulheres, a manutenção destas famílias

em sua posição social dependia exclusivamente de uma acertada escolha de candidatos.⁸



- ≥ filho mentecapto
- V morto na infância
- .- filiação ilegítima

O Comendador Moraes teve apenas dois filhos que chegaram à idade adulta: um varão considerado deficiente mental e uma mulher. O esposo desta, Major Venâncio, foi a figura mais poderosa da cidade depois da morte de seu sogro. Dos dois filhos homens do Major, como se vê acima,

⁸ Goody observa que aproximadamente 20 % de todas as famílias contam com descendência exclusivamente feminina. As filhas tornam-se assim herdeiras capazes de, através do casamento, atrair homens para viver uxorilocalmente com elas (Goody, 1979).

um morreu jovem - segundo a tradição oral envenenado pelos escravos - e o outro, ilegítimo, filho de uma antiga escrava, nasceu muitos anos depois. A continuidade da fortuna familiar dependeu, portanto, em duas gerações sucessivas, exclusivamente das alianças realizadas pela descendência feminina.

Os dotes, que desaparecem quase completamente na geração seguinte, e a tendência uxorilocal das residências parecem ser indícios da importância assumida pelas alianças realizáveis por via feminina.⁹

Diversos autores sugerem que a idéia subjacente à entrega de dotes era, a princípio, oferecer um meio de proteger e assegurar a vida das esposas. O dote era uma espécie de garantia financeira outorgada pela família da mulher como propósito de assegurar seu bem-estar após a morte do marido (Silva, 1984; Samara, 1980; Lavrin, 1985). Nazzari, analisando o declínio dos dotes em São Paulo, afirma que estes apresentaram durante o século XIX

⁹ Estou entendendo por dote a antecipação de parte da legítima paterna - ou seja, da parte que corresponde legitimamente como herança - por ocasião do casamento de uma filha mulher, e não o sentido mais estrito do termo, que se refere a bens dotais. Estes, na análise de Silva, estabelecem uma separação de bens entre os cônjuges de tal maneira que cada um conserva no casamento aqueles que provêm de suas respectivas famílias (Silva, 1984).

uma série de diferenças com os dos séculos anteriores: não só foram menos freqüentes, como também apresentaram diferenças de conteúdo e dimensão. Os dotes do século XVII proporcionavam a maior parte dos meios de produção, além dos elementos necessários (vestidos e utensílios domésticos) para que os jovens casais mantivessem o mesmo nível social dos pais. Durante o século XIX a drástica redução dos dotes parecia expressar o interesse familiar em conceder apenas os elementos domésticos necessários para que as filhas organizassem um cotidiano semelhante ao que estavam acostumadas (Nazzari, 1984).

As jovens Morais desta geração que receberam dotes - foram poucas e apenas as filhas mais velhas - obtiveram bens inferiores à legítima paterna. As porcentagens de propriedade outorgadas por ocasião do casamento são inferiores às registradas por Nazzari em São Paulo.¹⁰ No

¹⁰ Os dotes outorgados na Serro Verde da segunda metade do século XIX constituíam algo entre 0,55% e 2,4% da propriedade paterna; os analisados por Nazzari em São Paulo da mesma época representavam 7,4% do total dos bens paternos. O único dote registrado entre os Morais na geração seguinte - terceira -, concedido também a uma filha mais velha, representou 17,5% do total da propriedade paterna. Esta porcentagem, superior às que aparecem em São Paulo era, de qualquer maneira, inferior à legítima paterna.

entanto, diferentemente do que ocorria em São Paulo, a inclusão de terras e animais indica a preocupação em proporcionar meios de produção aos genros.

A tendência uxori-local que se observa nesta geração relaciona-se com as características demográficas. Enquanto a descendência das famílias das camadas altas foi exclusivamente feminina, e as jovens casaram com rapazes de nível econômico mais baixo, a residência foi uxori-local. Nesse caso, os maridos atraídos se deslocaram ao lugar em que se situava o patrimônio. Inversamente, quando nas gerações seguintes a descendência foi feminina e masculina, e as mulheres uniram-se a cônjuges de posição econômica superior, a tendência foi viri-local, já que os filhos das famílias poderosas não deixaram suas terras.

Durante a segunda metade do século XIX os Moraes se aglutinaram em volta da figura masculina que concentrou o poder político e econômico local, tornando-se o líder do grupo de parentesco até o começo da República: o Major Venâncio. A tradição oral desenvolveu em torno desta figura uma série de histórias nas quais abundam detalhes escabrosos sobre abusos de poder cometidos com escravos e escravas - tais como torturas e o *direito à primeira noite das escravinhas* - e com os proprietários de terras menos

poderosos.¹¹ O Major foi o maior produtor de café de Serro Verde, monopolizou seu comércio na região e foi durante décadas o principal prestamista da cidade. A família do líder encabeçou a hierarquização imperante na parentela dos Moraes. Os inventários ajudam a reconstruir o caminho percorrido pelo Major no processo de acumulação de terras.

Como inventariante em diversas sucessões, seu primeiro passo era postergar, prolongar ao máximo, a efetivação da partilha de bens. Ia emprestando dinheiro a juros aos herdeiros. Em pouco tempo e em troca dos adiantamentos que os herdeiros não podiam pagar, ele conseguia receber legalmente os títulos das terras envolvidas na sucessão. O Major foi frequentemente submetido a processos judiciais com base nesta acusação. Seu procedimento tornava-se ainda mais fácil quando se

¹¹ Adiante detalho a maneira pela qual estou trabalhando com a tradição oral de Serro Verde. Por hora quero dizer que a estou considerando, parcialmente, à maneira que o faz Vansina. O autor entende a tradição oral como integrada pelos testemunhos verbais referentes a acontecimentos do passado que não foram presenciados nem recordados pelos que os contam, mas aprendidos oralmente, através de histórias ouvidas de outros (Vansina, 1983). Se por um lado as histórias de amor de Serro Verde integram uma certa tradição oral no sentido mencionado, também são narradas por protagonistas ou por pessoas que recordam os acontecimentos, que testemunharam no passado.

tratava da herança de viúvas pois o Major lhes fazia ver o quão penoso seria cultivar as terras e num gesto magnânimo tratava de comprá-las a preços vantajosos e quando se tratava de herança de orfãos dos quais era tutor. Desta maneira anexou terras de vários integrantes de sua família.

A tradição oral pinta um quadro de extrema submissão para as mulheres Moraes. Os registros mostram que, a partir desta geração, as mulheres não eram privilegiadas especialmente no que concerne aos bens, tanto em termos da qualidade do que herdavam, quanto da possibilidade de administrar seu patrimônio.¹² Contudo, os casamentos desta geração realizaram-se num contexto tal, que apesar do controle sobre as mulheres, permitiam-lhes algumas expressões de afirmação feminina.

¹² Ainda que em teoria herdavam exatamente o mesmo que seus irmãos - a legislação vigente estabelecia uma divisão igualitária entre os **siblings**, excetuando o terço que se poderia distribuir favorecendo a quem se desejasse -, na prática a qualidade da herança era diferente, a menos que as mulheres dispusessem de um marido que zelasse por ela. Os homens recebiam sobretudo terras e animais. As mulheres, além das jóias e objetos de família, recebiam bens menos valiosos do que as terras herdadas pelos homens. Esta divisão foi alterada no Código Civil de 1916. Pontes de Miranda ressalta que, no novo código, a porção da qual se pode dispor livremente é ampliada e abrange a metade da propriedade total. (Miranda, 1981)

Os registros mostram, na segunda metade do século XIX, algumas poucas Moraes redigindo testamentos e outras atuando como contestatárias em processos de herança. A leitura dos documentos sugere que, nestes casos, as intervenções femininas obedeciam à orientação de um forte controle masculino, personificado nas figuras de irmãos e genros. Embora o escasso número de testamentos encontrados não permita - como já observei anteriormente - pensar em pautas generalizadas de transmissão de propriedade diferenciada por gênero sexual, creio ser importante destacar que as mulheres que redigiram testamentos fizeram-no com matizes distintos daqueles sob orientação exclusivamente masculina. E é nestes matizes que se observa uma relativa autonomia. Tanto os testamentos masculinos como os femininos demonstram preocupação pelas obras da Igreja e os *pobres*. Nos masculinos se reconhecem filhos naturais, concedendo-lhes parte da herança, se destina dinheiro à educação dos filhos homens exclusivamente e se favorecem as meninas da família presenteando-as com escravas da mesma idade. As poucas Moraes que contestaram disposições testamentárias de seus maridos, apoiando-se na defesa dos valores familiares, lutaram contra a separação das crianças escravas de seus pais e mães, protegendo-as até que completassem pelo menos 12 anos de idade. Em seus próprios testamentos, concederam

liberdade a antigos escravos. E ao recusar, em nome de desavenças, uma série de pessoas como possíveis inventariantes, revelaram ocultas disputas familiares.¹³

Terceira

Geração

As alianças matrimoniais da terceira geração dos Moraes realizaram-se entre meados da década de 1870 e o começo deste século.¹⁴ O mercado matrimonial já oferecia um número de primos entre os quais se dividiam o poder econômico e político. As uniões consangüíneas constituíram aproximadamente a metade dos casamentos realizados nesta geração. As alianças externas à família, com *recém-chegados*, que haviam sido muito bem consideradas na geração anterior, tornaram-se opções aceitas nesta geração somente para as filhas legítimas de famílias de status inferior ou para as ilegítimas das famílias mais poderosas.

Diversos autores sublinham as vantagens dos casamentos consangüíneos como estratégias matrimoniais (Lewin, s/d; Brioschi, 1986; Santos, 1976). Goody salienta que eles representam, nas sociedades nas quais as

¹³ Vejam-se testamento de C. M. C., maço 5, n 14, 1888 e inventário de U. C. M. A., maço 3, n 2, 1911.

¹⁴ O primeiro casamento realizou-se em 1870 e os últimos em 1906 e 1919.

mulheres herdarem, a única possibilidade de evitar a transferência da propriedade de um grupo de parentesco a outro em cada geração (Goody, 1979).

Kuszenof ressalta que a lei de herança brasileira foi uma força historicamente atuante, favorecendo os casamentos entre primos. Estas leis prescreviam que a herança e o capital em forma de dote fossem distribuídos igualitariamente entre todos os herdeiros legítimos. A inclusão destes nos negócios tornava-se assim um fator altamente desejável, se não se queria dispersar o patrimônio. Desta maneira, os casamentos entre primos cruzados ou entre tios e sobrinhas eram comuns e deliberadamente utilizados como meio de evitar a dispersão do patrimônio familiar. Além disso, na tentativa de afiançar as atividades econômicas dos clãs - que combinavam força política territorialmente centralizada com poder econômico - , as famílias favoreciam as uniões das filhas com sócios de negócios e subordinados (Kuszenof, 1984).

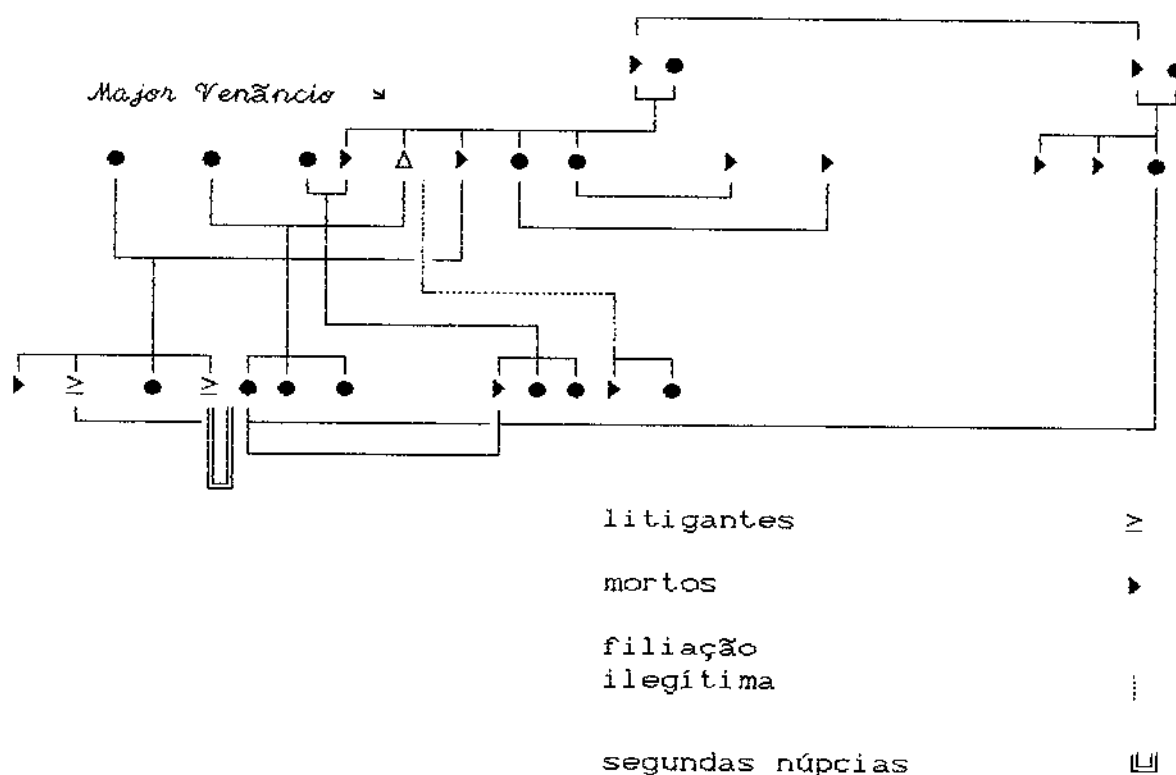
Este recurso foi implementado pelos Moraes. Os inventários mostram como, através dos casamentos de diferentes graus de consangüineidade realizados na terceira geração dos Moraes, se evitou a dispersão de propriedade e

se aplacaram disputas.¹⁵

A figura masculina predominante no grupo dos Morais atuou como artífice de vários casamentos desta geração. O Major Venâncio pôs em movimento estratégias de concentração de riquezas que se entrelaçavam com os casamentos. Como tutor dos órfãos, filhos de um irmão, o Major administrou as fazendas que lhes correspondiam por herança. Na década de 1880 os herdeiros, atingindo a maioridade, moveram processos contra o Major alegando venda indevida de terras. Os processos ficaram na metade do caminho pois dois dos três litigantes retiraram suas queixas subitamente. Pouco tempo depois um deles casou com uma filha do Major. O outro com uma prima.¹⁶

¹⁵ A possibilidade de suspender contestações testamentárias através da articulação de casamentos consangüíneos parece ter sido uma estratégia comum entre as grandes famílias brasileiras. Brioschi ressalta, a partir da análise da genealogia da família Junqueira, que além de conservar os bens dentro de uma mesma descendência, os casamentos consangüíneos também permitem evitar disputas e constestações entre parentes próximos e distantes (Brioschi, 1986)

¹⁶ Filha do irmão do pai do Major Venâncio. Veja-se o quadro na página seguinte.



No final do século as terras do Major abarcavam uma região extensa: Serro Verde, outras regiões de Minas - Ujaí, Pedras - , e Cajuru, Barretos e Araraquara no estado de São Paulo. Suas atividades comerciais se desenvolviam não só em Serro Verde, mas também em Santos, onde participava - através de uma associação familiar - de uma *Casa Comissária*, exportadora de café.

O grupo de parentesco dos Moraes começou a organizar-se de modo análogo aos clusters analisados por Balmori. Os clusters, redes familiares que se desenvolveram ao máximo durante o século XIX, foram

associações de famílias aliadas através dos negócios, casamentos e, posteriormente, através da participação em organizações. O casal originário se constituía entre famílias relacionadas por trabalho ou comércio. Na segunda geração, exógama, se produziam casamentos múltiplos entre famílias, muitas vezes interocupacionais, organizando-se o cluster. Na terceira, as famílias voltavam-se sobre si mesmas, produzindo freqüentes casamentos entre primos de famílias da rede e inclusive cruzando gerações (Balmori, 1984). Os Moraes funcionaram, a princípio, como grupo gerador de ocupações. Diferentemente dos clusters, o grupo começou a cindir-se no momento em que as famílias deveriam funcionar como geradoras de capital para a empresa familiar.

Nas últimas décadas do século XIX, as famílias componentes do grupo dos Moraes estavam claramente hierarquizadas. A riqueza das famílias já não se manifestava apenas na concentração de terras, no número de pés de café cultivados ou nos animais. A partir de dados dos viajantes do princípio do século, Franco comenta que as condições de vida dos fazendeiros do Norte paulista e da região fluminense modificaram-se notavelmente entre o começo do século XIX e 1840, com melhorias consideráveis nas condições materiais da existência, algum refinamento no trato e nos hábitos de vida (Franco, 1974). Estas

transformações parecem ter se dado em Serro Verde mais tarde. Somente os inventários das famílias *endinheiradas* das últimas décadas do século XIX permitem supor uma certa sofisticação da vida doméstica, registrando máquinas de costura e camas francesas, espelhos esquadros, inúmeros pequenos móveis e jóias valiosas em ouro e brilhantes, cuja posse era transmitida de mães para filhas.

O status correspondente à riqueza acumulada durante duas gerações parecia começar a exigir uma educação mais esmerada para os homens. Alguns Moraes desta geração se formaram em Direito e Medicina em escolas mineiras e européias. As viagens ao exterior realizadas por jovens Moraes que ocasionalmente voltavam a Serro Verde com alguma francesa ou alemã, para desespero de suas esposas, parecem indicar idéias diferentes acerca do destino que podiam ter os lucros acumulados pelas famílias. A preocupação com a educação feminina só alcançou as mais jovens Moraes das camadas altas desta geração. A opção de deixar Serro Verde para estudar em internatos de São Paulo foi inaugurada por jovens mulheres que casaram na primeira década de 1900, no que seriam seguidas por suas filhas e sobrinhas na geração seguinte e pelas Pinheiro Leitão posteriormente.

O grupo de parentesco como um todo não conseguiu adaptar-se às transformações que se impunham nas últimas décadas do século XIX. Nos primeiros anos da República

começou a decadência política do Major, que havia sido o principal líder monárquico durante praticamente meio século. As consequências deste fato se fizeram sentir nas oportunidades decrescentes que se apresentavam aos homens de sua parentela. A concentração de terras nas mãos do Major contribuiu para as dificuldades das outras famílias do grupo. Provocou também inúmeros conflitos que debilitaram os laços de solidariedade entre eles, durante os últimos anos de vida do Major. Outros fatores contribuíram para o declínio dessas famílias e intensificaram a hierarquização interna do grupo: a morte prematura das figuras masculinas, as alianças relativamente frágeis estabelecidas através do casamento das filhas e a divisão de terras entre numerosos herdeiros. Esta geração de Moraes é a que apresenta o maior número de filhos.¹⁷

¹⁷ De treze casais considerados, um não teve filhos, outro não teve descendentes legítimos mas o marido teve dois filhos naturais que herdaram parte de seus bens, um casal teve dois filhos, outro três, dois casais tiveram cinco filhos, um teve seis. Os seis casais restantes tiveram entre oito e dezessete filhos. Na geração seguinte produz-se uma drástica redução no número de filhos. Entre doze casais considerados, um teve dez filhos e outro dezesseis, mas os dez casais restantes tiveram entre um e cinco filhos.

Se nesta geração alguns Moraes foram grandes fazendeiros, possuíram parte das escasas máquinas de beneficiar café da cidade e detiveram cargos políticos, muitos iniciaram o caminho, até hoje sem volta, às camadas medias. Mantiveram pequenos sítios e ocuparam-se do comércio numa escala mais modesta se comparados a seus parentes poderosos. As mulheres Moraes desta geração que passaram a integrar as camadas médias, viúvas e solteiras, começaram a exercer atividades remuneradas, a fim de prover o sustento de seus filhos e irmãos menores. Dedicaram-se, sobretudo, a cozinhar *para fora* e a fabricar doces.

Na década de 1880 iniciaram-se uma série de ondas migratórias a partir de Serro Verde, em direção a cidades relativamente próximas - Jataí, Pedras e São Pedro. As migrações analisadas por Metcalf na região de São Paulo, durante os séculos XVIII e XIX, eram parte das estratégias das famílias de elite que enviavam seus filhos à fronteira, enquanto as filhas permaneciam na cidade natal. Em sucessivas gerações, as jovens casaram-se e criaram seus filhos na cidade em que nasceram. Por este motivo, a transmissão de propriedade se realizava através da linha feminina (Metcalf, 1983). As migrações dos Moraes apresentam características diferentes. Apenas os jovens Moraes das famílias em declínio é que partiram para cidades relativamente próximas em busca de melhores oportunidades.

Não perderam o contato com suas famílias de origem. Na geração seguinte casariam consanguineamente, levando suas primas para fora de Serro Verde.

Até a terceira geração, os homens e as mulheres integrantes da parentela, tanto nas famílias mais poderosas do grupo quanto nas consideradas *mais pobres*, parecem haver-se sujeitado a escolhas de cônjuge rigidamente estabelecidas. A composição do grupo de siblings, ou seja, a presença de irmãos e irmãs, a ordem de nascimento e a idade no momento do matrimônio pesavam na possibilidade ou impossibilidade de realizar as alianças ideais. Os dados sugerem que, em distintas gerações, as primeiras filhas que casaram estiveram mais expostas a uniões forçadas. Como as famílias conseguiram efetivar as alianças adequadas, parece que puderam ser mais flexíveis posteriormente. Casamentos que teriam sido conflitivos para uma primogênita ou para a única filha mulher dentro da faixa etária habitual, puderam realizar-se com uma oposição infinitamente mais branda quando se tratou de irmãs menores ou de mulheres que, tendo superado a faixa dos 30 anos, tinham a certeza de não casar mais. Da mesma forma, a partir das primeiras décadas deste século, as jovens que casaram depois da morte paterna, gozaram de uma liberdade mais ampla para escolher o cônjuge.

As idades com que casaram, sobretudo as mulheres - entre 15 e 24 anos; e os homens oscilaram entre 20 e 28 anos - podem ser tomadas como indícios da escassa liberdade de escolha dos jovens.¹⁸

Claro está que o setor masculino dispôs de outras opções proporcionadas pela via do concubinato, mais ou menos generalizado. Ainda que não fosse uma opção conjugal, o concubinato também interferia no quadro de parentesco e herança. Algumas figuras masculinas dos Morais tiveram filhos e filhas fora do casamento que, legitimados, herdaram e em alguns casos contraíram

¹⁸ MacFarlane considera que tanto o casamento relativamente tardio quanto a presença de um número elevado de solteiros numa comunidade, estão intimamente ligados à escolha pessoal do cônjuge. Uma idade mais avançada limitaria o grau de controle paterno sobre as escolhas dos filhos (MacFarlane, 1986). Se este ponto é discutível, como o são alguns significados atribuídos pelos demógrafos a dados históricos sobre a família (discussão desenvolvida em Anderson, 1985), os casos de casamentos forçados mais notáveis de Serro Verde foram protagonizados por juvenzinhas que tinham 15 e 17 anos respectivamente.

The diagram shows a building layout with several rooms and corridors. The layout is as follows:

- Top Section:** A large rectangular area containing three smaller rectangular rooms. The leftmost room has a black dot in its top-left corner. The middle room has a black dot in its top-right corner. The rightmost room has a white triangle in its top-right corner.
- Left Section:** A vertical corridor runs along the left side of the top section. It has a black dot in its middle-left corner. A horizontal corridor branches off to the left from this vertical corridor, leading to a black dot in its top-left corner.
- Right Section:** A vertical corridor runs along the right side of the top section. It has a black dot in its middle-right corner. A horizontal corridor branches off to the right from this vertical corridor, leading to a black dot in its top-right corner.
- Bottom Section:** A horizontal corridor runs below the top section. It has a black dot in its middle-left corner. A vertical corridor branches off downwards from this horizontal corridor, leading to a black dot in its bottom-left corner. Another vertical corridor branches off downwards from the right side of the horizontal corridor, leading to a black dot in its bottom-right corner.
- Corridors:** Arrows indicate the direction of flow. In the top section, arrows point right in the left and middle rooms, and up in the right room. In the left section, arrows point down in the vertical corridor and right in the horizontal corridor. In the right section, arrows point down in the vertical corridor and right in the horizontal corridor. In the bottom section, arrows point down in the left vertical corridor and right in the horizontal corridor.

77

No fim da década de 1880, uma das filhas do Major Venâncio se recusou a casar consanguíneamente, tal como fizeram muitos de sua geração, inclusive suas irmãs que casaram - uma delas em primeira e segundas núpcias - com primos patrilineais.²⁰ Esta jovem protagonizou o que a tradição oral considera como o *primeiro casamento proibido* nas camadas dominantes de Serro Verde, conferindo-lhe a aura de uma *história de amor rebelde*. A tradição oral vincula a ruptura da expansão comercial iniciada pelo Major em Santos ao casamento da *filha rebelde*, que recusou casar-se com um primo Moraes, principal acionista da Casa de Santos.

Quarta
Geração

Nos casamentos da quarta geração dos Moraes, que se concentraram entre as décadas de 1910 e 1930, se observa a tendência a preferir uniões de filhas com jovens poderosos, externos à família, privilegiando-os sobre possíveis

²⁰ Paralelos e cruzados. A meia-irmã da jovem *rebelde*, embora não casasse consanguíneamente, não teve mais sorte no que se refere à escolha de cônjuge. O Major impôs um marido a sua filha ilegítima com o mesmo rigor aplicado às demais. O marido escolhido pelo Major - um capataz rude e analfabeto - conseguiu, através do casamento, uma rápida ascensão social.

cônjuges consangüíneos.²¹

Kuszenof comenta que no segundo momento da acumulação de capital familiar, os recursos das unidades familiares como tais tornam-se inadequados para proporcionar o capital exigido pelas novas oportunidades de inversão. Este é o momento em que os recursos familiares devem ser suplementados por forças exteriores à família (Kuszenof, 1984). É possível que através das alianças estabelecidas nesta geração se tentasse obter os recursos que Kuszenof menciona. Entre os poucos casamentos consangüíneos desta geração contam-se, no interior das camadas altas, os realizados entre os netos do Major. Nas camadas médias, mocinhas de Serro Verde casaram com primos, filhos de Serroverdenses que haviam emigrado na geração anterior e obtido sucesso.

Os casamentos desta geração se realizaram em pleno processo de declínio do grupo de parentesco dos Moraes. O brilho do poder que ainda restava ao grupo permaneceu em mãos de alguns descendentes do Major: os filhos de sua filha legítima e os descendentes de sua filha ilegítima. Em meados da década de 1920 estes dois casais eram os únicos do grupo dos Moraes que integravam as listas de grandes proprietários, possuindo terras que superavam os 800

²¹ O primeiro casamento desta geração deu-se em 1905. Os restantes se realizaram até a década de 1950.

alqueires.²² E, entre seus filhos, aparece uma novidade: paralelamente aos casamentos hipergâmicos das jovens observa-se a permanência de vários homens solteiros.²³

Os jovens Moraes desta geração continuaram a dedicar-se à agricultura e ao exercício da atividade política. Um deles foi o último prefeito Moraes de Serro Verde. A preocupação com a educação feminina, que já havia se manifestado na geração anterior, estendeu-se a esta quarta geração. As Moraes das camadas altas freqüentaram o Colégio Progresso em Campinas e o MacKenzie em São Paulo.

²² Os Moraes restantes não superavam os 150 alqueires. Na mesma época muitos Pinheiro Leitão já possuíam propriedades de 300 a 600 alqueires (Dados de A Nação Brasileira, ano 2, 1925). Cada alqueire equivale a 2,5 hectares.

²³ Dumont desenvolve o conceito de hipergamia no contexto da sociedade hindu. Assim como na isogamia existiria igualdade de status entre os noivos, na hipergamia haveria uma ligeira inferioridade de status da família da esposa relativamente à do esposo, o que não afeta o status dos descendentes. O termo implicaria uma forte recomendação, se não uma obrigação para os pais buscarem um partido de status superior para as filhas (Dumont, 1969). O conceito de hipergamia, enquanto casamento em que a mulher pertence a uma família de status inferior, sem que isto altere o status da descendência, tem sido empregado na literatura sobre a sociedade brasileira. Abreu Filho, por exemplo, aponta a existência de uma tendência a uma regra de casamento hipergâmico nas camadas médias de Araxá, em Minas Gerais (Abreu Filho, 1980).

Não obstante, a maioria dos Moraes, integrantes das camadas médias, sobreviveu graças a atividades comerciais e uns poucos exerceram profissões liberais. As Moraes das camadas médias frequentaram escolas particulares de Serro Verde onde aprendiam música e pintura. Entre as mais jovens desta geração estão as primeiras normalistas. Muitas destas jovens exerceram atividades remuneradas como professoras de escola e professoras particulares de música.

As distâncias entre as famílias consideradas *mais e menos ricas* parecem intensificar-se nesta geração. Em meados da década de 1920, as festas de casamento das jovens Moraes das camadas altas - que recebiam de suas famílias enxovais completos - eram acompanhadas por luxuosos presentes de amigos e parentes: jóias, móveis e objetos valiosos. Os presentes de casamento recebidos por suas primas das camadas médias contrastam pela modéstia: afora o tradicional anel de platina e brilhantes oferecido pela família do noivo, figuram nas listas de presentes xícaras de porcelana, licoreira, fruteiras, bomboneiras, bandejas, alguns vestidos de seda, sombrinhas e frascos de perfume.²⁴

Na década de 1910 morreu o Major e doze anos depois ocorreu - no contexto de outra *história de amor rebelde* -

²⁴ No Correio de Minas, ano 2, n 26, 25/01/ 1925 (Carrato, 1988).

outro *casamento proibido*. Foi a primeira aliança entre um membro do grupo de parentesco dos Moraes e um dos Pinheiro Leitão. Pouco depois deste casamento os Pinheiro Leitão, em pleno processo de construção de poder, começaram a adquirir as terras do Major Venâncio. Percorrer o caminho seguido pelas fazendas mais antigas, através dos nomes de seus proprietários, é acompanhar um pouco da história político- econômica de Serro Verde. Os registros mostram que remontam ao Comendador Moraes algumas das terras que, a partir de 1930, passaram a integrar o patrimônio das Pinheiro Leitão. O Serro, a fazenda Benfica e o Mourão foram propriedade dos Moraes desde a primeira geração. Outras fazendas como o Espraiado, Barrão, Cajazeiras, Xoró e Xorozinho, patrimônio dos Moraes na segunda geração, foram adquiridas pelos Pinheiro Leitão, que as possuem até os dias de hoje. Começava o processo pelo qual os Moraes, em decadência, passaram a considerar-se e a serem considerados a *antiga elite* de Serro Verde.

quinta
geracao

Os casamentos da quinta geração dos Moraes, realizaram-se entre 1950 e 1970. O processo de declínio do grupo, acelerado durante a crise econômica vivida na década de 1930, resultou em casamentos realizados, na sua maioria, por pessoas das camadas médias. As uniões consanguíneas

A fortuna das famílias tornaram-se excepcionais. Contra elas começaram a ergue-se as oposições consideradas *cientificamente* construídas que proibiam o casamento entre primos para evitar a *degeneração* do sangue. As alianças privilegiadas para homens e mulheres desta geração foram aquelas com pessoas de fora da família.

Os Moraes empobrecidos abandonaram definitivamente a cena política. Para os poucos que continuaram a integrar as camadas altas, sobretudo para as mulheres, as opções privilegiadas foram casamentos com pessoas iguais ou de nível sócio-econômico mais alto, residentes em outras cidades. Nestes casos, elas deixaram Serro Verde, revertendo a tendência uxori-local das primeiras gerações.

2. OS PINHEIRO LEITÃO

A trajetória do grupo de parentesco Pinheiro Leitão foi diferente da dos Moraes. Descendentes de um casal de pequenos proprietários tão antigo em Serro Verde quanto os que originaram os Moraes, viveram uma rápida ascensão social nas primeiras décadas deste século.

Primeira
Geração

O primeiro Pinheiro Leitão que viveu em Serro Verde integrou, em 1840, a lista de três doadores do terreno da paróquia (Novelli, s/d). Casou-se na década de 1850 dando origem o grupo de parentesco. Seus descendentes começam a figurar nas listas de comerciantes e pequenos proprietários de terras somente a partir de 1870. Até esta data, só pude encontrar dados referentes a casamentos e batizados dos filhos dos Pinheiro Leitão. A única informação adicional que os registros fornecem é a de que os membros deste grupos eram, na época, lavradores e, na maioria dos casos, analfabetos.

Segunda

Geracao

A segunda geração dos Pinheiro Leitão casou-se nas décadas de 1870 e 1880. O grupo de **siblings** uniu-se a diversas famílias de proprietários de terras. Os rapazes Pinheiro Leitão, diferentemente de suas irmãs, casaram com jovens pertencentes a famílias de lavradores de posição econômica superior. Nas primeiras gerações de Moraes, os casamentos de algumas filhas com homens de nível econômico inferior se explicavam, provavelmente, pela escassez de candidatos de patrimônio material equivalente. Os matrimônios desta geração de Pinheiro Leitão parecem ter se orientado por um princípio diferente, já que Serro Verde oferecia maiores opções para as filhas de lavradores com menores recursos. O fato de que nos relatos elas casaram com jovens *mais pobres* enquanto seus irmãos casavam com mulheres *mais ricas* permite supor que, nesse momento, a família da noiva fosse a que oferecesse *mais*, entregando aos candidatos uma base material para se estabelecerem.

Os Pinheiro Leitão desta geração dedicaram-se inicialmente à lavoura de café e ao comércio em pequena escala. A disponibilidade de novas terras oferecida pelas famílias das esposas, possibilitou o incremento da produção de café. Simultaneamente, exploraram lucrativos negócios de transporte de mercadorias, começando a enriquecer através do exercício conjunto

destas atividades. Todos os homens do grupo de **siblings** conseguiram aumentar as terras herdadas de seus antecessores. E, justamente nesta geração começou a destacar-se entre os homens, aquele que se tornaria o líder do grupo: Frederico Pinheiro Leitão.

Os registros consultados para o período mais antigo considerado neste trabalho quase não permitem estabelecer observações acerca das Pinheiro Leitão. Como foi difícil obter informações sobre as Pinheiro Leitão até a terceira geração foi problemático acompanhar sua trajetória. Apenas a partir da terceira geração é que começam a levar o sobrenome paterno. As dificuldades em rastrear as mulheres nos registros, acompanhando seus nomes através do tempo têm sido apontadas por autores que trabalham, sobretudo, com demografia histórica. Marcílio aponta este problema referindo-se às dificuldades apresentadas pelos registros relativos ao período de 1750/1850 que analisou em Ubatuba e na paróquia da Sé em São Paulo. A autora explica que, em virtude de um costume português que foi transmitido ao Brasil colonial, os nomes de família não eram transferidos forçosamente aos filhos. Além disso, nos registros aparecem, geralmente, homens solteiros *livres* e mulheres apenas com seu nome de batismo - quer dizer, sem sobrenome. O que Marcílio destaca, em síntese é a

inexistência de uma regra de transmissão de nome tanto para as famílias dominantes quanto para as outras (Marcilio, 1971).

Apoiando-me nos nomes femininos que encontrei nos registros de Serro Verde, posso dizer que a partir da segunda metade do século XIX - exatamente no momento em que acaba a investigação de Marcilio - enquanto as mulheres de famílias dominantes casavam levando sobrenome paterno e materno, mantendo depois de casadas o sobrenome paterno e o do marido, as mulheres Pinheiro Leitão não levavam mais que um sobrenome religioso, geralmente de Jesus. Este tipo de denominações permaneceu até os casamentos realizados em 1910.²⁵

Terceira
Geração

Os matrimônios da terceira geração realizaram-se entre as décadas de 1890 e 1920.²⁶ O recurso de casar com parentes próximos, implementado pelos Moraes, também foi posto em prática pelos sitiante em expansão.

²⁵ As denominações das Pinheiro Leitão se aproximam assim das denominações das camponesas de Sergipe estudadas por Woortman, que - até 1930 - recebiam um sobrenome religioso, sem nenhuma relação com a família (Woortman, 1984).

²⁶ O primeiro casamento realizou-se em 1895 e o último em 1924.

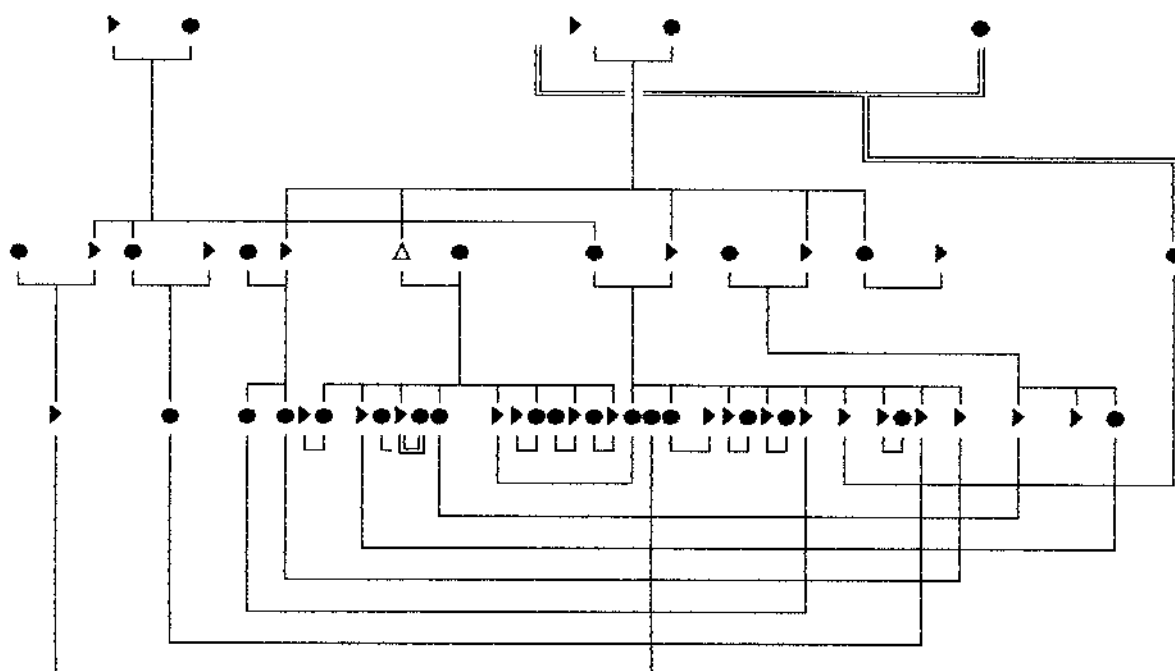
Aproximadamente metade dos casamentos que os Pinheiro Leitão realizaram nesta geração foram consangüíneos. A consangüíneidade, por eles explicitamente considerada um dado favorável na aprovação de um casamento, tornou-se um critério de proibição matrimonial posteriormente. Desta geração, só chegaram às camadas dominantes os filhos e filhas de Frederico e seus cônjuges.²⁷

As transformações político- econômicas do começo do século abriram uma brecha que facilitou a rápida ascensão social de um setor dos Pinheiro Leitão. No primeiro decênio do século XX Serro Verde viveu uma série de conflitos políticos que dividiram a população por algum tempo. Os Moraes, principais proprietários dos elementos mais valiosos - terras e escravos -, durante a primeira metade do século XIX, agraciados com patentes militares, centralizaram o poder político durante o Império.²⁸

²⁷ Veja-se quadro 2, na página seguinte.

²⁸ Carvalho ressalta, a partir de um estudo que realizou em Barbacena, Minas Gerais, que a posse da terra foi, até 1930, a base exclusiva de poder em praticamente todo o Brasil. Em Serro Verde a terra é o indicador básico de poder econômico até os dias de hoje (Carvalho, 1966).

QUADRO 2:
AS PRIMEIRAS GERACOES DOS PINHEIRO LEITAO.



Frederico Pinheiro Leitão

Δ

Segundas núpcias

⌌

Os primeiros a desafiar o poder dos Moraes foram, durante a década de 1880, os integrantes de famílias *recém chegadas*, portadores de idéias liberais. Apoiados pelos setores médios da cidade e pelos imigrantes italianos, organizaram a oposição através do *Partido Republicano Mineiro*. No começo do século, este partido disputava a Prefeitura local contra os Moraes, organizados agora em torno do *Partido Republicano Municipal*. A divisão basicamente bipartidária de Serro Verde se remonta a esta época. A partir de então - e até a década de 1950 - a bipolarização política opôs os Moraes a outro clã. Os nomes dos partidos foram mudando, mas o conflito que opunha os grupos de famílias permaneceu com características similares.

Entre 1900 e 1910 os Moraes lideravam os *gafanhotos*, que se opunham aos *araras*. Os enfrentamentos protagonizadas pelos dois partidos locais, na década de 1910, foram registrados pelos jornais da época, que descreviam o clima ruidoso e um

tanto tenso provocado pelas eleições de 1912.²⁹

Na década de 10 Frederico Pinheiro Leitão já era uma figura notável em Serro Verde. Aliado ao grupo que enfrentava aos Moraes, foi eleito prefeito pela primeira vez na segunda metade da década de 1910. Os conflitos entre as duas facções continuaram. Na década seguinte, eram os *aranhas* que enfrentavam os *carangueijos*. As eleições de 1922 tornaram-se um marco na memória daqueles que recordam os enfrentamentos. Houve acusações de fraude. Um recurso de amparo apresentado ao governador foi apoiado com o envio de tropas que ocuparam a cidade. As testemunhas contam que os inimigos derrotados eram humilhados, obrigados a capinar os terrenos de seus opositores. Os que narram os episódios das eleições recordam o clima tenebroso e atrativo que viveram quando eram pequenos. Os soldados batiam recolher e os meninos se escondiam, junto com as

²⁹ "... grupos armados e pertencentes ao partido arara percorreram as ruas da cidade dando vários tiros de garrucha e soltando bombas de dynamite, aos gritos de vivas aos araras e morras ao gafanhotos ... Após a apuração o partido saiu pelas ruas soltando foguetes de vaia, batendo latas de kerosene... sendo dadas muitas descargas de garrucha e carabinas ..." De *A Reação*, órgão do Partido Republicano Municipal. Ano 1, n 8, 18-4-1912. In Carrato, J. , 1988.

mulheres da casa, atrás das portas e janelas protegidas com trancas de ferro, escutando, estremecidos, tiros, gritos e o ruído dos cascos dos cavalos que se aproximavam. Sabiam que existia um perigo real; havia capangas de um lado e do outro, matadores profissionais que incendiavam casas e cometiam assassinatos.

Uns e outros sucederam-se no poder Municipal e, no contexto desta oposição, Serro Verde foi se modernizando. Nas últimas décadas do século XIX a cidade dispunha de uma infraestrutura precária. Não contava ainda com uma rede de esgotos e uma carroça passava diariamente de casa em casa para recolher as águas sujas e despejá-las longe da cidade. Nos últimos anos do século passado algumas reformas começaram a ser realizadas, o que facilitou a vida cotidiana dos habitantes de Serro Verde. Instalou-se um sistema de canalização de água, conectada a vários chafarizes, livrando os criados e as donas de casa pobres da obrigatória caminhada até uma lagoa próxima para encher baldes de água.³⁰ As melhorias possibilitaram a intensificação da vida social. Serro Verde passou a ser

³⁰ A canalização de água foi feita entre 1897 e 1901, ano em que foi instalada a primeira pena d'água numa residência (Novelli, s/d).

iluminada por lampiões que eram acesos diariamente das 18 às 22 horas, exceto nas noites de luar; suas ruas melhoraram, permitindo que se saísse de casa depois do anoitecer sem o temor de cair num buraco escuro, o que facilitou as visitas noturnas.

Mas foi no decorrer das duas primeiras décadas deste século - e em plena turbulência política - que a cidade foi iluminada por energia elétrica. Um dos prefeitos instalou a luz elétrica e iniciou a construção do *Jardim*. Seu sucessor, do partido opositor, lutando por receber os louros do empreendimento, concluiu a construção e inaugurou a via férrea.³¹ As obras que os dois partidos realizavam ou deixavam de realizar em suas respectivas administrações eram utilizadas como argumentos, alternadamente, para promover o partido próprio e desvalorizar o opositor. Devido aos empreendimentos das várias administrações municipais a cidade dispunha, já no fim da década de 1910, de diversos elementos que compõem sua fisionomia atual: um novo cemitério, Santa Casa, Grupo Escolar, telefone, uma Banda de Música Oficial, um cinema cuja sala servia à exibição de filmes e às reuniões políticas, e o *Clube*

³¹ O trem da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro passou pela primeira vez por Serro Verde em 1912 (Novelli, s/d).

Serro Verde, espaço de reunião da sociedade local. Nos primeiros anos da década de 20, a cidade oferecia outras opções de lazer. Para além dos pic-nics pelos arredores organizados pelas mocinhas e da animação promovida pelas sociedades carnavalescas, *Serro Verde* recebia a visita constante de companhias e circos como o *Colombo*, o *Chileno* e o *Nervo* que, apoiados pelas Prefeituras, apresentavam espetáculos circenses e teatrais.³²

Pouco depois de concluir sua primeira gestão como prefeito, Frederico participou, como acionista majoritário, da fundação do primeiro banco da cidade. A década de 1920 foi crítica para as famílias de *Serro Verde*. Muitas delas, afetadas economicamente, hipotecaram suas terras. A maioria dos proprietários, entre os quais estavam os primos de Frederico, se viu impossibilitada de levantar as hipotecas, e o banco apoderou-se das terras. Esta situação favoreceu a concentração de terras em mãos de Frederico e seus filhos. Desde meados desta década o banco era dirigido

³² Uma das sociedades carnavalescas mais ativas parece haver sido a do *Clube dos Promptos* que, constituída por jovens das camadas médias, promovia diversas reuniões com a finalidade de angariar recursos para o carnaval (Gazeta de Monte Santo, n. 66, 01/10/1925. In Carrato, 1987)

por Frederico, gerenciado por seu filho Thiago e tinha como principais acionistas, os irmãos e a esposa de Frederico. ³³

Parte dos Pinheiro Leitão, incluindo Frederico, impediu que os descendentes imediatos vendessem as terras herdadas. A *vinculação* de terras, maneira de impossibilitar que os filhos vendessem as terras herdadas da geração anterior, - tal possibilidade ficava aberta apenas para a geração seguinte- , foi adotada somente por um casal dos Moraes. ³⁴ A prática, freqüente entre os Pinheiro Leitão, fez com que várias famílias mantivessem as propriedades por longos períodos de tempo.

A hierarquização no grupo de parentesco começou a se esboçar na geração anterior e foi se consolidando durante este período. Os Pinheiro Leitão menos afortunados começaram a emigrar em direção à nova região de fronteira, o Paraná. Entre as famílias pertencentes ao grupo mais poderoso começaram a manifestar-se outros

³³ Em Serro Verde existiram, simultaneamente, outros bancos. Os Moraes participavam ativamente de um deles. Dos três bancos, o único que sobreviveu foi aquele ligado a Frederico e seus parentes.

³⁴ Precisamente por aquele constituído pela *filha rebelde* do Major e seu esposo.

tipos de ambição. Thiago, o filho caçula de Frederico, partiu para São Paulo para estudar Direito e tornou-se, no começo da década de 1920, o primeiro Pinheiro Leitão e o único em sua geração com formação universitária.

Os últimos casamentos desta geração se realizaram em pleno processo de construção de poder por um setor dos Pinheiro Leitão. Os filhos de Frederico tornaram-se grandes produtores de café. Não descuidaram das atividades financeiras e políticas da família e assumiram por sucessivas vezes o governo municipal.

As mulheres Pinheiro Leitão participaram ativamente da vida política que centralizava os interesses e investimentos de várias famílias do grupo a partir da década de 1920. A tradição oral lhes atribui personalidade forte e determinada, em contraste com as mulheres Moraes. Sua esfera de influência não se limitou ao lar: estendia-se a partir dele, numa particular demarcação de áreas públicas e privadas. As mulheres mantiveram a produção familiar sob sua direção exclusiva, às vezes por períodos prolongados, dirigindo dezenas de trabalhadores rurais. Considerando todas as atividades relacionadas com as fazendas como parte da tarefa doméstica, intervinham na comercialização dos produtos.

Elas também participaram das lutas pelo poder nos momentos de conflitos violentos, fazendo propaganda e controlando as cédulas eleitorais dos votantes - trocando-as se era preciso- enquanto preparavam a comida para os trabalhadores. Publicaram nos jornais locais manifestos políticos pedindo paz, invocando sua posição de filhas, esposas e mães Serroverdenses.³⁵ Também se divertiram provocando os *jagunços* das facções oponentes, envoltas em laços e rendas mas com um revólver na bolsa por via das dúvidas... Sua condição de mulheres dava-lhes uma imunidade que lhes permitia dizer aos inimigos o que os homens não poderiam expressar sem

³⁵ Um manifesto encabeçado por integrantes do grupo dos Pinheiro Leiteiro trazendo 142 assinaturas de senhoras e senhoritas da sociedade local, foi encaminhado ao delegado auxiliar de polícia do Estado de Minas Gerais, denunciando planos indecorosos da facção oposicionista para destituir, injustificadamente, o delegado local. *Commercio e Lavoura*, n 199, 26/01/1922 (Carrato, 1987).

desatar mais violência.³⁶

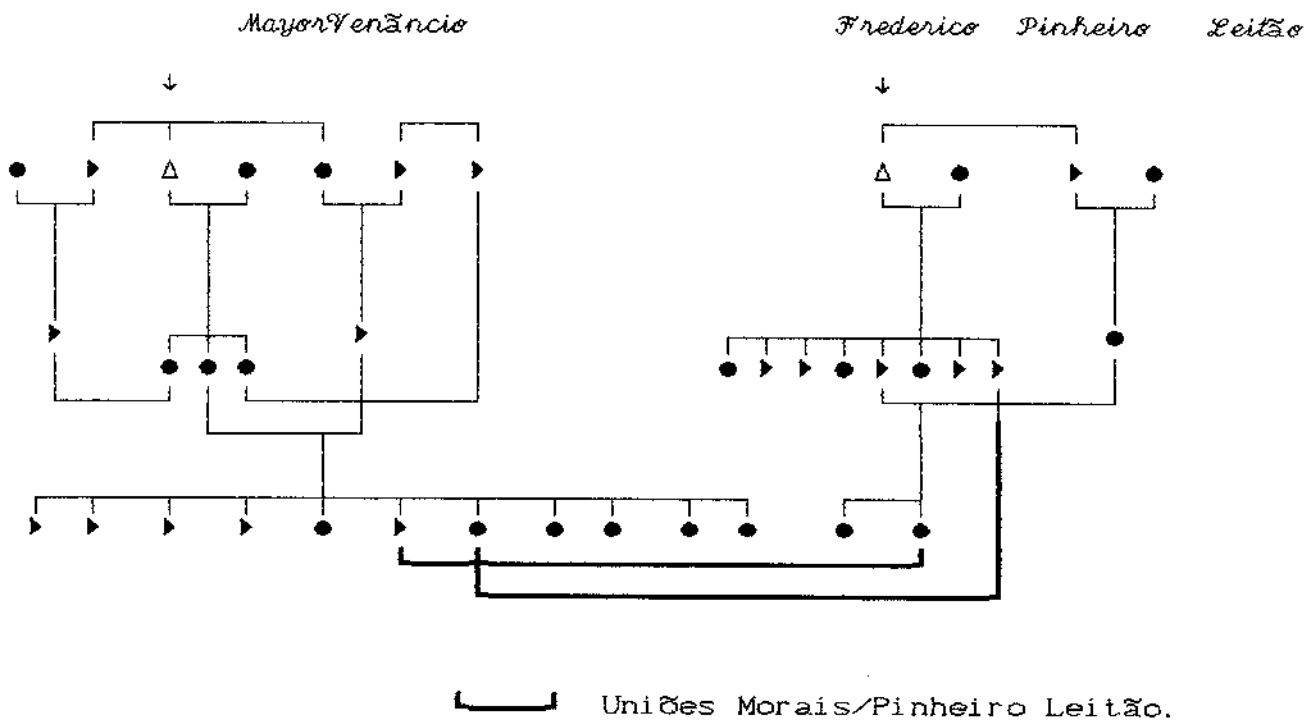
Se as adultas gozavam de uma certa imunidade, as meninas tinham-na muito mais ampla. As pequenas Pinheiro Leitão também participavam da campanha política: insultaram e puxaram os cabelos das filhas dos inimigos políticos nas costas dos mais velhos. E, orientadas pelos pais, procuraram aquelas senhoras que em circunstâncias normais sequer poderiam dirigir o olhar: as prostitutas da zona de Serro Verde, a quem pediam votos.

Após as tumultuadas eleições de 1922 os ânimos só se acalmaram quando, posteriormente à recontagem dos votos, os dois grupos estabeleceram um acordo político. Frederico, na qualidade de líder, foi um dos que

³⁶ A relativa impunidade destas mulheres apresenta analogias com a situação enfrentada pelas mulheres desenfreadas da Europa do século XVI, analisada por Davis. A autora observa que estas dispunham de certas licenças baseadas no fato de que, dada a concepção vigente do feminino, não eram completamente responsáveis por seus atos e estavam, portanto, livres dos castigos e vinganças de que seriam objeto os homens que tivessem um comportamento semelhante (Davis, 1979). A autora considera que a proteção às desordens femininas se estendia também aos protestos realizados por homens disfarçados de mulher. Os homens de Serro Verde não se disfarçavam. De acordo com os relatos das Pinheiro Leitão, eles estimulavam ludicamente - usavam, quiçá? - as provocações de suas mulheres.

firmaram o acordo. Alguns de seus filhos integraram a nova chapa apresentada aos eleitores.

Um par de anos depois Thiago, o jovem advogado - e filho mais novo de Frederico - foi protagonista do *casamento escandaloso* que uniu pela primeira vez o grupo de parentesco dos Moraes ao dos Pinheiro Leitão. Um casamento *por amor verdadeiro*, segundo a tradição oral, uniu-o a uma neta do Major Venâncio. Décadas mais tarde, atuando como advogado da família de sua esposa, organizou os leilões pelos quais os Pinheiro Leitão adquiriram os principais imóveis dos Moraes. Os novos proprietários, netos de Frederico, se ocuparam de demolir as construções antigas, apagando para sempre os vestígios do poder dos Moraes da arquitetura das fazendas e da cidade. Dos jardins do antigo Espraiado, orgulho do Major, convertidos em terreiro de café pelos novos proprietários, só restaram, como melancólicas testemunhas de outra época, dois bancos de pedra. Das casas permaneceram apenas o cimento e alguns tijolos com as iniciais da olaria dos Moraes esparsos pelo matagal.



Quarta

geração

Entre o fim da década de 1920 e o transcurso da de 1930 se realizaram os casamentos da quarta geração dos Pinheiro Leitão.³⁷ Neste período os *ramos rico e pobre* já estavam claramente delimitados por uma linha divisória que separava aqueles que haviam conseguido manter e aumentar seu patrimônio dos que não haviam

³⁷

Entre 1929 e 1935.

conseguido.³⁸ Embora a educação superior ainda não fosse uma preocupação importante para a maior parte do grupo, os Pinheiro Leitão das camadas altas desta geração receberam uma formação mais esmerada que a de seus antecessores. Os jovens das camadas altas foram enviados como internos ao Colégio Católico de Moçambinho ou ao Colégio de Itú. Algumas filhas do *ramo pobre* se formaram professoras na cidade vizinha de São Pedro.

As alianças nesta geração foram predominantemente realizadas com iguais, tanto entre as camadas médias como entre as camadas altas. As famílias mais poderosas do grupo procuraram alianças para fora e com tendências hipergâmicas para suas filhas. Alguns rapazes casaram com juvenzinhas das camadas médias. Os poucos casamentos consangüíneos - entre primos cruzados patrilineais - foram realizados por netos de Frederico. Os cônjuges possíveis para o setor mais poderoso do grupo foram, nesta geração, outros Pinheiro Leitão do *ramo rico*, descendentes de italianos enriquecidos e, excepcionalmente, descendentes da antiga elite de Serro Verde que ainda conservavam suas terras.

Os italianos chegaram a Serro Verde na década de 1880 como mão-de-obra assalariada para substituir o

³⁸ *Ramo rico e pobre* são termos com os quais os Pinheiro Leitão descrevem-se a si mesmos.

trabalho escravo. No começo do século já constituíam uma colônia numericamente importante e, integrados por uma Sociedade Filantrópica, organizavam diversos eventos na cidade. Na década de 1910 os italianos de Serro Verde, em sua maioria, já haviam deixado a roça. Os que ali permaneciam, já não eram colonos, mas proprietários. Os que viviam na cidade se ocupavam do comércio e de diversas profissões artesanais.³⁹ Em 1930 a maior parte dos descendentes de italianos integravam as camadas médias. Os Pinheiro Leitão casaram dentro do grupo, numericamente menor, que enriqueceu através do café, do comércio e de pequenas indústrias.

Entre os italianos, os Pinheiro Leitão estabeleceram alianças com uma parte dos Tristanos, fortes econômica e politicamente. Depois de dois casamentos entre as famílias, os Tristanos faliram e se dividiram: uma parte partiu para o Paraná e outra permaneceu em Serro Verde. Os últimos só conseguiram estabelecer alianças matrimoniais com integrantes das camadas médias, entre os quais os Pinheiro Leitão do *ramo pobre*.

³⁹ Nos anúncios publicados no *Commercio e Lavoura*, anno 2, n 47, 7/3/1912, os italianos se apresentam como ferreiros, chapistas, chaveiros e sapateiros (Carrato, 1987).

As migrações para o Paraná, que haviam começado na geração anterior entre os Pinheiro Leitão das camadas médias, continuaram nesta geração. Já não partiam apenas os homens solteiros. Migraram também jovens professoras solteiras - só mais tarde seguiriam os outros integrantes da família -, casais e famílias inteiras.

Entre os Pinheiro Leitão das camadas médias desta geração, constata-se a presença de solteiros e solteiras que passam a integrar o grupo considerado *mais pobre* da parentela.

Desde finais da década de 1920 os Moraes viram cerrado o acesso à Prefeitura de Serro Verde. O acordo político estabelecido em 1922 foi rompido poucos anos depois. Os Moraes, agrupados na *Concentração Conservadora* foram derrotados, na segunda metade da década de 20, pelos Pinheiro Leitão organizados no *P. R. M.* local. Estabelecendo alianças políticas diversas, os Moraes continuaram tentando, infrutiferamente, vencer seus opositores. Durante as décadas seguintes se manteve um profundo conflito entre os dois grupos de parentesco. Neste ambiente realizou-se o *casamento proibido* desta geração - *por amor no verdadeiro sentido da palavra*, segundo a tradição oral - entre um Moraes e uma *rica herdeira* Pinheiro Leitão.

A fortuna das famílias

Até a geração anterior - terceira - alguns dos casamentos realizados pelos rapazes Pinheiro Leitão e a maioria das alianças estabelecidas pelos casamentos de suas irmãs foram, se não forçados, *arranjados*. Nesta geração e na seguinte as jovens continuaram seguindo as orientações familiares para casar. A novidade do *casamento proibido* celebrado agora é que pela primeira vez uma mulher Pinheiro Leitão ousava desafiar a autoridade não só paterna mas do grupo como um todo.⁴⁰

quinta

Geracao

A geração seguinte casou-se entre as décadas de 1950 e 1960. A maioria das uniões matrimoniais foi realizada com pessoas de fora da família. Os casamentos uniram predominantemente iguais. Os poucos casamentos consangüíneos ocorreram entre o *ramo rico* dos Pinheiro Leitão e os filhos dos Tristanos do Paraná. Exitosos na emigração, os Tristanos haviam recuperado a situação econômica que a geração anterior havia tido em Serro Verde.

⁴⁰

Esta jovem Pinheiro Leitão estava muito abaixo da idade habitual do grupo para casar - a idade de casamento das mulheres oscilava, nas distintas gerações, entre 17 e 29 anos e dos homens entre 20 e 31. Neste caso o casamento relativamente precoce - realizado no dia em que ela completou 18 anos - não implica imposição paterna.

A fortuna das famílias

Na década de 50 os Moraes se opunham - a partir da coligação U.D.N.-P.R. aos Pinheiro Leitão que integravam o P.S.D. local. A coligação U.D.N. - P.R. contava com poucos Moraes das camadas dominantes. A maior parte de seus integrantes já pertencia às camadas médias. No imaginário local a derrota sofrida pelos Moraes nas eleições de 1954 marca o fim do embate político entre os dois grupos de parentesco enquanto tales. Considera-se que até então *política era um problema entre famílias ricas*, e que posteriormente *passou a ser um problema de classes*. Isto porque os que enfrentaram politicamente aos Pinheiro Leitão - a partir da década de 50 - seriam os integrantes de outra classe.

Os critérios de proibição matrimonial pareciam, finalmente, haver-se transformado. Uma nova união Pinheiro Leitão-Moraes realizou-se sem provocar escândalos. O casamento considerado como o *proibido* da década pela tradição oral teve características distintas: foi protagonizado por uma *herdeira rica*, bisneta de Frederico, e por um jovem considerado *pobre*.

CAPITULO 2-

NOVOS-RICOS VERSUS ANTIGA ELITE

"Os Moraes já foram a elite e os Pinheiro Leitão os novos ricos. Agora os Pinheiro Leitão se enfrentam com outros novos ricos".

Diva Pinheiro Leitão Moraes.
Fazendeira. 48 anos.

A reconstrução da história das alianças matrimoniais dos dois grupos de parentesco considerados permite observar a existência de tendências nas escolhas de cônjuge que foram variando em cada geração. A preocupação fundamental que parece haver guiado os interesses das duas parentelas desde que se instalaram em Serro Verde, - acumular capital rapidamente, enriquecer através da acumulação de terras - , reflete-se na orientação seguida pelas alianças. Um dos

aspectos mais notáveis sugerido por uma leitura que considere as estratégias desenvolvidas pelos dois grupos é que ambos, apesar de suas origens diferentes implementaram, no decorrer das gerações, procedimentos semelhantes no que se refere às escolhas de cônjuge e também à transmissão da propriedade.

1. AS TENDENCIAS NAS ESCOLHAS DE CONJUGE

Nas primeiras gerações dos dois grupos se alternaram exogamia e endogamia - em relação às parentelas. Uma segunda geração exógama, em que as mulheres casaram com homens de nível econômico claramente inferior e os homens com mulheres de famílias consideradas mais *ricas*, apoiados por algum tipo de adiantamento de propriedade outorgada pela família da noiva - basicamente terras nos dois grupos -, foi seguida por uma geração cuja tendência foram

casamentos no interior dos grupos de parentesco.¹

Os casamentos da terceira geração mostram que, num meio com uma população em franca expansão e socialmente mais diversificada, os dois grupos optaram por alianças que possibilitassem a concentração do patrimônio familiar. A consangüineidade foi um recurso implementado tanto pelas famílias que haviam acumulado um capital econômico considerável quanto pelos sitiantes em expansão.

Na tentativa de evitar a dispersão do patrimônio preferiu-se, muitas vezes, efetivar casamentos com pessoas inferiores na hierarquia familiar a casar com candidatos/as de fora da família. Creio que esta preferência relaciona-se com o modo de operação que, nos simbolismos familiares, tinham nesse momento os laços de solidariedade dentro dos grupos de parentesco, particularmente os masculinos. Através deles se estabeleciam ocupações e uma série de créditos e proteções por parte dos parentes mais poderosos em relação aos mais fracos em termos políticos e econômicos; estes, em

¹ Preferi não empregar os termos *hipo/hipergâmicos* na análise dos casamentos das primeiras gerações consideradas neste trabalho, uma vez que os indicadores mais claros com que contei para pensar na posição de cada cônjuge foram basicamente econômicos. Creio que quando os dados, baseados nos patrimônios registrados nos Inventários e outros documentos - quantidade e valores de terras, imóveis, produção de café, etc., - mostram que as terras são de propriedade feminina, não remetem necessariamente a um status inferior do marido. É possível por exemplo que jovens sem dinheiro, de *boa família* e profissionais recém-formados tenham sido considerados de status equivalente ao das *ricas herdeiras* de Serro Verde.

contrapartida, ofereciam trabalho e, sobretudo, absoluta lealdade política. Os laços de reciprocidade vertical, ou seja, entre uma geração e a seguinte também eram especialmente importantes.

Para além da tendência a casar com parentes, houve casamentos com pessoas exteriores à família nos dois grupos. E em ambos continuou sendo concedida propriedade às jovens no momento em que casaram com rapazes de situação económica inferior, eleitos pela famílias.

A partir das primeiras décadas deste século apresentam-se uma série de novidades relativas às escolhas de cônjuges e à transmissão de propriedade. Tais novidades se articulam com as imagens de família retratadas nos relatos. Na narrativa, pertencer aos grupos de parentesco adquire significados distintos na medida em que vão se consolidando as hierarquias internas das parentelas. Os relatos sugerem que este processo de diferenciação desenvolveu-se conjuntamente com uma mudança dos ênfases nas redes de solidariedade. Os laços de solidariedade económica, que continuaram acontecendo entre os homens do grupo, passaram a ser predominantemente horizontais. Em outras palavras, empréstimos e diversos tipos de alianças estabeleceram-se entre homens da mesma geração e, preferentemente, de posição económica equivalente. Estas transformações começam a ocorrer nos anos posteriores ao casamento de Frederico Pinheiro Leitão.

Os laços de solidariedade verticais, por sua vez, passam a ocorrer no universo feminino do grupo, expressando-se através de

auxílios e favores concedidos entre as mulheres das parentelas. As mulheres *mais ricas* protegeram sobrinhos e sobrinhas *pobres* - geralmente afilhados e afilhadas - oferecendo aos primeiros oportunidades de trabalho e estudo e promovendo alianças vantajosas para as segundas. Apenas excepcionalmente as irmãs consideradas *mais ricas* ajudaram as *mais pobres*, incentivando a atuação dos maridos em casos de empréstimos para situações de emergência. Creio que esta mudança no direcionamento das redes de reciprocidade familiar relaciona-se diretamente com a drástica redução dos casamentos consangüíneos que se observa nos dois grupos a partir das alianças da quarta geração.

Nas últimas gerações consideradas - quarta e quinta - , a presença de solteiros parece ter tido, ao menos entre as famílias das *camadas altas*, um sentido estratégico que deve ser associado a uma nova tendência nos casamentos femininos e na transmissão de propriedade. As jovens deveriam casar agora com *iguais* ou realizar casamentos *hipergâmicos*.² Dentro dos grupos de *siblings* tanto os

² Fui estabelecendo para as primeiras décadas de este século as hierarquias imperantes na cidade partindo da inter-relação entre as representações das famílias de Serro Verde, expressas pelas narrativas familiares, e os dados que aparecem nos documentos. O imaginário das famílias estabelece distinções mais complexas do que uma simples leitura dos indicadores econômicos poderia revelar. A informação oral incorporou mais elementos de peso na hierarquização das famílias - que explicarei em seguida - sobre cuja base estabeleci a *hipergamia/homogamia* dos casamentos.

homens solteiros quanto suas irmãs casadas ou solteiras deixaram a administração de suas terras em mãos de algum irmão. Este, a partir da acumulação das rendas das terras familiares, teria mais fácil acesso à construção da riqueza pessoal, à compra das terras de seus siblings depois da morte dos pais e ao casamento com uma mulher *rica*.

Ao mesmo tempo, os homens das camadas altas que não realizaram casamentos com iguais passaram a unir-se a mulheres de status sócio-econômico nitidamente inferior. Estes casamentos se viabilizaram graças à modalidade de transmissão de propriedade vigente. Os filhos homens, familiarizados com a administração das terras familiares desde a infância, começavam a trabalhar formalmente nelas a partir dos 17/18 anos, ou um pouco depois quando empreendiam estudos superiores.³ Estabeleciam com seus pais uma espécie de *meação*, substituindo pelo trabalho as inversões que este tipo de associação exige, mas dividindo os lucros cuja acumulação possibilitava a compra de novas terras. Frequentemente recebiam também doações de terras feitas por seus pais em vida. O costume era doar às irmãs o

³ É difícil estabelecer como operou a transmissão adiantada de terras aos filhos homens nas gerações anteriores, se é que esta existiu. A informação oral, fonte necessária para as transações informais que não estão registradas nos documentos, não a menciona. Nos inventários consultados, até as primeiras décadas deste século, os casos em que os herdeiros reintegram propriedade recebida anteriormente à morte do inventariado, com a finalidade de completar o patrimônio a ser repartido, são exclusivamente femininos.

equivalente em imóveis e, ocasionalmente, em terras. Nestes casos, como a terra era administrada pelos homens, elas recebiam apenas uma parte da renda. O resultado de todas estas práticas era que, embora se procedesse a uma divisão de herança igualitária pelo menos em termos de dinheiro por ocasião da morte dos pais, os filhos homens, em função do lucro antecipado com que contavam, podiam acumular um patrimônio consideravelmente maior que suas irmãs.⁴

Este estilo de transmissão de propriedade adquire sentido quando aliado ao ideal homogâmico/hipergâmico dos casamentos femininos. As famílias optavam por garantir a manutenção do patrimônio econômico familiar por via masculina e permitiam que os

⁴ As práticas relativas à transmissão de terras vigentes em Serro Verde guardam analogias com as dos camponeses, pequenos sitiantes do sul de Minas analisados por Moura. A autora destaca como, em função de uma divisão sexual do trabalho que estabelece a casa como o locus social feminino, a mulher é alijada do trabalho da terra, de negociar em geral, e de negociar terras em particular. Exclui-se, de fato, a mulher da propriedade da terra, seja aproveitando as circunstâncias do casamento em comunhão de bens que transfere a direção do empreendimento produtivo para mãos masculinas, seja invocando a impossibilidade de uma mulher solteira dirigir um empreendimento semelhante o que automaticamente justifica que o faça um irmão (Moura, 1978). É interessante observar que, guardadas a distâncias - Moura estudou camponeses sitiantes que trabalham as terras com ajuda de seus filhos, numa economia que raro extrapola o nível de subsistência - a idéia de excluir as mulheres, não do direito à herança, mas sim do exercício da propriedade sobre as terras, parece ser a mesma vigente entre os fazendeiros de Serro Verde.

filhos casassem com *moças pobres*. Simultaneamente, exigiam que as filhas, que seriam menos favorecidas economicamente, realizassem casamentos com jovens que recebessem o mesmo tratamento que seus irmãos, ou que gozassem de posição econômica superior. Ao mesmo tempo que as famílias acolhiam carinhosamente suas noras consideradas *pobres*, reprimiam as *paqueras* de suas filhas com rapazes do mesmo nível das noras.

A contrapartida simbólica dos ideais de casamento pode ser lida nas exigências do que cada sexo deveria ter para casar. Os dados sugerem que, a partir das primeiras décadas deste século, possuir um certo capital econômico era um requisito necessário da virilidade. O intrinsecamente feminino parece ter sido, por sua vez, a possibilidade de manter um certo tipo de moralidade. Pitt-Rivers analisa a vergonha feminina - traduzida por virgindade e castidade - como uma entre as diversas qualidades transmissíveis, que cada sexo passa de uma geração a outra (Pitt-Rivers, 1974). Em Serro Verde, os juízos sociais exercidos sobre as mulheres parecem ter privilegiado as classificações morais às classificações baseadas em critérios econômicos. De fato, praticamente o único impedimento feminino para casar parece ter sido, a partir desta geração, a desonra feminina, transmissível à descendência por via feminina.

Afora as semelhanças nas estratégias implementadas pelos dois grupos de parentesco, é necessário ressaltar que existiu uma maior flexibilidade entre as levadas a cabo pelos Pinheiro Leitão,

que nas empreendidas por seus inimigos políticos. Este fator provavelmente pesou no maior êxito do grupo em manter-se integrando as camadas dominantes.

Em termos de preservação de terras, os Pinheiro Leitão adotaram, em sua maioria, a prática de vinculá-las, evitando assim que a geração seguinte pudesse vendê-las. Este procedimento - excepcional entre os Moraes - assegurou a permanência das fazendas nas mãos de uma parte do grupo durante as décadas difíceis vividas pelas famílias no começo deste século.

Nos movimentos migratórios que conduziram integrantes dos dois grupos de parentesco para fora de Serro Verde, os Pinheiro Leitão protagonizaram algumas inovações. Enquanto os Moraes partiam para cidades próximas, nas quais reproduziam sua condição de componentes das camadas médias, os Pinheiro Leitão partiam rumo ao Paraná, região mais arriscada porém mais promissora, onde alguns conseguiram enriquecer. Se entre os Moraes eram os homens que partiam, entre os Pinheiro Leitão se admitiu que emigrassem, como pioneiras, jovens solteiras.

No que concerne à educação superior, houve diferenças significativas entre os grupos. Os Pinheiro Leitão ingressaram nas universidades décadas depois dos Moraes. Mas, quando o fizeram parecem ter sido orientados por uma finalidade pragmática. Um dos filhos de Frederico formou-se em Direito. Nas gerações seguintes, os Pinheiro Leitão optaram por carreiras que possibilitassem incrementar os rendimentos de suas terras.

Em termos de escolhas conjugais, os Pinheiro Leitão parecem ter delimitado, a partir da quarta geração, um universo mais amplo de cônjuges possíveis. Os Moraes, por sua vez, presos ao que passaram a considerar seu passado de elite, recusavam-se a casar com *estrangeiros*. Os Pinheiro Leitão, para quem as restrições ao casamento pareciam estar diretamente ligadas ao capital econômico possuído, contrairam matrimônio com italianos considerados *ricos*.

As proibições de casamentos com os Moraes que ainda conservavam suas terras soam como notas dissonantes no quadro das concepções aparentemente mais abertas - ao menos em termos de capital simbólico - para incorporar cônjuges vigentes entre os Pinheiro Leitão.

2. ROMANCES PROIBIDOS, ROMANCES DESIGUAIS ?

As uniões transgressoras que ocorreram no contexto das tendências de escolhas de cônjuges foram provocando a ira de sucessivas gerações de famílias. Nos relatos, os *casamentos proibidos*, realizados por amor, têm sido uma constante nas camadas dominantes de Serro Verde a partir da última década do século passado.

As famílias reprimiram diversos tipos de *amores*, impedindo que culminassem em casamentos. Entre estes se incluem os romances entre primos, sobretudo de diferentes níveis nas hierarquias internas dos *grupos de parentesco*. Dos *amores* que superaram as oposições e conseguiram chegar ao matrimônio, os não desejados foram, sobretudo, os que uniram os dois *grupos de parentesco* e os que uniram mulheres consideradas *ricas* a homens pensados como *pobres*. As proibições que, no discurso, se fixavam na desigualdade do patrimônio entre os noivos, recaíram em sua maioria absoluta sobre as mulheres.

Mas, que tipo de igualdade era ameaçada pelos romances considerados transgressores? Nos *amores* entre jovens consideradas *ricas* e candidatos considerados *pobres*, a desigualdade está mais clara. Entretanto, nos romances estabelecidos entre *ricos/as* Moraes e *ricos/as* Pinheiro Leitão, que tipo de perigo representavam os *amores proibidos*?

Quando os relatos se referem, com riqueza de detalhes, aos motivos pelos quais se tentava impedir os *casamentos proibidos*, no plano das escolhas de cônjuge se estava delineando um ideal de casamento *homogâmico/hipergâmico*. Isto explica os impedimentos levantados contra as uniões *rica/pobre*, mas obscurece a compreensão das dificuldades colocadas aos romances entre os grupos. Para chegar ao significado das ameaças representadas pelos romances transgressores, é necessário deter-se em alguns aspectos das hierarquizações sociais imperantes em Serro Verde.

Os relatos que recriam as trajetórias familiares sublinham diferenças que operaram não só entre um e outro grupo de parentesco, mas também no seio de cada grupo. Nas histórias, diversos elementos sociais e econômicos são somados e subtraídos, possibilitando a qualificação de cada família num sistema de avaliações múltiplas. O que é importante compreender é que, na narrativa, a avaliação destas diferenças é extremamente fluida.

Creio que os critérios, além de terem variado no decorrer do tempo, estão diretamente relacionados com uma certa *segmentariedade* na organização dos grupos considerados.⁵ Nas histórias das trajetórias familiares é possível observar que em cada grupo de parentesco existem subdivisões que mantêm uma certa oposição entre si e cujas relações mantêm, em geral, uma certa tensão. Esta se agudiza seriamente em momentos de conflito. Não obstante, as oposições existentes no interior de cada grupo parecem diluir-se em situações nas quais os enfrentamentos se produzem entre os dois grupos. Destacam-se então outras oposições que regem a relação entre as duas parentelas, quando cada uma adquire a conotação de um todo

⁵ O conceito de *segmentariedade*, desenvolvido por Evans Pritchard e retomado por Dumont, alude à divisão de grupos que aparecem ou desaparecem conforme a situação em que se encontram. Quer dizer, os grupos não são permanentes, estáveis. De acordo com as circunstâncias opõem-se a outros ou segmentam-se, dividindo-se em vários grupos da mesma natureza (Evans Pritchard, 1978; Dumont, 1969).

indiferenciado. ⁶

O que me interessa destacar é que, nos relatos, as classificações com as quais se considera cada família em particular se relacionam com o tipo de divisão em que o narrador se inclui e esta depende, por sua vez, da situação que está sendo revivida.

⁶ O comportamento de um dos grupos frente à sucessão política, exemplifica o jogo de oposições mencionado. Na narrativa, o estabelecimento das hierarquias internas nos grupos de parentesco é considerado como um fator que pesou na ascensão dos integrantes que atingiram as camadas altas. As hierarquias entre os distintos níveis dos grupos aparecem regendo as relações sociais e os laços de solidariedade econômica que têm lugar, predominantemente, dentro de cada nível. É extremamente difícil que o setor masculino dos níveis superiores ajude os inferiores a ascender socialmente. Em termos políticos, não obstante, o grupo dos Pinheiro Leitão funcionou como um todo coeso quando se opôs a outros grupos. O controle quase ininterrupto do poder local foi um de seus mais caros motivos de orgulho, constituindo um elemento importante no simbolismo familiar. Proporcionou satisfações em favor das quais se realizaram verdadeiros potlatches de riqueza. Entre os chefes políticos do grupo houve aqueles que, no passado, empenharam praticamente toda sua fortuna em favores e cuidados com correligionários - contrapartida necessária do poder mantido através deles. E entre os poucos casos em que a solidariedade econômica atravessou os distintos níveis do grupo, sem que isto se devesse à participação feminina, contam-se os que tiveram uma finalidade política. Isto porque a manutenção do controle foi um motivo suficientemente importante para que o ramo rico, frente a ausência temporária de quadros, ignorasse suas diferenças com o ramo pobre e inserisse candidatos deste nível, neles investindo grandes somas de dinheiro e abrindo-lhes a possibilidade de alcançar as camadas altas.

Quando o que está em jogo é a avaliação dos outros níveis dentro de uma mesma *parentela*, as divisões realizadas sobre bases econômicas são amplamente determinantes e as diferenças gradativas que separam os *ricos* dos *mais ricos* e os *pobres* dos *mais pobres* aparecem como particularmente importantes.⁷

⁷ Os *ricos* são retratados, basicamente, como grandes proprietários. Os *pobres*, por sua vez, como pequenos e médios proprietários. Claro que existem pessoas *mais pobres*, e até *miseráveis*, mas como não fazem parte das famílias, não são contempladas nesta classificação. Nos relatos, a riqueza, nas primeiras décadas consideradas, expressa-se em termos de terras e número de escravos. Posteriormente, é considerada como um capital que incluía terras, ações, dinheiro líquido e imóveis em Serro Verde, Belo Horizonte e - mais tarde - em São Paulo. As indústrias de pequeno porte, às quais poucos se aventuraram e sem muito êxito, não chegaram a constituir um fator de peso na conformação deste panorama. Entre os *ricos* - possuidores de terras que se estendiam por mais de 1000 alqueires-, os *mais ricos* foram os que possuíram o conjunto de todos estes ativos e, sobretudo, os que possuíram mais terra - entre 2.000 e 4.000 alqueires. Seu valor não era medido necessariamente apenas em alqueires de terra nem em sacas de café produzidas. A quantidade de colonos residentes nas fazendas - medida também dos votos seguros nas eleições municipais - era vista e calculada como signo de poder. Os fatores econômicos também influíram no estabelecimento das hierarquias entre os níveis inferiores de cada *parentela*: o fato de possuir ou não um sítio e suas dimensões, de ser ou não proprietário de um comércio e de possuir mais de um imóvel, foi separando os considerados *pobres*, proprietários de 40 ou 50 alqueires, dos *mais pobres*.

As distinções estabelecidas sobre bases econômicas são provavelmente, as mais nítidas. Porém, no que se refere às qualificações com que são pensadas as famílias, são considerados também os meios pelos quais a riqueza foi obtida. As diferenças entre *pobres* e *ricos* não estão isentas de juízos negativos. A contrapartida do desprezo que os que *enriqueceram* expressam por seus parentes *pobres* é o ressentimento destes últimos, que sublinham a falta de solidariedade e até de honestidade com que uma parte da família enriqueceu, às *suas custas*.⁸

As diferenças imperantes entre os distintos níveis de cada parentela, entre os *mais e menos ricos* e os *mais e menos pobres*, ofereceram uma série de critérios sobre cuja base se estabeleceu a

⁸ Nos relatos, a *cultura* parece ter sido um elemento fundamental que os *pobres* das parentelas tentaram mobilizar para elevar sua posição. Se na atualidade a *cultura* é um bem caríssimo para o conjunto dos Moraes separando-os dos considerados *novos-ricos*, o quadro é diferente quando se pensa no passado. A *cultura* era privilegiada entre aqueles que, nas décadas de 1920/30, já eram considerados *pobres*, e através dela tentavam diferenciar-se positivamente dos *parentes ricos*. Entre os Pinheiro Leitão das camadas médias a educação, especialmente a formação universitária, foi assumindo um valor muito maior do que o que teve nas camadas altas. O status adquirido através da educação não chegou a igualar *parentes pobres* e *ricos*, mas foi um meio seguro pelo qual os *pobres* puderam distinguir-se dos *mais pobres* do grupo, que continuaram a ter pouca escolaridade e pouca educação em geral, o que se traduzia por falta de bons modos e um estilo de vida *caipira*, próprio de quem permaneceu na *roça*.

igualdade para casar. Esta começou a imperar ao mesmo tempo em que se abandonavam os casamentos consangüíneos. E uma infinidade de primos *apaixonados*, *desiguais* - de acordo com as hierarquias internas de cada grupo - foram reprimidos pelas famílias sob o pretexto de protege-las de uma descendência cheia de *taras*. Mas os amores transgressores que ocorreram entre integrantes dos dois grupos de parentesco remetem a outro tipo de hierarquização. Quando a distinção se estabelece entre as parentelas, as desigualdades econômicas passam a superpor-se a qualidades dadas por pertencer ao grupo como um todo.

Em Serro Verde as histórias familiares tornaram-se um ponto central nas diferenciações entre os grupos de famílias. Estilos de vida, condições morais e critérios econômicos tendem a ser correlacionados com o fato de pertencer a uma família determinada. O grau de excelência da família se estabelece sobre o fato de haver sintetizado, ao longo de sua história, certos princípios éticos e determinado nível econômico e que se decompõe numa série de outras qualidades: *coragem, honradez, visão de futuro, cultura, bom gosto*.

Na adjetivação que se atribui a uns e outros são fundamentais as qualidades distintivas dos diversos integrantes das famílias nas sucessivas gerações. O caráter da família, considerado a partir de sua história, parece estar constituído por uma superposição complexa de qualidades individuais. Quando estas foram valoradas positivamente, parece ter sido necessário que se somassem para chegar a qualificar o grupo como um todo. Quando, ao contrário, as qualidades foram consideradas negativamente, o fato de haver apenas um

ou dois indivíduos portadores de *vícios*, bastou para qualificar, durante gerações e numa naturalização de critérios culturais sexualmente diferenciados, boa parte do setor masculino ou feminino da família.

Para que o nome de uma família seja associado com *honestidade* é necessário que, ao longo das gerações, o grupo tenha contado com uma série de pessoas consideradas *honestas*. *Gastar tudo com mulheres, beber, jogar ou levar uma vida livre* são qualidades com suficiente potência contaminadora para passar de um indivíduo a seus descendentes.

Na narrativa estes valores são considerados à luz das transformações ocorridas no decorrer do tempo. Porém quando um grupo está julgando o outro, cronologias e formas de manifestação dos valores básicos - compartilhados por uns e outros - são mobilizados na

tentativa de desvalorizar a outra parentela.⁹

⁹ As qualidades fundamentais com as quais se adjetiva o setor feminino, associadas à pureza sexual, permaneceram relativamente inalteráveis, através das décadas. As expressões das qualidades masculinas, por sua vez, parecem ter sido mais dinâmicas. A *esperteza* necessária para enriquecer rapidamente foi fundamental em todas as gerações e, em Serro Verde, isto sempre esteve associado à habilidade em concentrar terras. Mas a narrativa leva em conta que os meios considerados lícitos para consegui-lo foram variando. Assim, uma família *boa*, hoje composta por trabalhadores honestos que se preocupam em proporcionar dignas condições de vida aos colonos e suas famílias, pode descender daqueles que no passado usurparam terras e mandaram matar opositores políticos. Isto porque considera que estes meios necessários para o sucesso da família eram lícitos na época em que foram utilizados. Da mesma forma, o fato de ter como antepassados, e sobretudo antepassadas, analfabetos/as não implica necessariamente que uma família seja considerada *inculta*. Considera-se que isto era normal em outros tempos, e chega até a constituir uma qualidade da qual a família se orgulha. A *esperteza* é um valor unânime a todos os relatos, e em seu nome se aceita que a violência tenha sido utilizada. Ao mesmo tempo, enquanto alguns consideram o recurso ao trabalho escravo como selvagem e degradante, os acusados argumentam que este tipo de violência cometida pelos antepassados ocorreu em tempos muito remotos, não afetando-os portanto. Porém, condenam as violências mais recentes, cometidas pelos outros. Aceita-se que os ancestrais de uns e outros foram analfabetos, mas para os Moraes, o fato de que seus opositores tenham adquirido educação formal com algumas décadas de diferença, é suficiente para qualificá-los, definitivamente, como pessoas *sem cultura* até os dias de hoje.

A maior parte dos critérios que, em conjunto, participam da constituição da qualidade básica de uma família são flexíveis. Para quase todas as qualidades negativas que podem empurrar uma família *para baixo*, segundo o imaginário local, existem critérios de compensação.¹⁰ Entre as concepções mais desvalorizadas se encontra, para os dois grupos, a de *sem família*, pois os assim considerados carecem de raízes, de história e de compromissos.¹¹

O equilíbrio entre as distintas qualidades mencionadas, atribuídas a cada cônjuge, foi considerado base da *igualdade* nos casamentos. Inversamente, um *desequilíbrio* entre as qualidades distintivas foi determinante da *desigualdade* - fosse para baixo ou para cima - no estabelecimento das alianças matrimoniais.

¹⁰

Entre os elementos que parecem haver sido mais eficazes para neutralizar qualidades negativas, na medida em que proporcionam intenso prestígio, se considera o poder político. Entretanto, os comportamentos adotados pelos que mantinham este poder, associados à *falta de cultura*, são desvalorizados pelas famílias que não conseguiram permanecer controlando o poder local.

¹¹

Variou o tipo de pessoa assim classificada e esta foi considerada sob uma ótica diferente por cada grupo. Os estrangeiros, particularmente italianos e *turcos*, eram os que careciam do capital simbólico dado pela pertença a uma família e isso, da perspectiva dos que se consideravam famílias tradicionais na cidade. Para os Pinheiro Leitão, diferentemente, este critério passou a ser aplicado às famílias das *camadas médias* consideradas *poberes* que, provenientes de outras cidades e estados, instalaram-se na cidade.

É importante sublinhar o fato de que os eixos classificatórios aos quais se foi dando maior peso, variaram de acordo com a ótica de cada grupo de família. A narrativa sugere que as ênfases devem ser lidas no contexto de uma prolongada disputa pela conquista do poder local. Nos momentos em que esta se agudizou, assemelhando-se a uma batalha, acirraram-se também as diferenças e modificaram-se as ênfases delimitando rígidas fronteiras simbólicas entre um e outro grupo e estabelecendo a impossibilidade de atuação de critérios compensatórios. Desta maneira, elementos compensatórios foram valorizados em certos momentos mas ignorados nas situações de maior conflito. Em suma, cada grupo de parentesco foi manipulando a seu favor - exaltando suas qualidades e desqualificando o outro - as diversas expressões dos valores considerados básicos.

*

Os *casamentos proibidos* realizados entre os dois grupos de parentesco de Serro Verde, uniram pessoas de equivalente patrimônio material. Os Pinheiro Leitão escolheram seus cônjuges entre os poucos Moraes que, depois do declínio da parentela como um todo, conservaram a posse de seus bens. Na narrativa, as proibições são justificadas.

com base numa **desigualdade** de capital social e não de capital econômico.

Os Moraes não chegaram a constituir uma família notável mas a partir de sua trajetória, revestiram-se de valores próprios de uma **antiga elite** que os distingue dos Pinheiro Leitão.¹² Os últimos preferem não deter-se muito no próprio passado. Destruíram boa parte dos seus documentos familiares através de uma prática generalizada de queimas sucessivas. Respondem às acusações de voracidade e oportunismo de que são objeto destacando a força e capacidade de trabalho que lhes possibilitou o acesso ao poder. Deploram, por sua vez a incapacidade da maior parte dos Moraes em conservar suas terras e a excentricidade com que os poucos que conservaram seu patrimônio realizaram gastos inúteis. Consideram-na resultado de histórias familiares excessivamente fáceis, opostas às próprias, típicas daqueles que vêm *de baixo*. Orgulham-se das *prendas* que ainda hoje

¹² Refiro-me a família notável tal como definida por Brioschi, ou seja, como constituída em torno de um capital; formada por um conjunto de unidades que mantêm estreitas relações com o grupo de parentesco, que apresenta um nome socialmente conhecido e se conserva em situação de poder e prestígio sócio/político e/ou econômico por várias gerações (Brioschi, 1986). O conceito de elite está presente entre os Serroverdenses que a consideram integrada pelos descendentes dos antigos latifundiários. Silva observa, em seu estudo sobre as mulheres de **prendas domésticas** da elite de uma cidade mineira, que não há correspondência entre a elite de uma metrópole e aquela das cidades pequenas do interior (Silva, 1985). Esta diferença se delinea nitidamente nas concepções das famílias de Serro Verde.

suas filhas luzem, mantendo comportamentos que nada tem a ver com a promiscuidade dos jovens de hoje e que além de estudar e trabalhar cozinham, bordam e sabem ser *boas esposas*. Ressaltam a própria generosidade expressa nas obras de caridade e explicitam códigos severos que combinam unidade e honra familiar. Baluartes da moral sexual, os homens e mulheres que detêm o poder na atualidade controlam qualquer infração.

Os Moraes, por sua vez, cultivam uma memória genealógica relativamente profunda e se preocupam com a preservação histórica guardando com cuidado os restos do passado. Conferem grande valor à educação e ao *bom gosto* que herdaram dos antepassados. Seu próprio discurso descreve simultaneamente o luxo latifundiário e as violências cometidas pelos ancestrais, sem omitir crimes, torturas e até violência sexual. Revisam seus comportamentos com a tranquilidade daqueles para quem sua condição está além de uma *moral pacata*.

O halo de brilho antigo com que se rodeiam os Moraes é, apesar de tudo, reconhecido por uma parte dos Pinheiro Leitão. Entre estes, alguns integrantes das últimas gerações tratam de aproximar-se da dignidade dos Moraes consumindo *cultura*. Viagens à Europa, livros de arte e objetos antigos são elementos mobilizados para neutralizar as diferenças.

Franco observa, em sua análise do estilo de vida dos fazendeiros paulistas de século XIX, que o requisito mínimo para que seja possível estereotipar estilos de vida distintos, privativos de determinados grupos sociais, é uma forte estabilidade na forma de

distribuição de riqueza, dando tempo para que a base econômica da diferenciação social, diluída nos preceitos éticos e regras jurídicas, passe para segundo plano (Franco, 1974).

O lapso de tempo vivido pelos Moraes antes de decair como grupo e converter-se em testemunhas do ascenso de seus rivais não foi suficiente para afiançar a diferenciação de estilos de vida apontados pela autora. Através dos relatos, os critérios de distinção que, no imaginário das famílias, foram separando um grupo do outro parecem ter começado a funcionar precisamente quando o grupo dos Moraes em seu conjunto perdeu a supremacia do poder econômico e político local. Creio que o grupo procurou distanciar-se de seus opositores políticos construindo a lembrança de um passado glorioso, através do qual procuraram preservar-se dos Pinheiro Leitão.

Despossuídos da maior parte de seus bens materiais, os antigos donos de Serro Verde ainda consideram-se proprietários de uma dignidade que não deveria ser alcançada pela ambição dos *novos-ricos*. Os casamentos intergrupo parece que foram operando como golpes que em gerações sucessivas ameaçaram os Moraes, trazendo à tona velhos ressentimentos.¹³

¹³ Carvalho destaca que, durante a violenta polarização política vivida em Barbacena, Minas Gerais, entre 1930 e 1950 - análoga, em certa medida, à que ocorreu em Serro Verde a partir de 1900 - toda a vida social estava fracionada. E, na politização dos diferentes setores da vida, se incluía a proibição de casamentos mistos [Carvalho, 1980].

Os *casamentos proibidos* realizados fora do âmbito da disputa dos dois grupos de parentesco pelo poder local, foram aqueles que uniram *ricas herdeiras* a pretendentes *pobres*, filhos das camadas médias - de grupos que foram-se instalando na cidade a partir da década de 1940. Estas uniões ofendem o grupo dominante nos seus valores mais profundos. Fundamentando seu orgulho na capacidade de produzir e acumular, aos Pinheiro Leitão custa perdoar as filhas que, mediante casamentos com jovens das camadas médias, expõem as famílias a uma situação considerada humilhante pela desigualdade.

Thompson adverte para a importância de não se perder de vista o fato de que, ao longo do tempo, as fortunas familiares sobem e baixam. O que se herda, na realidade, é a propriedade em si mesma, os direitos sobre os recursos de uma futura sociedade, e seus beneficiários podem ser - para além dos descendentes históricos de uma família em particular - , os descendentes históricos da classe social à qual a família pertenceu alguma vez (Thompson, 1979). Neste sentido, pode-se pensar que, em Serro Verde, um grupo de parentesco ocupou o espaço estrutural que outro havia tido no passado. Entretanto, considerando com atenção as histórias matrimoniais dos dois grupos de parentesco, é possível observar que, nesta troca de posições, os herdeiros do antigo grupo dominante não foram apenas pessoas do outro grupo. Foram também - para além do número de famílias Morais que foram diluindo-se em migrações sucessivas ou nas camadas médias - , os descendentes daqueles que foram realizando

matrimônios proibidos. O amor, tenazmente defendido por mulheres de distintas gerações, parece ter sido um recurso mediante o qual viabilizaram a permanência de seus descendentes nas **camadas altas.**

CAPITULO 3 -

MULHERES , SUJEITOS OU OBJETOS NO AMOR ?

Nos relatos dos integrantes das camadas altas e médias de Serro Verde, o material mais antigo referente ao amor como elemento da escolha de cônjuge remonta a fins do século passado. A época coincide, aproximadamente, com a cronologia que é possível realizar a partir dos trabalhos relacionados com o casamento em São Paulo e no Rio de Janeiro. No Brasil do século XIX o amor parece ter sido pouco importante como estímulo para o casamento. Samara observa, apoiada na análise de casamentos realizados na cidade de São Paulo, que os aspectos complexos envolvidos na escolha conjugal e as oportunidades limitadas da vida social feminina dificultavam a participação daquele sentimento na eleição do cônjuge (Samara, 1981). A partir da análise

de processos de divórcio e correspondência pessoal, Araújo considera que as famílias dos centros urbanos foram modernizando-se - pelo menos no plano das mentalidades - nas primeiras décadas deste século. E, dentre as transformações, destaca-se o espaço que passou a ser dado ao sentimento. A autora comenta que, ao lado de namoros e noivados mais prolongados e de um maior peso das decisões pessoais nas escolhas de cônjuge, o afeto passa, nesse período, a ser considerado um fator relevante tanto para o casamento quanto para o divórcio; ou seja, se casa e se separa por amor [Araújo, 1989].

Nos relatos dos integrantes mais idosos dos dois grupos de parentesco, esporadicamente, e para a última década do século XIX, as pessoas se enamoram de pessoas com as quais depois se casam ou de pessoas com as quais não conseguem casar. A primeira história de amor entre jovens que se casaram data de fins da década de 1880. Uma década depois, aparecem nos jornais locais, as primeiras crônicas de amor erotizado entre noivos.¹

A narrativa começa a oferecer um material mais consistente sobre o *amor* quando se refere a um período que se inicia, aproximadamente em 1920. Os relatos apresentam as escolhas de cônjuge que aconteceram na Serro Verde das primeiras décadas deste século, envoltas num clima altamente romântico. Nos anos 30 os romances lidos furtivamente, filmes de amor e conversas sobre namoros

¹ Veja-se "O Fructo Proibido" de Coelho Neto, em O Serro Verde. 13/1/1897 (Carrato, 1986)

eram o centro da atenção das mocinhas. A importância de casar por amor se manifestava abertamente.

"As meninas eram criadas para o casamento. Nós ocupávamos muito dos namoros, das fofocas e isso embalava a gente. O ti-ti-ti... Fazíamos festinhas, bailinhos. A gente ia muitas vezes com o sapato apertado, um calo doendo ... e voltava para trocar o sapato... Lia-se muito. Muito mais que revista era romance de Madame Deli. Como eu lia meu Deus! Romance lindo. Então, quando apertava o serviço, a gente ia até o banheiro para ler. Disfarçava que estava no banheiro mas o que estava era lendo romance ..."

Dona Carmen Pinheiro Leitão.
80 anos. Fazendeira. Viúva de um Moraes.

"A gente assim ... já sonhava com uma vida a dois... Tinha muito romance. O amor era um tema entre nós. Nós conversávamos. A gente contava tudo o que estava acontecendo. Em casa era de duas em duas irmão. Eu contava as coisas de namoro ... e a minha mãe chamava:

- Meninas, durmam. Amanhã vocês têm que levantar cedo!

A ideia não era casar por casar ... tinha que casar apaixonada."

Dona Dorotheia Pinheiro Leitão.
Viúva de um fazendeiro. 71 anos.

Se os assuntos de namoro ocupavam as mocinhas de Serro Verde, eram um tema também importante para seus irmãos. Vários jovens, na década de 30, participaram da redação de um jornal no qual ironizavam os companheiros que estavam apaixonados.

" Consultorio de O Orvalho:

Consulta particular.

O cliente E. J. soffre de paixão chronica, atacando coração. Deve tomar 40 pílulas de soccego. Evitar de encontrar com a pequena ou ir chegando aos poucos para não tomar choque amoritico, que lhe pode carusar graves consequências. Não pegar o bonde, pode ter um colapso cardiaco e cair dos trilhos. Deves fazer exercicios andando pela rua Wenceslau Braz."

E, num estilo humorístico, faziam circular bilhetes de amor.

" Um certo rapaz que mora na rua Enel F. Soares, recebeu de uma senhorita um bilhete que dizia:

- O teu amor me consola -

*Tenha amor a senhorita, nem que seja por esmola
deixe-a que sempre repita :*

o teu amor me consola." ²

² De "O Orvalho", mes II, n 5, de 29-3-1931. In Carrato, J, 1988.

Este trabalho procura cobrir um período de quase noventa anos. Em uma boa parte deste período - desde as primeiras décadas deste século até finais dos anos 60 - existe uma série de continuidades relacionadas com o processo de namoros e casamentos. Os reflexos da revolução sexual e a modernização dos anos 60 parecem haver realizado uma drástica mudança no clima de romance e na conduta sexual dos jovens. Até então, para além dos estilos em voga - nas leituras, nas roupas e na música - , as juvenzinhas de diferentes gerações viram-se submetidas a controles familiares semelhantes. Durante décadas sucessivas as namoradas se despediram com pena de seus namorados que, depois do baile, iam manter relações sexuais com prostitutas ou *moças faladas das camadas inferiores*. E, namorados e namoradas seduziram-se mutuamente utilizando elementos de um estoque mais ou menos permanente de técnicas de cortejo.

Os estilos de *paquera* são entesourados na memória das pessoas das idades mais diversas. Os mais velhos recordam seus romances, iniciados nas décadas de 1920/30. Às vezes eram as juvenzinhas que tomavam a iniciativa.

"Um belo dia nos encontramos. Numa quermesse, aliás. Começaram os cartazinhos. Foi a primeira trova que eu fiz na minha vida... porque toda vida eu gostei muito de poesias, mas das alheias. Naquela quermesse tinha o tal correio elegante e me deu uma vontade de fazer trova. E

eu fiz tres trovinhas e a primeira foi para ele. Ficava me amolando, provocando. Eu fiz uma trova e ele achou muita graça na trova que eu fiz. E ele veio de Leopoldina, e a linguagem, os termos eram completamente diferentes e eu usei um termo que eles usavam lá em Leopoldina, e ele achou uma graça naquilo. Ele se chamava Gaudencio de Freitas Filho. Então eu fiz a trovinha assim:

- O senhor Gaudencio Freitas
sem dúvida é bom rapaz,
mas como é cheio de tretas
nós nunca estamos em paz.

E isso de cheio de tretas é o que se usava muita lá em Leopoldina. E ele se admirou de eu empregar aqui... porque eu nunca tinha conversado com ele. Bem, mas ele não me respondeu, pois ele não me sabia responder. Ele era meio encabuladinho.

Nessa semana meu pai morreu. Quando ele, já de olho, soube, eu já percebi que estava atrás. Ele se encheu de pena. Eu estava com 18 anos. Quando ele soube, na hora do almoço, foi lá para casa e só saiu depois do enterro de papai. Missa do sétimo dia já estava lá. Ai o meu irmão começou a brincar:

- Tem gente que está assistindo muita missa pelo meu pai aqui.

Ai todo mundo começou a desconfiar. Chegou a missa do trigésimo dia, e ele firme lá. Firme até o fim. E daí para frente foi amarrando, amarrando...

Entrou em casa e pronto, acabou."

Dona Filomena Morais, 75 anos. Professora aposentada.
Viúva de um administrador de fazenda.

Os narradores sorriem quando descrevem a infinidade de espaços que abrigaram seus flirts: o escuro do cinema, matizado pela luz cinzenta de um filme de Rodolfo Valentino, os salões das tias, as quermesses, a saída da missa, os preparativos para o carnaval, os bailes do Clube e a longa viagem de trem de São Paulo a Serro Verde, que demorava um dia inteiro - foram testemunhas do início de muitas *histórias de amor*. Também se divertem recordando o terror que provocaram, na década de 1950, os vãos rasantes com os quais um jovem aviador chamava a atenção de quem é hoje uma respeitável avó. Para além dos casos espetaculares, as serenatas, poesias de amor e as cartas recebidas através do correio elegante emocionaram tanto os que hoje têm 80 anos quanto os que com 30 recordam-se como na Serro Verde de suas adolescências *se morria de amor*.

Nos anos 70, *moças de boa família* casaram grávidas nos altares da cidade. Noivas e noivos começaram a *transar*. Viúvas e divorciadas, mães de filhos legalmente concebidos, dormiram acompanhadas. Como ocorria com seus irmãos homossexuais em décadas anteriores, se lhes pedia apenas um pouco de discrição. A recente liberação não é mais do que um leve verniz, no que se refere à reprodução social das famílias. Viveram-na apenas as mulheres que não ameaçam os **grupos de parentesco** mediante uma descendência pouco adequada.

Na Serro Verde das décadas passadas os homens sexualmente livres eram, em certa medida, reprimidos sentimentalmente.

Podiam expressar seus sentimentos corporalmente, mas de alguma forma lhes era vedado o acesso à manifestação verbal do amor. No vaivem de permissões e proibições entre os sexos, parece que só recentemente se permitiu aos jovens falar de amor mais tranquilamente.

"Eu visitava aquela professora às tardes. Eu tinha 14 anos e ela 28. Não começamos a trepar tão cedo. No começo ficávamos nos amassando e ela ficava de calcinha. Depois, sim, começamos a trepar. Agora, para mim era uma coisa, assim, carnal. Para ela, nem tanto. Ela falava que estava apaixonada por mim. Acho que ela era muito sexual. E, para mim, sexo era ela. Pensava em sexo. Ao mesmo tempo amava Marcia. Amava e amei como nunca mais voltei a amar. Eu acho que também não vou amar. Não falo que seja melhor, nem pior. Estou cada vez mais afastado dos valores daquela época."

Romualdo Pinheiro Leitão. 30 anos.
Engenheiro.
Filho de um sitiante.

No entanto, as palavras de amor se endereçaram a apenas uma parte das mulheres que participavam das relações amorosas e sexuais com os jovens de Serro Verde. As relações sexuais que muitas jovens começaram a manter com seus namorados nos anos 70 não destruíram o duplo código de moral sexual. As meninas lutaram contra diversos temores antes de aceitar a relação sexual exclusiva com aqueles que despossariam mais tarde. Seus namorados, por sua vez, mantinham relações sexuais com elas e, concomitantemente, com um amplo

espectro de mulheres.

A análise da correspondência mantida durante a década de 70 por Romualdo, um jovem das camadas médias, estudante universitário e militante de esquerda, mostra que, simultaneamente a seu *namoro oficial* em Serro Verde, relacionava-se com outras mulheres. Estabeleceu vínculos, muitas vezes sexuais, com figuras femininas de diversas idades e diferentes camadas sociais. As relações estabelecidas tiveram uma certa duração - meses e até anos - e, escondidas para a *namorada oficial* que nada sabia, eram do conhecimento das *transas*, por sua vez cientes de que a relação principal era outra.

"Análise um pouco os fatos, eu tinha toda razão de agir como agi, sei que ela é sua namorada. Aceitei isso, não me importei de estar em segunda jogada, mas fiquei chateada. Estou triste por dentro, mas te digo de coração ... ela deve ser bacana".

T. 6/3/1974. Carta de um caso a Romualdo.

As mulheres das camadas inferiores eram as mais procuradas para estabelecer relações paralelas. E eram - invariavelmente - abandonadas depois. Ao lado de estudantes de outras cidades desfilam, pela correspondência, meninas das famílias pobres de Serro Verde e alguma *prima pobre* de filiação ilegítima.

Entre elas algumas, consideradas *putinhas* há dez anos atrás, são hoje prostitutas. Na correspondência também aparecem empregadas domésticas que esperaram inutilmente ajuda e amparo afetivo depois das *transas*.

"Já faz tres meses que não procuro você mas não dá mais para suportar essa situação sozinha. Em São Paulo não tenho amizades. Durante o dia trabalho, a noite e fim de semana quando devia estar divertindo fico em casa esperando que talvez você possa ligar mas você não liga porque não precisa de mim ... Por favor Romualdo eu só quero que você seja meu amigo, não vou prejudicar sua vida ..."

Z. 3/8/79. Carta de um caso, uma empregada doméstica, a Romualdo.

A correspondência com o grupo de pares, também estudantes em outras cidades na época da troca de cartas - que também mantinham *namoros oficiais* e relações paralelas - centra-se em relatos acerca das *transas* e ofertas de ajuda cúmplice para possibilitar os encontros.

As cartas sugerem a existência de uma atividade intensa em torno das diferentes figuras femininas. Porém, as palavras de amor eram reservadas para a namorada legítima, como se fosse possível corresponder à fidelidade amoroso/sexual das jovens com a exclusividade na retórica sentimental.

"... Por que não me deixa te dizer em teu ouvido que te amo inteirinha, que estou perdido por você, que te acho uma loucura... Quero-te. Tremo-me em pensar que seu corpo e pensamento se miram dentro de mim. Te amo, te beijo e te amaldiçoó e te quero este fim de semana aqui ..."

Romualdo. 13/5/78. Carta à namorada oficial.

1. - CASAMENTOS ARRANJADOS OU CASAMENTOS POR AMOR ?

Um clima de tanto romance não teria sido mais do que uma crueldade estrutural se depois de alentar os jovens à paixão, não se respeitassem suas escolhas conjugais. Na realidade, desde a infância atuavam controles mais ou menos sutís para evitar o risco implícito do romantismo. Os controles, que passavam pela seleção dos amigos, dos colégios e das diversões em geral, tinham como fim último conseguir bons casamentos, através dos quais o status familiar poderia ser mantido e foram acionados tanto nas camadas altas quanto nas médias.

"O pai controlava muito as nossas companhias. Ele estava sempre procurando pessoas de qualidade para que convivêssem conosco. Escolhia muito nossas amigas. Qualquer coisinha o papai batia os olhinhos assim ... Ai nós já sabíamos que a fulana não servia. Ele queria o melhor para as filhas dele. Então procurava escolher, indicar. Então dizia:
- Mas o fulano de tal é tão bom, tão distinto, tão honesto, tão inteligente."

Dona Filomena Moraes

"Nossa criação foi do começo do século. Aqui em Ferro Verde, nós não podíamos nem sair na rua. Era só vendo do jardim. Então nós ficávamos atrás das grades, olhando o povo passar como se nós fôssemos um animal diferente. Nós não podíamos chegar em janela porque aquilo era vulgar. A nossa casa era frequentada só pelos primos em segundo grau. Com eles é que brincávamos. ".

Diva Pinheiro Leitão/Moraes. 48 anos.
Fazendeira. Divorciada.

A partir da última década do século passado os filhos das camadas dominantes foram enviados a colégios internos. Diante da falta de colégios locais, este era um meio de proporcionar educação formal aos jovens. Quando se criaram as escolas de Ferro Verde, sua

clientela compôs-se de pessoas das camadas médias e baixas, pois os ricos não as consideravam suficientemente boas. Desta maneira, a partir dos 10 anos de idade aproximadamente, os filhos dos Moraes e posteriormente dos Pinheiro Leitão educavam-se em diversos colégios de Itú, Campinas, São Paulo e Belo Horizonte. Durante vários anos sucessivos, estas crianças passavam apenas as férias em Serro Verde, geralmente nas fazendas, dispondo, portanto, - até o final da adolescência - de poucas oportunidades de contato com a cidade.

O ensino escolar proporcionado pelos colégios era, geralmente, secundário em relação à educação das filhas. As escolas funcionaram mais como atribuidoras de status e como reclusão disciplinadora entre boas companhias.

"O de Itú não era um Colégio, era uma penitenciária.

Não podia conversar, não podia rir, não podia comer o que você quisesse, você era obrigada a comer toda a comida. Você não podia tomar banho nua. Você tinha que tomar banho com uma camisola. Era desse jeito ... Você rezava o dia inteirinho. Você só falava francês. Então você falava pouquíssimo porque nós não falávamos francês. Cantava, porque as missas eram todas cantadas, em latim. Recebia o pai no parlatório e o pai não podia sair com você na cidade. Então o pai ia, levava comida, levava doces e as irmãs tomavam conta daquilo. Você não tinha livre acesso a comida que seu pai mandava. "

D . Diva Pinheiro Leitão/Moraes

Até o final da década de 1950 as proibições paternas ainda vedavam o acesso à Universidade às filhas das camadas altas, em contraposição à liberdade de acesso de que sempre gozaram seus irmãos. A carreira não era um tema considerado importante pelos pais. Melhor dizendo era importante que as filhas não fizessem nada que pudesse tirá-las de seu ambiente.

" Na minha época a gente ia ao Colégio para ter uma educação geral. Estudava-se piano, uma língua. No Colégio de Itá, a gente era obrigada a aprender francês porque era uma língua obrigatória, porque os irmãos eram francesas. Tinha aula de pintura, de piano e de flores. Geralmente a gente entrava no Colégio para fazer esse curso. Depois tinha a escola normal. Mas logo eu saí do Colégio, meu pai não queria deixar eu fazer o curso normal. Eu queria estudar, mas era difícil uma menina fazer carreira, estávamos orientadas para o casamento. Depois que eu deixei a escola, não trabalhava. Eu dirigia a casa com a mamãe, a gente fazia as partes mais ou menos iguais. E levava uma vidinha de bordar, fazer uma pinturinha, eu aprendi a fazer bico de pena, toalhinhas, e era essa vidinha, e depois passear, né?

Dona Carmem Pinheiro Leitão.

A infância e a adolescência parecem ter sido momentos fundamentais para a operação dos controles mais sutis. A orientação familiar tornava-se mais evidente quando se aproximava a época em que as jovens casariam.

" Minhas irmãs tiveram muitos apaixonados ... mas o papai optava por esses que conhecia, amigos da família, gente conhecida, ligada mesmo né? Deu uma forcinha para os conhecidos, os parentes. É o tal do parentesco, né?

Eu tinha duas irmãs muito ligadas uma com a outra. Uma era um ano ou dois mais velha. O pai do meu pai, era irmão da mãe dos que se casaram com eles. Eles eram daqueles que foram para Goiás. Um médico e um farmacêutico.

O pai apreciava muito os primos. E papai, muito malandro, pegou o retratinho das duas - elas sempre contavam. Arranjou um retrato caprichado mesmo e mandou para a tia, lá em Goiás. Eles receberam o retrato e na mesma hora já marcaram:

- esta é a minha e esta é a sua.

Bem. Ai eles vieram para a casa do papai passear. A Judith já ficou noiva do farmacêutico. Para o casamento veio a família toda e veio também o médico. Elas não queriam se separar. A que casava já ia se separar da família toda. Então levou a irmã pra lá e lá ela ficou noiva do outro irmão. De lá ele pediu o casamento.

Papai, radiante, porque ele adorava os primos, queria mesmo o casamento. Eles eram bons mesmo. De modo que elas foram muito felizes, embora uma morreu logo. Quando a minha irmã morreu, a minha mãe foi para lá, para ficar

com as netinhas, porque a Fracema deixou cinco filhas. A caçulinha tinha um ou dois anos. Então a mamãe foi pra lá para fazer companhia para o genro. Eramos solteiras, eu e a Marta.

A mamãe consertava as roupinhas, cuidava das crianças ... Um belo dia ele virou para a mamãe e disse assim: -Você me dá uma das suas outras filhas?-

Ela disse: - Dou.

- O genro era um homem maravilhoso - , ela dizia.

- Você escolhe qual das duas você quer.

Eu era muito menina. A Marta era mais madura. E então a coisa se aprontou por lá. Ele escolheu e ela aceitou, foi lá."

Dona Filomena Moraes.

Na história dos casamentos de Serro Verde se distingue, segundo a tradição oral, uma época de casamentos explicitamente *arranjados* pela família - com maior ou menor suavidade- , que vai até as décadas de 1920/30 aproximadamente.

" O vovô conheceu a vovó quando ela nasceu, pois eles moravam na mesma fazenda. Ele teve uma herança, mas a herança maior era da vovó Madalena, apesar de que eles eram primos...

Pois é, dizem que os irmãos estavam lá dando banho na vovó Madalena e o vovô Julio César ao redor choromingando. Tinha ciúmes da bacia, né?

- Deixa para ter ciúmes mais tarde.

Aburdo, né? Já tinham programado o casamento.

Mulheres, sujeitos ou objetos no amor?

- Você vai ter ciúmes mais tarde.

Eles casaram em 1895 e a vovó, dez anos sem ter filhos, nasceu a tia Valéria e a tia Apolônia...

Os casamentos delas também foram mais ou menos arranjados, por causa de interesses...

Os paqueras delas foram outros. Às vezes era um tipo de casamento programado, se bem que não economicamente. Existe um interesse por parte do pai, entendeu?

Da capacidade do cara como administrador ou às vezes um cara até fraco ... são variáveis. O interesse não é só casar com um cara pelo patrimônio. Às vezes existe atrás disso um interesse, se o cara é fácil de manobrar ou não. O interesse não é para a filha. É para ele."

Miréia Pinheiro Leitão. 38 anos.
Fazendeira. Casada com um
industrial.

Posteriormente, os arranjos se transformaram em sugestões para os jovens casadouros das camadas médias e altas. Eles casaram com quem bem quiseram.

"Eu me lembro aqui, em casa, em relação aos filhos e as filhas era impressionante o diferente que era. Os filhos - meus irmãos - estudaram no Colégio São Bento, em São Paulo. Não deram nenhum trabalho. Eles eram estudiosos, equilibrados. Eles escolheram moça para casar. A mamãe, gostando ou não, não falava nada. Do jeito que eles quiseram. O problema era com as filhas!"

Diva Pinheiro Leitão.

Alguns filhos das camadas altas realizaram casamentos, acolhidos favoravelmente, com mulheres de status nitidamente inferior.

"Eu era muito criança quando foi o episódio das Bianconi, mas lembro de ter ouvido. Na época, Fernando Moraes era Prefeito. Foi das melhores Prefeituras de Serro Verde. Como ele era Prefeito, se ocupava das atividades culturais da cidade. E veio uma banda musical de um lar, todinha de mulheres, para tocar no coreto do Jardim. Quando chegaram a Nancy Bianconi, que tocava a tuba e a Alice, que tocava algum outro instrumento. Elas se hospedaram na casa do Prefeito. Ele, o Fernando, e o primo dele, ficaram encantados com as Bianconi. Elas tinham ficado órfãs e foram criadas num lar. Eram umas gracinhas. Foi um caso notável porque os Moraes se apaixonaram, correram atrás das moças e casaram com elas."

Dona Maria das Graças Fernão. Viúva de um comerciante, 78 anos. Integrante de uma família das camadas médias, aliada politicamente aos Pinheiro Leitão.

Para as juvenzinhas de Serro Verde, a mudança consistiu na possibilidade de escolher. Mesmo assim, se a escolha não fosse adequada para a família, eram obrigadas a desistir. Elas se enamoraram insistentemente fora do âmbito de aceitação familiar. Viagens forçadas, brigas e castigos físicos foram recorrentemente utilizados durante o transcurso das décadas para dissuadi-las de namoros inconvenientes.

A partir de meados da década de 1950, as *camadas médias* passaram a ser mais permissivas com suas filhas. Entre as jovens, que já trabalhavam com remuneração, fora do âmbito doméstico, começou a diminuir o sofrimento por amores rechaçados pela família. Quando, na década de 1970, os pais das *camadas médias* organizavam festas de casamento e compravam enxovais para a realização de uniões que desaprovavam nitidamente, as jovens *ricas* ainda imaginavam estratégias para viabilizar *casamentos proibidos*.

Parte da família se ocupava em rechaçar ou impor cônjuges. Em geral esta ocupação estava nas mãos do setor masculino: o pai da jovem, irmãos mais velhos e, ocasionalmente, os irmãos e primos do pai. Uma outra parte da família protegia as jovens. Geralmente eram as mulheres que abriam, na medida de suas possibilidades, espaços para os encontros dos casais não desejados: irmãs, tias, avós, primas e madrinhas, mas nunca as mães. Os homens que ajudavam os romances transgressores eram, significativamente, os considerados *parentes pobres*, componentes das hierarquias inferiores dos grupos de parentesco. No jogo de oposição e proteção podiam se cruzar os sexos, mas cada casal infrator sempre contou com algum amparo.

CAPITULO 4-

AMOR REBELDE E CASAMENTOS PROIBIDOS

No Serro Verde atual apenas os membros mais jovens dos dois grupos de parentesco, pessoas com menos de 35 anos hoje, falam com desembaraço das próprias escolhas de cônjuge e incorporam a sexualidade em seus comentários. Aos mais velhos custa-lhes introduzir o amor em suas histórias matrimoniais; entre os poucos que o fazem, são as mulheres que relacionam a paixão com seus próprios casamentos.

As senhoras mais idosas, que detalham o clima romântico que envolvia os seus flertes, não conseguem definir o amor. As poucas que consideram que realizaram casamentos por amor esforçam-se para tentar explicar por que se apaixonaram. Entretanto, parece-lhes difícil,

evidentemente, conceituar tanto a amor quanto a paixão.

"É difícil dizer porque alguém se apaixona. Não tem explicação... É uma afinidade muito grande que não se explica. Eu era apaixonada do Manoel já com 14 anos ... por quê? Não sei. Achava ele lindo, diferente. Eu tive a oportunidade de ter outros namorados. Tinha um médico... eu tinha tanto horror dele, pois ele usava meia preta. Só meia preta, só camisa branca. Tudo certinho. Eu dizia :

- esse aqui, nunca eu vou namorar, Deus me livre!

Ele tocava violão para ver se me cativava. E o Manoel não cantava nada, não tocava nada. E eu achava ele lindo, diferente de aqueles rapazes chatinhos, enjoadinhos ... "

Dona Carmem Pinheiro Leitão.

Não obstante, nos relatos que se referem às próprias escolhas e às realizadas por outras pessoas, aparecem classificações bastante claras. Surgem distinções nítidas que separam o gosto para casar e o carinho no qual o grau de parentesco fala mais alto do que o amor, de afetos mais fortes integrados pelo amor a primeira vista, a paixão, o amor verdadeiro e o amor sofrido em uma vasta tipologia amorosa.

Os afetos mais calmos são considerados elementos importantes na realização de um casamento bem sucedido.

Ocorrem na imensa maioria dos casamentos e são descritos através qualificações que sugerem a possibilidade de sua construção e permanência ao longo do tempo. Os amores mais intensos, por sua vez, aparecem abruptamente e são envoltos numa aura de irracionalidade. São sempre destacados nos casos em que existiu algum tipo de transgressão e podem ser paixões extra-matrimoniais ou paixões inconcebíveis que atacam diretamente a honra familiar.

"Havia muitos casamentos por interesse. No meio de mil, havia um casamento por amor. Depois de casados, naquela época não havia divórcio, começavam os casinhos atravessados. Ai é que havia romance, paixão, mas ai já era tarde. Ninguém perdoava que uma mulher tivesse um relacionamento assim, fora do casamento, como hoje. Naquela época não era. E as vezes depois de um casamento assim por interesse, surgia um verdadeiro caso de amor. Ai dava embrulha, as vezes saia morte."

Dona Filomena Moraes.

"O Padre Bressa era bonito, elegante, vestia batina de alpaca, gostava da boa mesa. Ele namorava uma filha de italianos, Mazzarolla era o nome da família. Ele tinha 44 anos e a moça 26. Ela, coitadinha, apaixonada, os irmãos descobriram e resolveram matar. Eles iam matar o Padre, mas a

Amor rebelde e casamentos proibidos.

moça se pôs na frente. Então pegaram ela a facadas, e atiraram nos dois. Eram tres irmãos os que cometeram o crime. O pai não participou, era um pobre coitado, mas só um dos irmãos assumiu o crime. Foi julgado e absolvido, por ter lavado a honra de família. Isso é uma história recente, estou falando de 1930, mais ou menos"

Libero Pinheiro Leitão. 65 anos.

Pitiente. Integrante do ramo pobre dos Pinheiro Leitão.

Porém, na maioria dos relatos, a *paixão* está vinculada a alterações na ordem estabelecida para os casamentos. Considera-se que os casamentos entre homens das camadas dominantes e mulheres das camadas inferiores foram realizados *por amor*. A *paixão* e o *amor verdadeiro* são permanentes acompanhantes das numerosas situações conflitivas vividas pelas jovens de Serro Verde em relação ao cônjuge escolhido. O *amor* aparece nos relatos quase como um sinônimo de *amor forte* ou *amor rebelde* contra relações obstaculizadas. Mas a *paixão*, identificada com os amores intensos também adquire características de permanência e, valorizada positivamente, é associada tanto aos amores frustrados quanto aos amores que redundaram em casamento apesar das dificuldades.

Assim considerado, o amor reveste-se de uma particularidade. A narrativa vincula casamentos embasados em afetos brandos a infidelidades masculinas, embora não necessariamente aceitas com feminina resignação.

"Dizem que o Totônio Pinheiro Leite, filho de Frederico tinha a mulher dentro de casa. Ela não podia sair, mas em compensação, por fora ele tinha milhares de casos, porque era de "status" ter mulher por fora e a mulher dentro de casa... Ai o Totônio saia para cima e para baixo com essa putaiada e ela trancada em casa. Ninguém a conhecia. Ela morava na fazenda e então não sei quem, chegou na fazenda e contou que tinha um circo. Circo, naquele tempo era uma coisa, um acontecimento de luxo, não como é hoje. Tanto ela chorou no ouvido do Totônio que ele trouxe ela para o circo, pôs no camarote. Ai ele chegou na cidade, no meio dos coronéis amigos dele, um deles virou assim para ele:

- Oh, Totônio, na hora que você cansar dessa você pode ceder para nós.

Pensou que era uma amasia dele, nunca viram a mulher dele.

- Você passa essa para nós, que até hoje essa é a cabeceira de tudo que você já arranjou.

Amor rebelde e casamentos proibidos.

“E era a própria mulher. Quer dizer que estava com a jóia dentro de casa, buscando bijuteria, lá fora.”

Miréia Pinheiro Leitão
Sobrinha-neta de Totônio.

“Elidoro foi sempre super mulherengo. Tinha amante a torto e a direita. Ele era um cara rico, foi dos primeiros caras que teve um Fordinho bigode em Perro Verde, e a tia Luciana também era louca, totalmente biruta. Então era assim, ela descobria alguma amante, então ficava vigiando. Tinha de todos os passos, ele era o dono do Banco. E quando ela descobria uma amante, simplesmente ela contratava um jagunço e mandava ir lá matar. Nunca conseguiu matar nenhuma mas o que ela conseguiu uma vez foi catar o Fordinho 29 e entrar na casa da amante com Fordinho e tudo. Já teve caso que ela mandou surrar. E ela brigava com Elidoro dia e noite. Em termos de família a tia Luciana sempre deu trabalho. O porque ela enchia a cara o porque tinha esses rolos com a família. De vez em quando o pai do meu pai tinha que acudir numa determinada situação.

Pois é. A família não achava certo o que ela fazia. Mas ao mesmo tempo ninguém negava que o Elidoro era sem vergonha. Que dava muita grana para as amantes, e que tinha várias e não uma só. O problema não era a questão da amante. Todos

Amor rebelde e casamentos proibidos.
*esses homens tinham. O pai do meu pai também
tinha.*

Márcia Pinheiro Leitão, 32 anos.
Sobrinha-bisneta de Eliodoro

A fidelidade, por sua vez, aparece como uma constante nos casamentos por *amor verdadeiro*. E, se nos matrimônios associados com amores calmos o tempo transforma-os em sentimentos deserotizados *como de irmão e pai ao mesmo tempo*, nos casamentos por *amor verdadeiro*, *paixão*, fidelidade e devoção pela mulher amada, duraram para sempre.

*

Gisela

Na tradição oral de Serro Verde, o primeiro caso de *amor rebelde* aparece associado ao casamento conflitivo protagonizado por uma filha do Major Venâncio.¹

¹ Veja-se posição de Gisela no quadro de parentesco, pp. e .

" O amor era um valor muito importante nessa época. Minha sogra, Gisela, casou com o Armando, por amor à primeira vista. Pelo buraco da fechadura se apaixonou por ele. Tanto é que quando o Major Venâncio chamou a minha sogra para dizer que tinha um pretendente para ela, que era parente dos Moraes, que tinha em Santos um escritório de importação - era o Epaminondas -,

- Olha Gisela, já arranjei um noivo para você. A sua irmã vai casar-se de novo, com o seu primo, e você vai casar-se com o Epaminondas.

E ela falou ... ela era muito brava. Puxou para o pai, né? E ele era uma fera. Todo mundo tremia na frente dele. E ela falou:

- O senhor vai me desculpar, o senhor não precisa arrumar pretendente, que eu já arrumei. Vou me casar com o Armando.

- Que Armando?

- Aquele que ficou hospedado no Espiraiado, que é médico, que é irmão do Dr. Chilquinho.

- Imagina se você vai casar com ele !!!

- O senhor se prepara, então, porque senão, não caso.

As pretas quase morreram de medo.

- Gisela não faz isso, o seu pai vai dá um chique !

- Que me importa ? Ele pode dá o chique que ele queira hoje, porque eu não vou casar com o Epaminondas.

Ela dizia que o homem era tão chato! Mas que ela tinha horror dele. Dizia que para levantar ele gemia. Para sentar ele gemia. Gemia para cruzar a perna. Falou que não

Amor rebelde e casamentos proibidos.
*aguentava mais um gemido do Epaminondas. De
feito nenhum. Era aversão pela pessoa
escolhida pelo pai. "*

Dona Carmem Pinheiro Leitão.

Os registros de casamento de Serro Verde mostram Gisela casando numa madrugada de 1889. Na casa de uma irmã dois casamentos realizaram-se simultaneamente. Gisela casou com Armando e uma irmã de Gisela, viúva de um primo, casou em segundas núpcias com outro primo.

A atitude do Major diante do casal demonstra, que, no princípio, desaprovou o casamento. No fim da década de 1880, as mulheres de Serro Verde já não recebiam dotes. Os pais lhes davam o enxoval e entregavam terras aos genros. Dependendo da situação econômica da família, poderia tratar-se de um sítio pequeno, de uma fazenda ou várias. Gisela e Armando não receberam nada. O Major, que não compareceu ao casamento - indignado, segundo a tradição oral -, poderia ter tomado alguma medida contra os noivos. Por que não o fez? Talvez porque, apesar do ousado desafio, Gisela não escolheu um cônjuge tão inadequado. Era médico e de *boa família.*

De acordo com a tradição oral, o casal viveu na cidade vizinha de Ujaí. Pouco depois a Casa Comissária de Santos, na qual o Major tinha uma participação

acionária, faliu. A esta altura, confiando mais no genro repudiado do que nos outros, o Major o encarregou de salvar o que ainda fosse possível em Santos. Armando e Gisela partiram e, ao regressar, detiveram-se em São Paulo para uma temporada.

Os registros mostram que o primeiro filho do casal nasceu em Ujaí e o segundo em São Paulo. Segundo as histórias, o Major perdoou o casal quando este retornou a Serro Verde, doando-lhe uma fazenda para que nela trabalhassem. Evidentemente tratou-se de uma dádiva relativa, já que a esta altura cada filha do Major deveria possuir pelo menos três fazendas, produto da herança materna, cujo inventário o Major retardava.

Com o produto daquela única fazenda, Gisela mostrou a seu pai e a Serro Verde que sua escolha tinha sido acertada: em pouco tempo seu esposo tornou-se o maior produtor de café da região. E o final feliz da história de Gisela e Armando tornou-se o símbolo da viabilidade da escolha de cônjuge baseada no amor.

Apesar das oposições descritas pela narrativa familiar - representadas sobretudo pela resistência do Major em doar qualquer tipo de bens ao casal no momento do casamento - deve ter existido algum tipo de acordo entre pai e filha que possibilitasse, em 1889, o casamento de Gisela. Pois, como aponta Kuszenof, a

legislação brasileira permitia, pelo menos até 1916, a supervisão parental dos atos civis de uma filha até os 25 anos ou mais (Kuszenof, 1984).

Com o passar dos anos, a entrega de grandes porções de terra assinala a total integração econômica do casal no grupo de parentesco. Gisela interagiu intensamente com suas irmãs, que foram madrinhas de seus filhos, e chegou a ser o centro das relações entre seu grupo de siblings. De acordo com a tradição oral, não eram graves os motivos que pesavam contra o homem escolhido por Gisela. A oposição paterna consistia menos em interditar um cônjuge por suas qualidades, do que em preferir outro considerado mais adequado no momento.

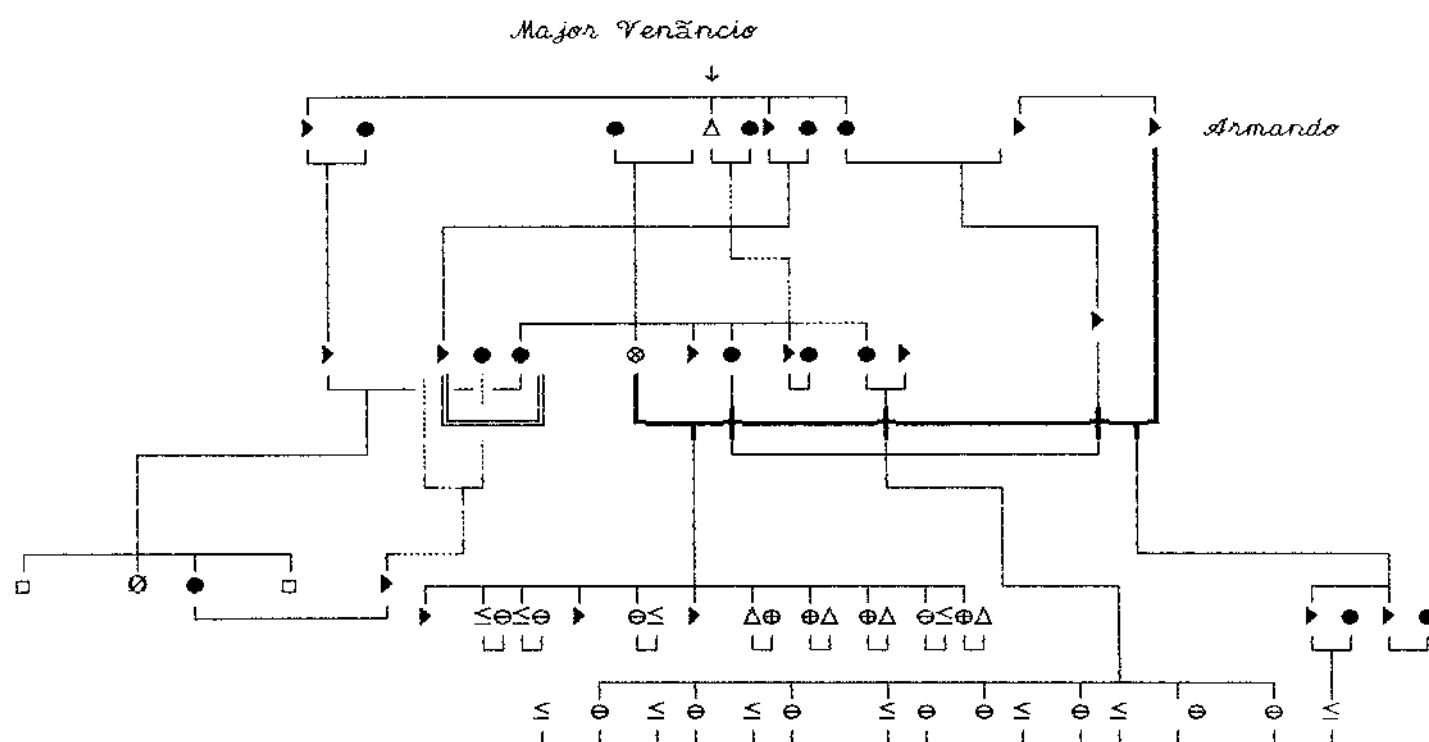
No período considerado nesta investigação, Serro Verde ofereceu possibilidades de ascensão social baseadas no mérito por desempenho pessoal. Na medida em que um indivíduo fosse capaz de adequar-se aos códigos de masculinidade vigentes - provando habilidade para enriquecer por qualquer meio - e demonstrasse lealdade política, as possibilidades de completa incorporação eram maiores, tal como sucedeu a Armando.

Dos filhos das irmãs casadas de Gisela, alguns morreram na infância; outros foram *bobos*; outros casaram *por amor* com mulheres das camadas inferiores e

acabaram vendendo suas terras. Seus descendentes que permanecem em Serro Verde integram hoje as camadas médias. Dos filhos de Gisela, alguns homens casaram-se com mulheres das camadas médias. As mulheres, por sua vez, casaram, na sua maioria, com homens poderosos. Parte dos descendentes do primeiro casamento de Serro Verde realizado *por amor* segundo a tradição oral integra, atualmente, as camadas altas.

A partir do começo deste século, sucederam-se uma série de *histórias de amor* - pelo menos uma em cada geração - que se opuseram à autoridade paterno-familiar. A narrativa oral de Serro Verde destaca que os casamentos que chegaram a realizar-se provocaram rupturas de distinto alcance nas famílias. Em todos os casos tratou-se de mulheres *apaixonadas*, cujas famílias compunham a *antiga elite* ou estavam no auge do poder político e econômico. As protagonistas escolheram homens que eram rejeitados com base no que era considerado diferenças de raça, educação, poder aquisitivo e idade.

QUADRO DE DESCENDENCIA DO GRUPO DE SIBLINGS DE GISELA



Gisela
camadas altas
camadas médias
casamento proibido
mortos na infância
ou na juventude
solteiros
bobos
união consensual
segundas núpcias

⊗
Δ ⊕
≤ ⊖
┌ ┐
∅ ▶
▶ ●
□
┌ ┐
┌ ┐

Ada

No começo do século Ada, filha ilegítima e diletta do Major Moraes, depois de ter sido esmeradamente educada em colégios internos de São Paulo regressava a Serro Verde. O objeto de sua *paixão* era um jovem advogado paulista. Suas súplicas não adiantaram: na segunda metade da década de 1900, foi forçada a casar com um capataz do Major. ²

Imediatamente depois de casar, o casal recebeu uma fazenda e passou a viver confortavelmente numa casa vizinha à do Major enquanto acabava de construir a própria. O marido de Ada era, segundo seus descendentes, um homem de visão e leal ao sogro. Era também simplório e analfabeto. Refinada, Ada o alfabetizou e o detestou até que ele morreu. O falecimento prematuro é atribuído, na tradição oral, a um envenenamento encomendado por Ada.

Emilia

A outra *rebelde* do grupo de parentesco dos Moraes que conseguiu converter seu amor em casamento foi Emilia. ³ Neta do Major Venâncio e filha de Gisela - a

² Veja-se posição de Ada no quadro de parentesco na página .

³ Veja-se posição de Emilia no quadro de parentesco na página .

rebelde vitoriosa que a precedeu - , casou com Thiago, filho de Frederico Pinheiro Leitão, na primeira metade da década de 1920 . Os Moraes repudiaram Thiago alegando motivos raciais:

"A mamãe foi enxotada de casa para casar com papai que era tido por negro. A maezinha (vovó), o julgava negro e não admitia que uma filha, a mais bonita, a mais clara de pele, cabelo claro, casasse com um rapaz de cor ... Porque os Pinheiro Leitão eram taxados de descendentes de negro. Não sei porque... porque nós procuramos um negro na família e não achamos. Mas, como diz o Gilberto Freyre, se você fizer a árvore genealógica de qualquer família no Brasil, você vai cair numa senzala. Não escapa. "

Diva Pinheiro Leitão/Moraes, filha de Emilia.

Embora fosse um advogado promissor e extremamente rico à época do casamento, Thiago era considerado integrante de uma família sem berço, sem cultura, sem gosto. Eram, enfim, novos-ricos. De acordo com a tradição oral, por casar-se contra a vontade dos pais, Emilia não recebeu sequer o enxoval.

"Mamãe casou na casa do tio Juarez, com a roupa emprestada das irmãs. Tia Amazoneida, que era madrinha da mamãe, mandou buscar o vestido de noiva da mamãe em Campinas. Não aceitou que a mamãe não tivesse nem vestido de noiva. Eles casaram na casa do tio à meia noite, porque o trem atrasou por uma tempestade. O papai era muito rico na época. No auge do dinheiro, no 24, ele mandou o trem ficar esperando na estação. O trem ficou parado, esperando até eles casarem. Diz a mamãe que o vagão era maravilhoso. Todo coberto de veludo. Tinha a suite deles, tinha sala, tinha garçon, tudo para eles. Até São Paulo eles foram naquele vagão particular. Em São Paulo, o papai comprou para a mamãe tudo. Um enxoval completo. E ela contava - a mamãe não gostava de falar do casamento dela, mas isso contava - que as combinações dela não tinham alça, porque as alças eram correntinhas de ouro."

Diva Pinheiro Leitão/Morais.
Hija de Emilia.

As histórias contam que Emilia pagou a ousadia de casar contra a vontade familiar com a exclusão do grupo de parentesco. O vasto patrimônio material e a promissora profissão do cônjuge escolhido por Emilia parecem ser, na narrativa, pouco relevantes se comparados à impureza do sangue, o mais sério entre os fatores negativos a ele atribuídos. A princípio, o casamento de Emilia e Thiago

parece ser o ponto crucial de um conflito no qual surgem valorações em torno de uma definição de honra na qual entrariam critérios raciais. Entretanto, em Serro Verde o peso dos antecedentes era relativo. A posição de uma pessoa dependia da inter-relação de uma série de fatores e, entre eles, o considerável capital possuído por Thiago e sua profissão de advogado poderiam neutralizar a *impureza de sangue*, dado que este era um valor negociável.⁴ Por outro lado, a idade da noiva - 19 anos na época do casamento - tornava indubitavelmente necessária a autorização paterna para a sua realização. O fato das irmãs menores terem escapulado de casa para assistir à cerimônia e desta ter-se realizado na casa de um irmão da mãe, sugere que a oposição ao casamento foi, a princípio, menos um problema do grupo de parentesco em seu conjunto do que um problema materno. As sanções econômicas e morais que Emilia - e mais tarde sua descendência - sofreram são posteriores não só ao casamento, mas também ao nascimento dos primeiros filhos do casal.

⁴ A diferença entre raça e etnicidade, enquanto categorias negociáveis - como no Brasil e Marrocos - ou essenciais - como na África do Sul -, que prescrevem o comportamento social, determinando uma enorme distância social, é assinalada em Crapanzano, 1985.

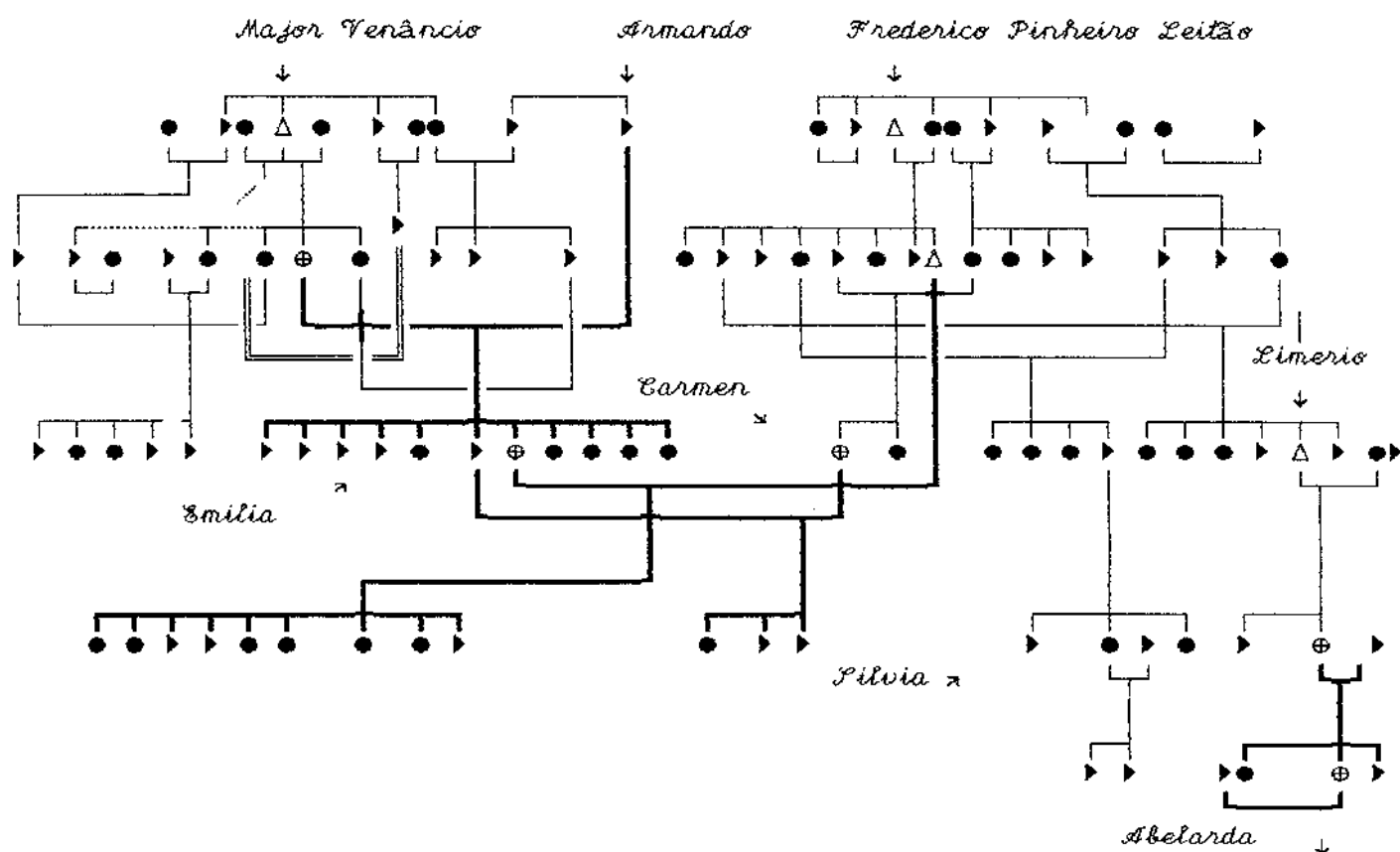
"Os irmãos da mamãe apoiaram no começo. Antes apoiaram porque acharam romântico, lindo. A maezinha simplesmente se tornou uma estranha depois do casamento. Veio aqui nas primeiras gravidezes da mamãe e, quando nascia criança ela vinha fazer uma visita. A mamãe mandava aos domingos as filhas mais velhas para fazer visita para a mãe dela e só. Também depois entrou a política. Teve atritos, brigas. Daí em diante, os irmãos se afastaram da mamãe. É o que nós sentimos, por que a mamãe falava pouquíssimo sobre a família e nós tínhamos contatos só com os primos Pinheiro Leitão. Entrou política. Ai, a maioria dos Moraes ficou contra o papai, que virou o chefe do PPD e os Moraes eram UDN. A mamãe ficou muito marcada pelo casamento. Sofreu muito aqui. Ela era muito vigiada em Perro Verde. Muito olhada. Tinha pessoas que passavam na casa xingando o meu pai. sobretudo os primos Moraes.

- Negão !!!-

Ai, a mamãe saía para fora com o revólver na mão, e o papai saía atrás para segurar "

Diva Pinheiro Leitão/Moraes.

MAPA DE CASAMENTOS REBELDES



Siblings	[]
Cônjuges	[]
Filiação ilegítima	[]
Filiação	[]
Segundas núpcias	[]
Rebelde	⊕
Casamento Rebelde	[]

No ano do casamento de Emilia, 1924, o acordo político entre os dois partidos de Serro Verde, um liderado por sua família e o outro liderado pela família de seu esposo, ainda estava vigente. Embora mantivesse uma certa distância, Gisela, mãe da *rebelde*, chegou a ser madrinha de alguns de seus netos, filhos de Emilia. Mas, no decorrer desses anos, produziu-se uma nova fratura política e Thiago passou a liderar o partido dos Pinheiro Leitão que, a partir da década de 30, impôs-se sem tréguas sobre o partido dos Moraes. Nos fins da década de 20 o tio que originalmente havia apoiado o romance de Emilia, lançou a partir da *Concentração Conservadora* de Serro Verde e ao lado de outros Moraes, acusações e insultos ao P.R.M. local e, indiretamente, a Thiago, o marido de Emilia.⁵ Durante este processo, o grupo de parentesco dos Moraes restabeleceu a batalha contra seus opositores, agora plenamente encarnados pelos Pinheiro Leitão. Inicialmente a luta foi política, posteriormente também econômica. Avivados por ela, os critérios de honra através dos quais num primeiro momento apenas Gisela discriminava o pretendente Pinheiro Leitão, foram mobilizados pelo

⁵ Em *A Gazeta*, 10/11/1929 (Carrato, 1986).

conjunto dos Moraes, atingindo Emilia e sua descendência. Precisamente no momento em que o casamento *por amor* de Emilia com um indivíduo que não só não era incorporável à família, mas que também tomava para seu próprio grupo de parentesco o poder dos Moraes, é que as sanções contra a desonra de Emilia, casada com um *negro novo-rico* pesaram mais. As irmãs de Emilia, as mesmas que haviam emprestado suas roupas à *noiva rebelde*, casaram posteriormente com aliados políticos dos Moraes, levando Emilia e sua descendência a ocupar uma posição inusitada em Serro Verde.

Nas camadas altas e médias da cidade, diversos procedimentos através dos quais as relações de parentesco ajudam as famílias a manter ou melhorar sua situação de classe foram passando, em distintas gerações por mãos femininas.⁶ Excetuando os empréstimos em dinheiro que, a partir das primeiras décadas deste século, se realizavam em raríssimas situações e sempre por via masculina, a redistribuição de recursos econômicos, a prestação de diversos tipos de ajuda e, sobretudo, o apoio emocional, se organizaram, em Serro Verde, em torno das mulheres.

⁶ O papel das relações de parentesco centradas nas mulheres, que funcionam como proteção social, econômica e afetiva, é analisado em Stivens, 1984.

Emília, marginalizada pela maioria de sua família, não conseguiu integrar seus descendentes ao círculo de primos.

"A mamãe ficou muito marcada, se notava que não era alegre. Em Serro Verde nunca saía de casa, nem para fazer uma compra. Em outras cidades sim, saía. Eu nunca vi ela passeando, aqui, com uma amiga, com uma irmã. Eu acho que tinha mágoa demais e que ficou marcada pelo casamento dela ... E nós não tínhamos liberdade nenhuma com os primos Moraes. Muitos só conheci quatro anos atrás, quando teve a primeira reunião dos Moraes e juntou todos os primos."

Diva Pinheiro Leitão/Moraes.

A concepção de educação que Emília adotou para seus filhos aproxima-se, por seu conservadorismo e rigidez, bem mais da dos Pinheiro Leitão que da dos Moraes. Educada em Campinas, num colégio considerado progressista, preferiu enviar seus filhos ao Colégio de Itú, freqüentado pelas Pinheiro Leitão. O percurso feito pelas filhas de Emília - do Colégio a Belo Horizonte - difere do das outras jovens das camadas altas, que regressavam a Serro Verde para casar na adolescência. O procedimento de Emília

sugere que ela considerava que, afastada dos laços dos Moraes, as alianças possíveis para as filhas não seriam os melhores casamentos.

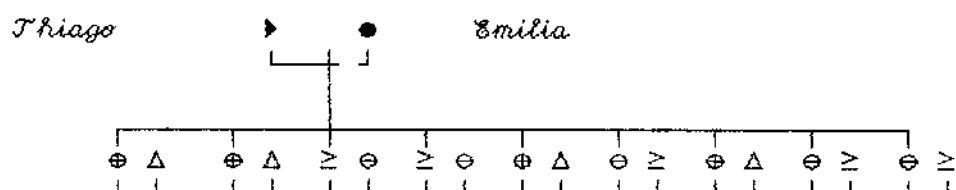
" A mamãe não queria que a gente namorasse ninguém daqui. Eu tenho a impressão que nós fomos levadas para fora para não casar com ninguém daqui. Eu acho que foi porque a mamãe sofreu muito aqui. Ela era muito olhada e nós também, como diferentes. Então ela achava que alguém podia casar por interesse financeiro. Eles tinham medo dos caçadores que quiseram entrar na família, e fora não. Fora, papai era um estranho, por melhor que fosse, por mais amigos que tivesse, e que lá tal vez achassem um casamento bom."

Diva Pinheiro Leitão/Moraes

Com efeito, as filhas que casaram e permaneceram em Belo Horizonte participam, atualmente, das camadas altas. As que ficaram em Serro Verde realizaram casamentos com pessoas de status considerado inferior.

E, a única delas que, depois de divorciada e de ter levado abertamente uma vida livre em Belo Horizonte, regressou a Serro Verde, reeditou para sua descendência feminina uma versão da impureza de sangue semelhante àquela com que acusavam seus pais.

QUADRO DA DESCENDENCIA DE EMILIA E THIAGO



camadas altas	⊕ Δ
camadas médias	⊖ ≥

Apesar de tudo Emilia e Thiago foram felizes. Este casamento *por amor no sentido verdadeiro da palavra* garantiu-lhes, segundo a tradição oral, a permanência da *paixão* até o fim de seus dias.

No grupo de parentesco dos Pinheiro Leitão, os relatos sobre *amores fortes* que desafiando ou submetendo-se à oposição paterna, resultaram ou não em casamentos, concentraram-se no *ramo rico* da família.

Carmem Durante os anos 30, Carmem, neta de Frederico, filha de Eliodoro, fazendeiro abastado, prefeito na

época e presidente do Banco local, resolveu casar com Manoel, o único irmão de Emilia Moraes que continuou dando-lhe apoio depois de seu casamento com Thiago.⁷ Manoel, 13 anos mais velho do que Carmem, era de duvidosa qualidade moral: jogador, amante das bebidas e cliente da zona local.

"O senhor Manoel era terrível de solteiro. Muito brincalhão... Ele andava nos prostíbulos, tirava as mulheres de lá e levava para casa. Você teria que ver depois que casou, como mudou. Ele virou um santo. A Carmem fazia o que queria com ele."

Docilene, 105 anos. Antiga empregada doméstica dos Pinheiro Leitão.

Os Moraes, que repudiaram visceralmente o casamento de Emilia, não colocaram poréns ao de Manoel e receberam carinhosamente a nova nora. Foi ela quem teve que lutar contra seu grupo de parentesco para poder casar. Uma vez mais, a oposição vinha da família da noiva.

⁷ Veja-se posição de Carmem no quadro de parentesco na página 168.

"Quando foi a minha vez ... meus pais não queriam que eu casasse com Manoel. Nenhum Pinheiro Leitão queria, para vingar o que tinha acontecido no casamento de Gisela com Thiago. Essa rixa entre famílias. Toda essa oposição deixa tanta mágoa, que depois dura por gerações. A política chegou a ser muito importante até para os casamentos, depois foi se diluindo ... apesar de que até hoje os Moraes gozam aos Pinheiro Leitão, que são simplórios, sem cultura ... Meu pai se opunha ao meu namoro com Manoel, e me chamou para ter uma conversa séria. Eu disse que de jeito nenhum eu ia pagar as mágoas de ninguém. Manoel era o homem com quem eu queria casar. E depois daquela conversa meu pai foi aceitando... "

Dona Carmem Pinheiro Leitão.

Dona Carmem casou-se aos 18 anos. Foi para o Rio de Janeiro em lua-de mel a bordo do *Augustus*. Regressando a Serro Verde, o casal foi viver na fazenda que o pai de Manoel havia destinado para eles. Na lembrança de Carmem as diferenças entre os dois grupos de parentesco, tão mencionadas por aqueles que se opunham às uniões, são insignificantes.

"A educação do Manoel não foi muito diferente da

Amor rebelde e casamentos proibidos.

minha, não. Tinha uma coisa da época, que era tudo permitido ao homem e a mulher nada. Era normal, mas a educação não era muito diferente. Nem mais nem menos rígida. Tanto é que nós nunca entramos em choque, nem na parte religiosa, nem na educação, nem na moral. Porque geralmente quando tem casamentos com desníveis grandes de qualquer coisa tem choques, né?

Dona Carmem Pinheiro Leitão.

E, tal como nos casos anteriores, o casal foi feliz.

"O casamento foi um pandemonio, mas eles se amaram até o fim. Eu a via recebendo flores do Manoel e palmadinhas no bumbum no ano que ele morreu ..."

Márcia Pinheiro Leitão.

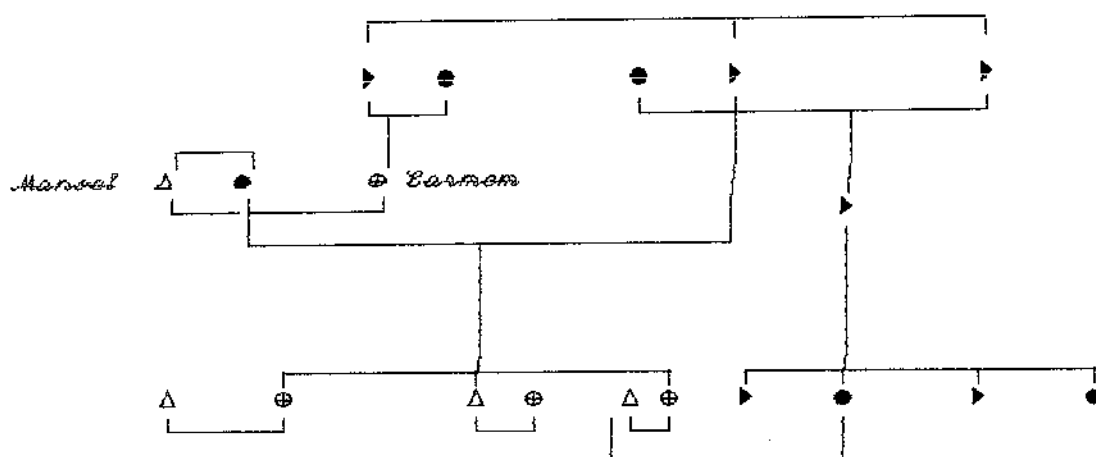
Politicamente ativa - na medida em que uma mulher podia sê-lo na cidade na época - Carmem, atuando no P.R.M., conseguiu o apoio de seu marido para os Pinheiro Leitão. O casamento conflitivo não a excluiu dos laços de parentesco de seu grupo, assim como não separou Manoel do Moraes.

No entanto, os filhos de Carmem e Manoel, fazendeiros e profissionais, casaram com pessoas das

Amor rebelde e casamentos proibidos.

camadas altas, mas fora de Serro Verde. O único filho do casal que se apaixonou perdidamente por uma prima Pinheiro Leitão foi reiteradamente repudiado pela família da noiva, que inviabilizou o casamento.

QUADRO DA DESCENDENCIA DE CARMEM E MANOEL



[-----] = noivado proibido

Δ ⊕ = camadas altas

silvia

Na década de 1940 foi Silvia, bisneta de Frederico Pinheiro Leitão, filha de Limério, também fazendeiro abastado e prefeito por sucessivas vezes, quem

Amor rebelde e casamentos proibidos.

ocasionou problemas.⁸ Durante os anos que passou estudando como interna no Colégio Santa Marcelina em São Paulo, namorou às escondidas. Quando o noivado se tornou público, foi castigada.

"O Dr. Mustafa era turco. Tio Limério chamava ele de turco bixiguento. A família dele não tinha terras. Aliás nem família quase ele tinha. O Limério dava sapatada na cabeça da Silvia, batia direto "

Márcia Pinheiro Leitão. 32 anos.
Sobrinha de Silvia.

O noivo pretendia tornar-se médico. Casaram-se, apesar dos castigos sofridos por Silvia. Sairam de Serro Verde para viver, pobremente, em outra cidade, lá permanecendo até o nascimento da primeira filha.

"Eu fui visitá-los em São Pedro da Alegria. A casa era muito pobre. Nem batente tinha a janela."

Elsa Bertolini, tia de Silvia. Professora aposentada. Esposa de um *sitiante*, integrante do *ramo pobre* dos Pinheiro Leitão.

⁸ Veja-se posição de Silvia no quadro de parentesco na página 168.

Quando regressaram a Serro Verde começou o processo de incorporação familiar, concretizado na entrega gradual de terras e dinheiro ao Doutor Mustafá. Seu patrimônio, incrementado pelos honorários obtidos na clínica que instalou na cidade, permitiu-lhe comprar mais terras. O casal é hoje uma família rica.

Abelarda

Na década de 70 Abelarda, filha de Silvia, neta de Limério, reproduziu a mesma situação: *apaixonou-se* por um *homem pobre*, sem terras e nem sequer a perspectiva de adquirir uma profissão.⁹ Novas oposições e novos castigos. O caso de Abelarda apresenta uma variável: engravidou propositalmente para forçar o casamento. Este dado talvez explique o processo de incorporação mais lento e dramático.

"Ela casou mesmo contra a vontade da família. O pai dele era um fiscal de renda. Mas o moço não estudava, não trabalhava, não era, nem prometia. A gravidez dela foi uma coisa de propósito. Acho que ela não esperava a reação da família. Quando

⁹ Veja-se posição de Silvia no quadro de parentesco na página 168.

o filho dela nasceu, ela não podia sair do hospital porque não tinha dinheiro para pagar. Ai meu pai mandou, e foi ver o Limério. Disse para ele que os meninos estavam passando fome e que se eles, o pai, o avô da Abelarda, que eram riquíssimos, não mandavam mesada, ele ia mandar. Quem mandava o motorista com o carro cheio de coisas era a avô dela, a mãe da Pílvia ”

Márcia Pinheiro Leitão, prima de Abelarda.

“ A Abelarda tinha falado para Márcia que estava grávida, já de uns cinco meses. Naquela época Márcia estava namorando. Quando eu soube tive que ir falar com o Dr Mustafá. Ai eu fui dando voltas, devagar, para chegar ao ponto. Quando ele soube de que se tratava, foi aos poucos falando:

- O que é isso Libero, são coisas que acontecem. Ai, eu me dei conta de que ele achava que quem estava grávida era a minha filha, e falei:
- Mustafá, você não está entendendo, quem está grávida não é minha filha não, é a sua.
Ele ficou como louco. Batou o carro e foi para a fazenda, a Pílvia ficou loca também.”

Libero Pinheiro Leitão.
Tio de Abelarda.

O *perdão familiar* só começou a insinuar-se quando, vivendo miseravelmente noutra cidade, Abelarda acabava de ter o segundo filho e, simultaneamente, adotava uma menina. Regressou a Serro Verde e ocupou a casa que tinha sido de seu avô Limério. Lentamente, seu marido passou a receber terras da família Pinheiro Leitão.

Maria

Zilda

Dos casamentos de jovens grávidas na década de 1970, o de Maria Zilda, neta de Emilia, filha de sua filha divorciada, foi o que provocou maior escândalo. Maria Zilda realizou um casamento consanguíneo com um Moraes. A esta altura, a união entre as duas famílias não era o que se punha em questão. Anos antes, uma irmã do noivo havia casado, sem inconvenientes, com um Pinheiro Leitão. No caso de Maria Zilda, pela primeira e única vez até o momento, foi a família do noivo a que se opôs.

"O que se punha em questão na Maria Zilda e não só pela família de Pedrinho senão pela de todos os meninos que ela tentou namorar, era a moralidade da mãe dela. Ela desquitou e foi morar em Belo

Amor rebelde e casamentos proibidos.

Horizonte. Teve milhões de amantes. A Maria Zilda tem sido rejeitada por muitas famílias de Perro Verde. Hoje ela é uma pessoa muito esquisita ... enfim com muita mágoa e ressentimento. O casamento foi com separação de bens e de corpos e demorou para a família aceitar, apesar de que era sobrinha, muito tempo, uns cinco anos. Tanto assim que o filho mais velho está com 14 anos e o seguinte com 8."

Lídia Pinheiro Leitão, 31 anos
Prima de Maria Zilda. Filha de
um *sitiante* pertencente ao ramo
pobre dos Pinheiro Leitão.

* * *

Nestes casos, o amor foi suficientemente forte para enfrentar as oposições familiares e vencê-las. Os casamentos se realizaram e não se dissolveram. Entretanto, as *paixões* que não redundaram em casamentos são mais numerosas. Entre elas, na década de 1960, inclui-se a de Miréia, filha de um filho de um irmão de Frederico.

"Pai de Ferro Verde com nove anos. Fui para o Colégio Santa Marcelina em São Paulo. Todos nós estudamos fora. Mais tarde estudei artes plásticas. Voltei para morar em Ferro Verde e meu pai já tinha arranjado meu casamento. Eu amava outro, mas não teve jeito. Se supunha que o meu marido era um bom partido. O Limério veio falar com meu pai: era para eu casar, era uma pessoa de trabalho. Boa pessoa. E casei. Aos nove meses e um dia, nasceu meu primeiro filho. Depois me dei conta de que o bom partido era eu."

Miréia Pinheiro Leitão.

Apaixonada por seu primo Daniel, filho de Manoel e de Carmem, foi violentamente castigada pelo pai, até que desistiu. No casamento arranjado pela família casou com o filho de um industrial italiano. Seu amor por Daniel converteu-se em paixão até que este morresse, anos depois, num acidente.

"A família de Manoel é de muitos escândalos. Mesmo depois de Miréia casada, era público e notório o envolvimento com Daniel. Era uma coisa de paixão mesmo. A Miréia casou e o Daniel demorou muito para casar no fim ... Mas era público e notório que os dois acabavam ficando juntos nos bailes, coisas assim. Ele morreu eletrocutado. Não tinha mais de 33 anos."

Márcia Pinheiro Leitão.

O casamento de Miréia está em processo de dissolução atualmente.

Diva, a filha mais nova de Emilia Moraes, lutou durante anos contra os obstáculos impostos, não só pela família mas também por sua consciência, ante à paixão despertada por um primo.

"É o problema de família de interior, sempre têm um romance entre primos. Isso é bobagem, ninguém escapa. As minhas irmãos tiveram....Eu tive um problema muito grave porque eu namorei com quinze anos o Elésio, filho do tio Manoel. Namoro, paixão, nós éramos apaixonados. Eu era mais velha que ele, seis meses. E a oposição da família, nós tínhamos certeza que nós não podíamos casar, porque aí a consanguineidade era grande demais. O Tio não queria, mamãe não queria... mas foi um amor assim, sofrido. Uma juventude assim pensando no outro. Aí ele arrumava outra, eu arrumava outro, foi assim, muitos anos, até eu casar. Quando resolvi casar, aí desmanchou. Eu casei com 31 anos. Foi uma história de amor, mas nós tínhamos certeza que não podíamos casar. E se casasse talvez não desse certo pois não podíamos ter filhos. Porque o tio Manoel estava muito marcado pela tia Amazoneida que teve filhos bobos... Era aquele amor que não pode ver um ao outro. Aí afastava de novo. Brigava, terminava, geralmente com uma

Amor rebelde e casamentos proibidos, agressão. Porque não tínhamos por onde escapar. Aí um culpava ao pai. O outro culpava a mãe. Culpava a si próprio. Aquele rolo todo. Até acabar de uma vez. Ficava tudo muito difícil, não era só a oposição dos pais”.

Do ponto de vista de Diva, predominou a prudência e o casamento não se realizou. Porém o destino castigou a descendência de Clesio.

”Agora você vê como é a vida. É estranha. Ele casou com uma moça que tem problemas de consanguineidade. Fico horrorizada como a vida faz isso. Porque a mãe da mulher dele e o pai são primos. E os filhos não são saudáveis. ”

Diva Pinheiro Leitão/Morais.

O casamento realizado por Diva, apoiado num afeto brando, já se dissolveu.

QUADRO DE MOTIVOS DE PROIBICAO DE CONJUGES

- DO PONTO DE VISTA DA OPOSICAO

CANDIDATOS	ARMANDO	THIAGO	MANOEL	MUSTAFA	SIGFRIDO
década	1880	1920	1930	1950	1980
laços de de parentes	filho do marido da irmã do pai	nenhum	irmão-esposa do irmão do pai	nenhum	nenhum
família	boa	sem berço		pobre	pobre
profissão	médico	advogado	fazendeiro	médico	
outros		negro	imoral bebedor jogador	turco	
bens	escassos	consideráveis	consideráveis	escassos	escassos

CANDIDATA : MARIA ZILDA

década	1970
laços de parentesco	filha da filha da irmã da mãe do cônjuge
outros	mãe promiscua

1. PAIXÃO E CASAMENTO NA NARRATIVA AMOROSA DE SERRO VERDE

As histórias de amor que se contam em Serro Verde são relatos dramáticos e deliciosos nos quais destacam-se os obstáculos impostos ao amor e os meios empregados para vencê-los. São histórias de muitas coisas: rebeldias, desobediências, desacatos, intransigências ... e também de concessões. Relatos do passado, do já ido e distante e, ao mesmo tempo, histórias que permanecem vivas na lembrança de distintas gerações que habitam na cidade. Trata-se de narrações extremamente amenas. Mas, cumpre perguntar-se sobre o sentido que adquirem quando vinculadas às escolhas de cônjuges no contexto das histórias familiares.

A evocação nunca chega a retratar as experiências que foram realmente vividas. Na medida em que uma distância irresgatável separa a pessoa que recorda da pessoa que foi quando viveu os fatos relatados isto torna-se impossível. Se, como afirma Marilena Chauí, recordar é re-fazer, compreender o agora a partir do passado, que valor têm estas histórias enquanto documentos do já sucedido? (Chauí, 1979).

Em sua revisão das obras de distintos autores que trabalharam sobre a constituição da memória, Ecléa Bosi assinala o ponto para onde vários deles convergem: a participação do

presente no processo de reconstituição do passado. Os novos significados alteram o conteúdo e o valor da situação evocada. Para que os fatos recordados mantivessem o significado que tiveram para os sujeitos no momento em que os viveram, seria preciso que a vida social ou individual permanecesse estagnada. Não obstante, tanto na narrativa que se refere às trajetórias familiares das duas **parentelas**, quanto nas *histórias de amor e casamento* minha preocupação não está centrada na fidelidade com que possam recriar o passado.

Entre os autores que trabalham com história oral existem divergências sobre como trabalhar com o passado, partindo do presente. Alguns tratam os testemunhos orais como elementos fundamentais na iluminação de fatos sobre os quais as fontes escritas disponíveis são incompletas (Veja-se, por exemplo, Camargo, 1984). Os testemunhos orais são avaliados cuidadosamente, tentando atribui-se-lhes estatuto de documentos históricos. Busca-se controlar a veracidade das informações recebidas confrontando permanentemente o que é consistente e o que deixa de sê-lo.

Este tipo de trabalho é identificado por outros autores com uma técnica, e não com a proposta de um modo específico de conhecimento. Para Wachtel, o uso documental dos testemunhos - no sentido de obter de pessoas vivas informações que suplementem ou substituam os dados oferecidos pelas fontes escritas - ,

continua operando a partir de um suposto positivista. Ou seja, mantém a preocupação de reunir um material que permita reconstruir o passado tão completa e objetivamente quanto seja possível. Para o autor, esteja-se trabalhando com memória oral ou com tradição oral, é necessário redescobrir tudo sobre a vida atual ou passada dos indivíduos ou grupos que possa iluminar tanto as recordações quanto a maneira de contá-las. Na medida em que a tradição é preservada por razões que não são neutras, a crítica deveria usar o momento da compilação como ponto de partida para analisar retrospectivamente. A recompilação já não é tratada como um reflexo mais ou menos adequado do passado, mas como uma representação que faz parte da realidade presente. E nesta realidade há convergências mas também há conflitos, oposições e divergências que guardam uma certa relação com as diversas memórias que coexistem nos grupos, coincidindo algumas vezes, opondo-se em outras, tornando-se o objeto de discussões, estratégias e relações de poder (Wachtel, 1986).

E é um pouco à maneira de Wachtel que, partindo do presente, estou considerando as convergências e divergências que aparecem nos relatos sobre o passado das famílias de Serro Verde. Fui refletindo sobre as oposições que surgem nas histórias, as quais se expressam com particular nitidez quando referem-se a situações conflitivas, a partir da posição que os narradores e suas famílias foram ocupando na cidade.

O que é importante ressaltar é que - na trilha de Bosi e de Wachtel - os grupos deixam cair no esquecimento os acontecimentos que carecem de importância para eles. Inversamente, quando são significativos os grupos convertem-nos na memória coletiva. Creio que em Serro Verde a presença viva dos inúmeros relatos que falam de amor sugere que mantêm uma profunda relação com os valores das famílias locais. Tal presença se manifesta na ampla difusão que as narrações têm na cidade. Embora refiram-se a pessoas cujas famílias integram hoje as camadas médias e altas da cidade, são também contadas por integrantes de outras camadas sociais. A participação de uma diversidade de pessoas na recriação das *histórias de amor* e a convergência, nas histórias, de distintos pontos de vista é um aspecto que os diferencia dos relatos acerca das trajetórias familiares e da história política local.

Enquanto os interessados em detalhar a trajetória dos grupos de parentesco são, basicamente, os integrantes das duas parentelas, grande número de Serroverdensenses, homens e mulheres, manifestam seu interesse tanto pelas histórias da política local quanto pelas *histórias de amor* que envolvem pessoas dos dois grupos. Porém, um aspecto importante diferencia estes conjuntos de relatos. Nas histórias políticas, as divergências na valoração dos comportamentos dos distintos personagens deixam entrever as oposições dos narradores, relacionadas à sua integração a um ou outro partido político ou a uma ou outra

parentela. Nas *histórias de amor*, por sua vez, as convergências são amplas, como se se tratasse de uma tradição quase indiferenciada. Para além da predileção em reviver um ou outro aspecto, na maioria dos relatos a associação entre transgressão e *paixão* aparece como uma constante. Os obstáculos, as ações dos personagens e os desenlaces se repetem numa espécie de monotonia, à maneira dos contos maravilhosos.¹⁰

Quem se entretém com estes relatos? Às vezes são as protagonistas as que contam suas próprias histórias. As pessoas narram, em outras ocasiões, as histórias de parentes mais ou menos próximos, de amigos, de vizinhos, conhecidos ou de seus padrões ou contam histórias que alguém lhes contou. Entre os narradores que não integram os *grupos de parentesco*, alguns foram testemunhas dos *namoros conflitivos*. Outros, por sua vez, aprenderam as histórias de tanto escutá-las, tal como o fizeram os descendentes das *rebeldes*.

Proponho considerar as histórias de *amor rebelde* como o produto da elaboração grupal. Narradas por pessoas de distintas gerações, têm como característica comum o fato de que ocorreram

¹⁰ As versões que parecem discrepantes, narradas por parentes repressores - nas quais a paixão vivida pelos jovens não passa de uma *loucura* e é isso que justifica assim os obstáculos e castigos que se lhes impuseram - são convergentes no sentido de que também associam paixão e transgressão.

num passado, mais ou menos distante, e que se centram no amor. Quero salientar que considero o conjunto dos relatos como narrativas que, fazendo parte do passado e também da realidade presente, iluminam as representações acerca do amor. Compilados numa espécie de narrativa amorosa local são, ademais, o tema favorito de várias gerações de mulheres que desfrutam detalhando os matizes da *felicidade rebelde*.

Uma leitura atenta das histórias permite observar que em Serro Verde coexistem, paralelamente, concepções diferentes acerca do amor. A narrativa sentimental local apresenta, basicamente, dois conceitos distintos de paixão e dois ideais diferentes de felicidade. Paixão e felicidade, intimamente ligadas, ou ao contrário, separadas por uma distância irrecuperável, remetem por sua vez a concepções diferentes sobre a relação indivíduo/sociedade.

Parte dos relatos apresenta a *paixão* reinando numa esfera distinta da do matrimônio. Nestas versões, a paixão aparece associada às relações extra-matrimoniais ou a relações que transgridem muito mais do que a ordem matrimonial. Os amores moderados, aqueles que fazem parte da maioria dos casamentos e que perduram ao longo do tempo à maneira de um amistoso afeto fraternal, são pensados como fundamentos da felicidade matrimonial. Nestas versões aparecem como felizes os casamentos resultantes do amor aprovado socialmente. O amor é concebido aqui à maneira de Bourdieu, ou seja, como aquele amor *fati*, amor

do próprio destino social que reúne os noivos predestinados pelas vias aparentemente arbitrárias de uma escolha livre (Bourdieu, 1979).

Outra parte dos relatos de Serro Verde apresenta uma idéia diferente acerca do amor, identificando-o com a *paixão*. Esta visão, que aparece nas histórias contadas por algumas protagonistas de amores conflitivos e por muitos que as rodearam e admiraram no transcurso das décadas, é a predominante no conjunto da narrativa local. Nestas histórias o *amor-paixão* se opõe aos afetos ténues. A *paixão*, pensada como transgressão, é valorizada positivamente. Nestas versões, o *amor-paixão* conduz idealmente ao casamento, mas existe a possibilidade de que as limitações daqueles que o vivem impossibilitem o fim ideal. A *paixão*, entrelaçando-se com o destino, possibilita a construção de felicidade para as infratores e da infelicidade para as conformistas.

Os *amores proibidos* que se converteram em casamentos foram paixões. *Amores verdadeiros* e portanto perduráveis, teceram para sempre a felicidade matrimonial dos casais. Sua força foi tal que conseguiu, na maioria dos casos, romper a oposição familiar e integrar os casais ao grupo de parentesco. Nos casos em que o repúdio foi de tal magnitude que a incorporação tornou-se impossível, prevaleceu a individualidade e a família foi deixada de lado. Mas o fato de perder os laços familiares não chegou a reduzir a felicidade.

Os *amores proibidos* que não resultaram em casamentos se converteram, como os anteriores, em paixões. As mulheres que, apesar de enamoradas, sujeitaram-se às vontades paternas, receberam como prêmio infelicidade e sofrimento. Finalmente, o destino envolveu-as em tragédias, acentuado a sua desdita.

Esta parte da narrativa apresenta a *paixão* como emoção que conduz, idealmente, ao casamento. A promessa de felicidade *rebelde* promove a oposição aos matrimônios sem amor. Constrói também um ideal de casal, núcleo da família, que inclui a perspectiva da descendência. Esta concepção de felicidade legitima os sentimentos e dota-os da potência necessária para saltar os obstáculos.

Em tais versões o *amor-paixão* aparece acompanhado de riscos. Três caminhos se abrem para as jovens apaixonadas: casar por amor, contra tudo e contra todos; se obrigadas a casar sem amor, dar vazão a sua paixão por vias extra-matrimoniais; ou, obrigadas a casar sem amor, separar-se definitivamente do objeto de sua *paixão*. O destino, que torna felizes apenas as que seguem o primeiro caminho, castiga as que transitam pelos outros dois. O desenvolvimento das histórias sugere uma lógica na qual o que se castiga não é a infração à moral estabelecida em Serro Verde: o destino não parece ter a intenção de castigar o adultério. Esta parte da narrativa amorosa apresenta as protagonistas que, apaixonadas, casaram com homens que não eram o objeto de sua paixão, e lhes foram fiéis - ou seja, ajustando sua

conduta dentro das linhas da legitimidade moral - tão culpadas como as adúlteras. Todas se tornam merecedoras de castigo. A acusação de que são objeto poderia ser formulada em termos do delito cometido por uma subjetividade que - depois de anunciar-se como liberadora - acaba manifestando-se submissa, incapaz de sustentar um *amor verdadeiro*. A desgraça, como castigo ao delito de sujeitar-se às imposições familiares, parece ser o verdadeiro risco ao qual o *amor paixão* expõe as protagonistas.

Nos episódios que compõem os dois conjuntos de versões das *histórias de amor*, a *paixão* - seja pensada exclusivamente fora do casamento ou, ao contrário, idealmente ligada a ele - aparece como poderosa emoção regente que impele a transgressões e conduz os namorados por um caminho de oposições e obstáculos difíceis de transpor. E, em alguns casos, a *paixão* é indefectivelmente associada a dor e a desgraça.

Adultério, obstáculos e tragédia são elementos que remetem a uma antiga idéia de *paixão*, cujos princípios se opõem aos do casamento. Para compreender tal oposição é necessário, segundo Rougemont, reportar-se à lenda de Tristão e Isolda, grande mito do amor e do adultério no Ocidente, no qual a consciência ocidental expressa com toda força a associação que realiza entre *paixão* e morte. Para o autor, o verdadeiro tema da lenda é a separação dos amantes em nome da *paixão* e por amor do mesmo amor que os atormenta - para exaltá-la. A necessidade de obstáculos que se multiplicam permanentemente - sejam

circunstâncias adversas ou travas criadas pelos protagonistas - se explica em função da necessidade básica de separação. O princípio da paixão, enquanto eterna separação, opõe-se assim ao do matrimônio, instituição que requer proximidade e estabilidade.¹¹

Mas se parte dos relatos de Serro Verde vincula paixão e adultério, outra parte, associando paixão e casamento com a mais perfeita felicidade, escapa a este quadro. A singularidade desta parte da narrativa reside precisamente nesta síntese e não em unir amor e casamento, pois sabe-se que esta é uma expectativa

¹¹ Mas este estilo de amor adquire sentido quando associado às leis matrimoniais e à religiosidade vigentes entre a elite social cortesã e cavaleiresca do século XII. O matrimônio constituía uma oportunidade para se enriquecer e anexar as terras que se entregavam como dote. As mulheres eram, com frequência, brutalmente repudiadas. O amor cortês opôs a este quadro uma fidelidade independente do matrimônio legal e fundamentada apenas no amor. Mas esta fidelidade se opunha tanto ao matrimônio como a satisfação do amor. A força da lenda também deve ser pensada na sua associação com uma atmosfera religiosa determinada: os dualismos maniqueístas - considerados como heresias pelos cristãos - representados sobretudo pela Igreja cátara do século XII, que negavam a possibilidade de redenção da matéria. Rougemont considera que as novelas e romances modernos são atualizações difusas e profanas do mito, na medida em são descontextualizadas do marco simbólico em que adquiriam sentido. Para o autor, a *paixão* contemporânea, mesmo mantendo a fundamental contradição com o casamento, seria a invasão anárquica de uma heresia espiritualista cuja chave se perdeu no decorrer do tempo (Rougemont, 1979).

que remonta ao desenvolvimento do amor romântico no Ocidente. A particularidade deste grupo de relatos reside em dotar a *paixão*, emoção intrinsecamente nômade, da permanência e estabilidade necessárias para alcançar uma síntese perfeita com o casamento.

As concepções, aparentemente discordantes, que aparecem nos dois grupos de relatos parecem, entretanto, complementar-se quando as *histórias de amor* se associam com as estratégias matrimoniais. As diferentes concepções de *amor* e *paixão* parecem unir-se para apoiar a realização dos *casamentos proibidos*, uniões que, à luz das trajetórias familiares, estão entre as *melhores* alianças realizadas, em termos de permitir a reprodução das famílias com plena manutenção de seu patrimônio.

Creio que a idéia de *paixão* vigente na parte da narrativa amorosa de Serro Verde que associa paixão, casamento e felicidade eterna remete ao conceito de paixão de tradição aristotélica que, na análise de Lebrun, permeia parte do pensamento ocidental moderno. O autor comenta que, nesta visão, a *paixão*, longe de ser um sentimento violento a ser reprimido, é pensada como elemento constitutivo da conduta. Trata-se de uma vibração afetiva intensa que dá estilo a uma personalidade. Através dela é possível forjar a glória ou a desgraça pessoal. As paixões, aqui consideradas dentro dos parâmetros da normalidade, estão integradas ao comportamento. Tal caráter de normalidade tornaria os adultos responsáveis pelo controle e harmonização de suas paixões; responsáveis, enfim, pelo uso que

delas fazem. Como causa da conduta, as paixões são o foco ético através do qual se manifesta a força do caráter (Lebrun, 1987).

Nos relatos de Serro Verde em que o *amor/paixão* é o motor que possibilita as escolhas totalmente livres, existem dois aspectos que se vinculam à idéia de *paixão* de tradição aristotélica. Trata-se das noções de responsabilidade e de avaliação ética. Os castigos que o destino inflige às protagonistas das paixões débeis apontam o alcance de sua responsabilidade. Uma responsabilidade que não se refere à necessidade de não transgredir leis morais. Refere-se muito mais à obrigação de manter um controle específico sobre a *paixão*, único meio que viabiliza a realização da ação ideal. Ou seja, a obrigação de manter a intensidade do sentimento necessária para poder transpor os obstáculos que são levantados para impedir os casamentos.

Uma idéia oposta de *paixão* é oferecida pelos relatos que retratam, do ponto de vista dos familiares lesados, as reações diante das escolhas de cônjuges consideradas inadequadas. Esta concepção, esboçada na parte da narrativa oral que separa a *paixão* da felicidade matrimonial, manifesta-se nitidamente na oposição aos casamentos transgressores. Os relatos descrevem os pais das *rebeldes* tentando - através de ameaças, castigos físicos e viagens forçadas - extirpar os sentimentos loucos que ameaçavam empobrecer, num ou noutro sentido, as famílias. Os interessados

em impedir os casamentos valoram negativamente a *paixão*. Parecem considerá-la como uma emoção irresponsável que, beirando o patológico, deve ser extirpada. A idéia de *paixão* sustentada pelos repressores remete à noção que, na análise de Lebrun, promove uma profunda cisão entre paixão e razão. Tal noção, que realiza uma certa atualização da idéia estoica de paixão, considera esta última como elemento perigoso que provoca comportamentos irracionais e descontrolados. Não obstante, conferindo apenas um poder limitado à razão sobre a *paixão* acaba restringido a responsabilidade dos afetados por ela (Lebrun, op. cit.).

Parece-me que, no plano narrativo, os *casamentos rebeldes* são o ponto de encontro dos dois conceitos opostos de *paixão*. Os lugares que as *rebeldes* ocupam na versão que exalta a felicidade matrimonial produto da *paixão*, e na que justifica as práticas repressivas, parecem refletir-se como diante de um espelho. Em uma parte dos relatos, o destino eleva as fortes (aquelas que conseguem casar motivadas pela *paixão* e não se compadece nunca das fracas (que não conseguem lutar). Se a idéia de paixão vigente nestes relatos é a de uma emoção normal, pode-se entender, à maneira de Lebrun, a impossibilidade de compaixão já que apenas os seres doentes são dignos deste sentimento.

Na outra parte dos relatos, fortes e fracas mudam de lugar, em função da diferente idéia de *paixão* que expressa.

Fortes seriam agora as que, resistindo a sentimentos irracionais, casaram como deviam, ou seja, contra ou sem a *paixão*. Inversamente, fracas seriam as *rebeldes* que não puderam resistir ao apelo irracional da emoção. Entretanto a compaixão, impensável em algumas versões, torna-se possível em outras. Se se pensa as *rebeldes* como frágeis vítimas de uma desvario mais forte do que elas, o perdão se faz possível. Com efeito, as famílias acabaram incorporando a maioria das *rebeldes* execradas.

Os conceitos opostos de *paixão* que se expressam nas distintas versões da narrativa amorosa local parecem encontrar-se apoiando a viabilização, de maneiras distintas - seja prometendo felicidade eterna às subversivas ou mostrando compaixão pelas desvairadas dos *casamentos rebeldes*.

Separando-se os dois grupos de versões da narrativa local, observa-se que cada grupo de histórias parece remeter a uma idéia oposta acerca da relação indivíduo e sociedade. Uma parte das versões, promovendo um ideal de ajuste e harmonia entre desejos individuais e expectativas sociais, estimula os casamentos dentro dos limites de classe e reprova as paixões que ameaçam rompê-los. Tais versões, nas quais se destaca o peso do vínculo indivíduo-família, sugerem a imagem de seres submetidos por leis da ordem social. O outro grupo de versões, por sua vez, exalta os casamentos que atravessam os horizontes de classe através da idéia de que o amor supera todas as barreiras. Neste

grupo de versões impera uma imagem que Dumont considera básica da modernidade: a do indivíduo livre de laços sociais, que não deriva sua realidade dos grupos aos quais pertence, mas que está em relação direta com um universo composto por indivíduos; nele se valorizam as relações inter-individuais (Dumont, 1985). As *histórias de amor* de Serro Verde que integram este grupo apoiam constantemente a igualdade básica dos indivíduos, princípio que torna possível qualquer escolha de cônjuge.

O conjunto de todas as versões remete, no entanto, a uma idéia mais ampla de ordem social. Do ponto de vista da lógica narrativa, não só cabem algumas desordens como também estas fazem-se necessárias para realçar a existência da ordem social. Nas histórias de amor analisadas por Sarlo, a idéia de que o amor pode vencer todas as barreiras funciona como um motor narrativo, como uma utopia romântica que deixaria de ser um impulso para o desenvolvimento da narração se se cumprisse sempre. Se o amor vencesse todas as barreiras, propor-se-ia uma imagem de dissolução social e não de ordem. Para que a narrativa exista é necessário que seja sustentada por idéias que tornem-na interessante. Na medida em que a ordem se reproduzisse sempre mecanicamente, não haveria narração; e se fosse subvertida sempre, tampouco (Sarlo, 1985).¹² Creio que, de modo análogo, as

¹² Beatriz Sarlo trabalha com as histórias de amor que, em folhetins semanais, foram publicadas em revistas portenhas da década de 1920.

versões que em Serro Verde exaltam o desafio à ordem familiar são a contrapartida necessária que torna possível destacar a ordem social.

Nas narrativas sentimentais, é o gênero feminino que aparece freqüentemente associado ao sentimento.¹³ Sarlo observa que, nas histórias que analisou, as mulheres são presas, quase que exclusivamente, de paixões cálidas, físicas ou sentimentais de realização privada. Os homens, por sua vez, experimentam outras paixões. Enquanto as mulheres escolhem por amor, os homens, quando expostos ao conflito, freqüentemente escolhem por conveniência.

Em Serro Verde, ao contrário, os homens também se apaixonam. De fato, têm um lugar nas histórias. Aparecem apaixonando-se e amparando as mulheres apaixonadas. Mas, no papel de pais, irmãos e tios repressores, preocupados com as

¹³ Esta associação é uma idéia que remete à formação da família burguesa. Heller observa que neste desenvolvimento histórico da família, caracterizado pela intimidade, coube à mulher, na redistribuição do trabalho entre os sexos, a criação do clima íntimo privado. Era ela quem devia, dentro de si mesma e à sua volta, moldar e externar os sentimentos apropriados: amor, ternura e tato. Preservando o caráter emocional e íntimo forjado no mundo burguês, a mulher passou a tomar o partido do sentimento contra o mero cálculo (Heller, 1982).

conveniências familiares, também as reprimem. A narrativa realmente privilegia as mulheres, retratadas como heroínas gloriosas, frágeis castigadas ou vítimas sofredoras. A possibilidade de forjar seu destino a partir de um comportamento motivado pelo *amor* está nas mãos de quem foi objeto de controles e castigos. A particularidade que em Serro Verde o amor feminino apresenta é que nesta tradicional associação entre o feminino e o sentimento, surge um conceito de amor que possibilita o único enfrentamento individual contra as normas estabelecidas protagonizado pelas mulheres. Décadas atrás, muitas jovens das camadas altas sonharam em estudar nas universidades, adquirir uma profissão ou dirigir suas fazendas. Nenhuma conseguiu individualmente. Nenhuma contou com uma força simbólica e socialmente reconhecida poderosa em que apoiar seus desejos e reivindicações. O amor, operando à maneira de um *mana* foi o único que proporcionou elementos para enfrentar e questionar - pelo menos num aspecto de suas vidas - o que as famílias destinavam para elas.¹⁴

Contudo, é importante destacar que essa *rebeldia por amor*, apoiada e desfrutada, se enquadra nos parâmetros

¹⁴ A idéia de *mana* tal como foi pensada por Mauss, ou seja, como poderosa força mágica, espiritual ou religiosa, foi associada ao amor romântico por Viveiros de Castro e Benzaquem de Araújo e ao amor materno e paterno por Barros. (Mauss, 1974; Viveiros de Castro, 1977; Barros, 1987)

estabelecidos para o comportamento das mulheres na cidade. O conceito de paixão imperante nos relatos implica a possibilidade de comportar-se em assuntos amorosos de forma aparentemente livre de responsabilidade social. Com isto quero dizer que as mulheres *apaixonadas* fazem uso de uma liberdade instituída e, num certo sentido, camuflada, que acaba redundando em benefício próprio e de sua descendência. É importante sublinhar que as *rebeldes* são a imagem do intrinsecamente feminino em Serro Verde. O único desafio em que incorrem é o único socialmente aprovado para as mulheres. Capazes de lutar com a próprias famílias sim, mas só *por amor*, tornam-se posteriormente esposas fiéis e mães abnegadas. Tão abnegadas que, protegendo o futuro de suas filhas, reprimem seus romances trasngressores com a mesma ferocidade por elas experimentada.

CONCLUSOES

AMOR E ESTRATEGIAS MATRIMONIAIS

O que revelam os *casamentos rebeldes*, tão preciosamente exaltados na narrativa de *Serro Verde*?

As *histórias de amor rebelde* contam, também, outras histórias. *Rebeldes*, *amor* e sistema matrimonial se entrelaçam em diversos planos. Este entrelaçamento adquire sentido no espaço

ocupado pelas mulheres no universo simbólico das famílias da cidade, e, particularmente, do papel que desempenharam no desenvolvimento das estratégias familiares de reprodução.

Uma primeira leitura das *histórias de amor* e casamento sugere que no quadro de extremo controle exercido sobre as mulheres, estas lutaram utilizando um dos poucos espaços de resistência aberto pelo ideal do casamento por amor.

Com efeito, nas camadas médias e altas da cidade as mulheres ocuparam um espaço determinado, predominantemente doméstico, que proporcionou-lhes escassa margem de movimento em termos da reprodução familiar. O controle na escolha conjugal foi se afrouxando nas camadas médias aproximadamente na década de 1950. As práticas que excluíram o setor feminino do manejo das terras permaneceram como uma constante. Neste período porém, o acesso masculino e sobretudo feminino a uma maior diversificação de recursos diluiu a tensão que envolvia a divisão de propriedade. Creio que a rigidez na determinação dos cônjuges foi afrouxando-se como parte de um processo no qual as jovens, através do engajamento em distintas profissões, foram relativizando a dependência exclusiva de suas escolhas de cônjuges para reiterar para si e para sua descendência a posição social familiar.

Entre as camadas altas, ao contrário, as alianças realizadas por via feminina continuaram sendo particularmente importantes durante todo o período abarcado por esta investigação. A prática de transmissão de propriedade - favorecendo aos herdeiros

masculinos com a posse de uma parte privilegiada das terras - complementa-se, entre as famílias mais poderosas, com a restrição imposta ao espaço feminino expressa na interdição ao acesso aos negócios da família, ao desenvolvimento de atividades profissionais e a exigência de casamentos iso ou hipergâmicos. O matrimônio desigual de uma filha obrigaria - na medida em que, apesar de todos os aborrecimentos, raivas e desgosto, não se aceita em última instância a perda de status de nenhum descendente - a dividir o que originalmente estaria destinado aos homens, e que as filhas poderiam e deveriam alcançar exclusivamente através de casamentos adequados.

No que concerne ao exercício da sexualidade é certo que os limites do permitido foram alargando-se. A honra sexual das jovens, fossem das camadas altas ou médias, não se baseou, na década de 70, na manutenção da virgindade, que perdeu o valor absoluto que tinha anos atrás. Mas o controle da sexualidade feminina passou a expressar-se de outras maneiras. O que se permitiu foi, em termos pre-matrimoniais, o adiantamento de relações sexuais com futuros e adequados cônjuges. E, em plena era anticoncepcional, aceitaram-se também relações discretas de viúvas e divorciadas que não expuseram as famílias ao inconveniente de gravidezes. Na realidade apenas se aceitou o exercício da sexualidade feminina que não afetasse as estratégias de reprodução familiar. Tudo o que fugiu a este limite foi considerado uma falta de moralidade feminina que, numa naturalização de critérios culturais, torna-se transmissível hereditariamente de mãe para filha.

À luz destes controles, que de modo algum se estendem ao setor masculino, as mulheres parecem ser as peças subordinadas na reprodução familiar que resistiram no espaço aberto pelo ideal de união baseada no amor. Lutaram como puderam contra o duplo código que controlava sua sexualidade e se opuseram a cônjuges impostos. E umas quantas conseguiram realizar escolhas amorosas livres - pelo menos - do imediato controle familiar.

O papel que o *amor-paixão* desempenha em Serro Verde é impactante. Em diversas sociedades o amor aparece mais como um meio eficaz de dominação do que como uma força liberadora. Sua eficácia se fundamenta na possibilidade de justificar através da atração e do prazer - seus componentes ideais - as situações de dominação.¹ Distintas autoras que se ocuparam do amor na sociedade ocidental moderna a partir de uma perspectiva feminista, salientam que seu efeito mistificador afeta principalmente as mulheres. O amor parece constituir uma das máscaras, talvez a mais enganosa, que ocultam o

¹ Sahlins descreve como o amor, enquanto relação política, regula as relações sociais no Havaí: entre homens e mulheres, entre nativos e conquistadores e entre o povo com seu chefe. Esta última relação não se baseia apenas na hierarquia, pois incluindo a atração, torna a subordinação um ato de amor. O termo que sintetiza a relação de amor/dominação é o mesmo, mas implica obrigações diferenciadas hierarquicamente para os que dela participam [Sahlins, 1985].

controle exercido sobre as mulheres.²

Em Serro Verde, diversamente, o espaço aparentemente inócuo para a criação e recriação do romantismo, que permaneceu em mãos das mulheres, foi implementado peculiarmente por elas para que algumas pudessem escolher. Com efeito, hasteando a bandeira do amor, algumas poucas conseguiram impor suas vontades. As histórias de amor *rebelde*, incitando à subversão matrimonial, têm um espaço simbólico relevante para a possibilidade destas escolhas. A felicidade conjugal permanente, prêmio reservado para as valentes no amor, estimula as mulheres a afrouxar os laços estruturais para escapar. Na fuga tornar-se-iam sujeitos a partir do amor.

*

² Oliveira e Silva salienta que a associação entre amor e sofrimento, renúncia e abdicação, de profundas raízes cristãs, justifica todas as abdições do desejo feminino, considerando-as provas de amor [Oliveira e Silva, 1984]. Schmuckler explica como o novo conceito que surge durante a transição ao capitalismo obscurece as posições nítidas de objeto e sujeito que mulheres e homens assumiam no amor cortês. Segundo a autora, o amor romântico, através dos ideais de fusão e pose recíprocas, mistifica o controle exercido sobre a sexualidade feminina [Schmuckler, 1982]

Uma leitura das *histórias de amor* de Serro Verde que incorpore as estratégias matrimoniais desenvolvidas durante as sucessivas gerações mostra o *amor* a partir de uma ótica diferente. O *amor rebelde* torna-se então alimento de uma ilusão de ruptura.

Grande parte das discussões relacionadas com o casamento por amor passam pela *homogamia*. Quer dizer, discute-se o casamento entre *iguais*, definidos por uma compatibilidade de condições sociais e, portanto, pela observação de determinados *tabus*, estabelecidos pelos critérios de classe. A conclusão praticamente unânime a que chegam as discussões é a de que a imensa maioria dos casamentos - amor romântico incluído - realizam-se entre *iguais* (Trigo, 1986; Desroisieres, 1978; Bailey, 1974; Azevedo, 1986).

A liberdade de escolha rege-se, na realidade, por mecanismos socialmente estruturados. Delsont comenta que para gostar de um outro é necessário ter os mesmos gostos. O sistema de gostos, - vividos como um modo de eleição pessoal totalmente livre - , está fortemente estruturado. Embora as aproximações realizam-se, aparentemente, por afinidade eletiva, de fato acontecem através do princípio do sistema de gostos que constitui a base sobre a qual os grupos conseguem reconhecer-se (Delsont, citado por Desroisieres,

1978).³

Bourdieu observa que o sistema de gostos é produto de determinadas condições de vida e opera como um guia permanente para a realização de escolhas ajustadas à condição da qual ele se origina. As pessoas que se convêm mutuamente se reúnem, orientadas por este princípio. São estas as pessoas que podem estabelecer relações duradouras, socialmente sancionadas ou não. Nos primeiros encontros, os *habitus* individuais, reconhecendo-se, asseguram-se das suas coincidências, estimulando as relações adequadas e desestimulando as socialmente discordantes. Mas o processo de escolha se formula para os agentes apenas em termos de simpatia ou antipatia. Vivendo cada escolha mútua como um acaso feliz, milagroso, encobre-se a probabilidade de acasos substituíveis (Bourdieu, 1979).

Os *habitus* parecem, então, incentivar apenas relações adequadas, mas o fato de que possam ser sancionadas ou não sugere que são adequadas em termos da estrutura social, e não necessariamente em termos daqueles que cercam os que estão escolhendo.

³ Desroisieres mostra que os mais elevados graus de *homogamia* dão-se entre as classes dominantes e entre as classes populares. Contudo, uma *homogamia* elevada assume significados diferentes em cada classe. Nas classes dominantes é resultante de mecanismos de seleção e da capacidade para orientar o futuro. Nas classes populares, por sua vez, reflete mecanismos de exclusão. A consangüineidade, índice de uma tendência máxima à *homogamia*, é mais forte nas classes mais elevadas e nas mais excluídas.

Os afetos que circundaram os casamentos calmos de Serro Verde, - aqueles que foram delineando as tendências matrimoniais das sucessivas gerações, tanto nas camadas altas quanto nas camadas médias - enquadram-se facilmente no modelo *homogâmico*. É possível aceitar que na medida em que as escolhas de cônjuges - livres e por amor - foram se impondo socialmente, os *explicitos arranjos* familiares foram substituídos pelos mecanismos ocultos que regem as escolhas entre iguais nas sociedades em que impera o *complexo do amor romântico*.

Mas, como operaram os princípios reguladores da *homogamia* nos *amores rebeldes*? E, como entrariam os amores transgressivos na quase circularidade proposta por Bourdieu e seus discípulos ?

Os *casamentos proibidos* realizados até a década de 1950 com pessoas consideradas *desiguais* provocam questionamentos acerca desta *desigualdade*. Inversamente, a qualificação de *igual* que, na atualidade, poderia aplicar-se aos cônjuges que se uniram em alguns dos casamentos considerados *transgressivos* realizados nas últimas décadas consideradas neste trabalho, dificilmente poderia ser aplicada aos noivos no momento do casamento.

As razões pelas quais se recusaram ou aceitaram cônjuges foram mudando em cada *grupo de parentesco* de Serro Verde. Como num jogo de cartas, embaralharam-se motivos intercambiáveis para opor-se a uma união ou para incorporar outra, seriamente repudiada a princípio.

E os indesejáveis sob alegação de diferenças raciais, econômicas, etárias ou moralidade duvidosa acabaram sendo aceitos, dependendo do caso, como honestos, trabalhadores ou generosos.⁴ As proibições - tal como são retratadas na tradição oral - baseiam-se em critérios que responderiam, na linguagem de Bourdieu, a diferenças no volume e nas estruturas do patrimônio em jogo. Em outras palavras, assim como um grupo privilegia o capital material e social sobre o cultural, o outro destaca o cultural. Mas esta visão refere-se ao simbolismo atual dos grupos de famílias. No fim da década de 1950 um dos grupos, empobrecido e acumulando reiteradas derrotas nas eleições locais, resignou-se definitivamente a obscuridade política. Com isto quero salientar que a luta em iguais condições pela posição dominante na cidade cessou há décadas e hoje apenas resta um certo grau de tensão simbólica. Ela configura o contexto em que - na narrativa - são revividas as hierarquias locais.

Pois bem, quando os jovens dos dois grupos de parentesco se escolheram mutuamente nas décadas de 1920 e 1930, uma parte deles era integrante de famílias com poder econômico relativamente recente e aspirações políticas que ameaçavam realizar-se. Outra parte provinha de famílias já ricas e ainda centralizadoras do poder político. A fortuna familiar dos considerados *novos-ricos* era recente sim, mas já estava consolidada. Os jovens de um e de outro grupo haviam recebido educação similar, ocasionalmente nos mesmos colégios. Cabe

⁴ Veja-se quadro, pp. 186.

perguntar-se se de fato os transgressores provenientes dos dois grupos de famílias não estariam começando a compartilhar um mesmo *habitus* de grupo ou classe. Quer dizer, o que Bourdieu considera disposições, cujo grau de homogeneidade - que é produto da homogeneidade das condições de existência - possibilita o ajuste harmônico das práticas do grupo ou classe (Bourdieu, 1980).

Os *casamentos rebeldes* celebrados até a década de 1950 ocorreram num contexto de transformações políticas e econômicas que afetaram as trajetórias dos grupos de famílias, nas quais se delinearam sentidos opostos. Os dados sugerem que se tratava de uma conjuntura na qual se faziam necessárias modificações no sistema de estratégias de reprodução para o grupo em descenso.

Os *casamentos proibidos* realizados neste período provocaram novos conflitos - evidentemente por desafiar critérios paternos. Inauguraram um caminho distinto nas tendências seguidas pelos casamentos de suas gerações: quando a tendência era casar com primos, se casou com distantes, quando só se casava com aliados políticos, melhor ainda se fossem parentes, houve casamentos com *inimigos*. Em Serro Verde a hierarquia social se mantém entre os limites de uma complexa inter-relação de fatores sociais e econômicos. Nos relatos, as distinções sociais parecem haver sido implementadas em nome da defesa da honra e, consideradas como distâncias irrecuperáveis nos momentos em que uma união entre os dois grupos de parentesco ameaçava desequilibrar a luta pelo monopólio do poder político e

econômico local num ou noutro sentido.⁵

Mas, num nível mais profundo, as escolhas parecem haver-se ajustado mais ao intento de transformação das estratégias do que a uma ruptura violenta da norma homogâmica. O *habitus*, enquanto conjunto de disposições que funcionam como estruturas estruturadas mas também como estruturas estruturantes, estaria dotado da suficiente flexibilidade para possibilitar a recriação das práticas do passado em função de novas situações. É precisamente esta característica, ser flexível, o que torna o *habitus* um princípio tanto de adaptações como de revoltas ou resignações (Bourdieu, 1980).

Creio que na imensa maioria dos casamentos orientados por afetos brandos, o amor se ajusta harmonicamente tanto aos princípios que regem a *homogamia* quanto aos desejos paterno-familiares. E o *amor rebelde*, que impulsiona - através da concepção de paixão intimamente ligada à permanente felicidade matrimonial - as uniões transgressoras, operou nestes casamentos sob a apariência de uma força liberadora, como motor socialmente aceito para estimular a tentativa de reconversão de estratégias matrimoniais. Quer dizer, o *amor rebelde*, estimulou a transformação de uma espécie

⁵ A idéia de honra implementada em Serro Verde guarda particularidades que a distinguem daquelas sociedades em que a honra é uma característica estrutural do sistema, tal como Cuba do século XIX. A honra aqui parece ter sido uma característica do sistema social, enquanto a hierarquia social se mantinha precisamente sobre a base da honra feminina, inter-relacionada com a honra familiar (Martinez Alier, 1974).

de capital em outro, mudança na estrutura patrimonial que é, as vezes, necessária para salvaguardar o volume global de capital e manter a mesma posição na dimensão vertical do espaço social.

Com isto não estou atribuindo intencionalidade aos *amores* e nem aos *casamentos rebeldes*. Tampouco sugiro que as opções conjugais feitas pelas supostas transgressoras não hajam sido vivenciadas em sua subjetividade como especialmente felizes. O que estou procurando salientar é que, no plano das estratégias, estes *amores* são, mais do que rupturas, transformações realizadas para tentar permanecer no mesmo espaço social. Um dos princípios das estratégias é que devem sua eficácia à inconsciência ou à falta de interesse através das quais operam. O *habitus* permite que os agentes se orientem no espaço social estrategicamente, sem que para isto sejam necessárias uma reflexão ou uma determinação consciente.

Nas camadas altas de Serro Verde, a hostilidade de mães e pais foi uma constante a ser enfrentada pelos apaixonados. As oposições familiares aos *amores rebeldes* parecem responder a um momento em que as práticas matrimoniais operaram contra o tempo, não conseguindo adaptar-se às necessidades presentes, num movimento análogo ao que subjaz em diversos conflitos entre as disposições de gerações distintas.

E as tentativas de reconversão de estratégias foram exitosas. Os filhos dos *casamentos rebeldes* foram os sucessores do grupos de parentesco que concentrou o poder durante a primeira parte da história de Serro Verde: foram eles que permaneceram integrando

as camadas altas. Em alguns casos, pagaram com uma espécie de exílio matrimonial as transgressões levadas a cabo por seus pais. Casaram com pessoas de outras cidades mas conseguiram reiterar para seus filhos a condição de integrantes das camadas altas fora de Serro Verde.

* *

Os casamentos resultantes de amores transgressores que se realizaram depois da década de 1950, não parecem estar relacionados com conversões de estratégias, na medida em que os candidatos escolhidos pelas *rebeldes* não contavam com algum tipo de capital intercambiável. Do ponto de vista das estratégias matrimoniais desenvolvidas, o amor aqui tão tem explicação. Tratar-se-ia de uma daquelas *anomalias* que, para Bourdieu não afetam a ordem social. São precisamente estas anomalias que no início davam-me a esperança de vislumbrar transformações na ordem matrimonial ao invés de mera reprodução.

Mas, é possível afirmar que, entre as uniões transgressivas que desafiaram a autoridade paterno-familiar, ao menos

estas afetaram a ordem social?

Nestes casamentos, os obstáculos, levantados com base num desequilíbrio centrado basicamente num tipo de capital, o econômico, foram se diluindo com menos traumatismo. Embora não se tratasse de *iguais*, a distância, que era sobretudo econômica e não ameaçava politicamente, foi gradualmente vencida. Os noivados entre mulheres consideradas *ricas* e homens considerados *pobres* foram os mais violentamente reprimidos. Contudo, uma vez realizados os casamentos e incorporados os maridos, as sanções familiares parecem cessar.⁶

Ainda que as jovens que casaram transgressivamente nas últimas décadas tenham escolhido pessoas não *iguais*, respeitaram ao menos alguns limites. Casaram com integrantes das *camadas médias* e não com pessoas das *camadas baixas*. Isto aparece nas desculpas familiares que, no momento do perdão, além de desculpar o comportamento das filhas *cegas pela paixão*, salientam que, apesar de

⁶ Para isto colabora a transmissão de posição social que, na cidade, foi passando do cônjuge de *status* superior, fosse homem ou mulher, a seus filhos e filhas. O fato de que a posição derivada do casamento não seja atributo exclusivamente masculino e que as mulheres, mesmo recebendo a posição dos maridos, não percam a que herdaram por nascimento, podendo transmitir sua posição patrilinear a seus filhos, foi amplamente discutido por Pitt-Rivers no contexto da sociedade andaluza (Pitt-Rivers, 1974). Em Serro Verde, os filhos ilegítimos representariam uma exceção. Nestes casos, a descendência ilegítima dos homens das *camadas altas*, embora gozando um *status* consideravelmente superior ao materno, parece raramente alcançar o pleno *status* paterno.

tudo, elas não escolheram *bóias-frias*, *negros*, ou *criminosos*.

A incorporação das pessoas escolhidas, nestes casos, deve ser pensada à luz do elevado valor que a descendência tem nestas famílias. Os desafios são castigados, mas em última instância, é extremamente difícil que algum descendente seja total e permanentemente alijado dos laços familiares. E isto se evidencia particularmente na distribuição da propriedade. O ato de deserdar não participa do universo simbólico das famílias. Não apenas está ausente da infinidade de ameaças com que são pressionadas as *rebeldes*, como também não figura - embora seja um recurso legalmente estabelecido no Brasil - entre as práticas das sucessivas gerações dos dois grupos de parentesco.⁷

À luz do valor atribuído à descendência, a incorporação destas pessoas pode ser entendida através do conceito de devolução desenvolvido por Goody. Para o autor, a devolução abarca a totalidade do processo mediante o qual uma geração transmite propriedade para a geração seguinte (Goody, 1979). Para a composição da estrutura social é indiferente que a transmissão se produza no momento do casamento de um filho ou da morte de um pai.

As incorporações às camadas altas de Serro Verde produziram-se, e não por acaso, depois do nascimento do primeiro ou do segundo filho dos casais infratores. Creio que, uma vez nascida sua

⁷ Oliveira detalha todos os motivos alegáveis para privar os herdeiros legítimos de sua parte (Veja-se Oliveira, 1972).

descendência, o cônjuge que havia sido considerado indesejável por qualquer motivo passava, inexoravelmente, a participar do processo de devolução. As famílias, resignadas frente ao inevitável, esgrimiram qualquer outro motivo para perdoar.

Em termos da estruturação social nada parece mudar. Em termos das estratégias matrimoniais, muito menos. Quando não é possível livrar-se dos casamentos indesejáveis, estes são incorporados, homogamizados, de tal maneira que a geração seguinte depara-se com uma situação semelhante à enfrentada pela anterior.

E os absolvidos, estruturalmente incorporados, passam a ser ameaçados na geração seguinte pelo mesmo perigo que já haviam representado. Ocorre a reiteração de uma mesma necessidade: defender um lugar para a família no reduzido espaço das camadas dominantes partindo da mesma concepção do espaço feminino e de seu lugar na transmissão da propriedade, explica a atitude dos agentes que, subversivos da ordem na época dos próprios casamentos, tornam-se, uma vez incorporados, repressores de uniões que são decalques das que eles protagonizaram.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ABREU FILHO, Ovidio

Raça, sangue e luta: Identidade e parentesco em uma cidade do interior.

Dissertação de mestrado. Programa de Post-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional.
UFRJ, 1980.

AGUIAR, Neuma

"Hierarquias em classes: Uma Introdução ao Estudo da Estratificação Social". In: **AGUIAR, N.** (org.), *Hierarquias em classes*.
Rio de Janeiro.
Zahar, 1974.

ALBERONI, Francisco:

a- *Enamoramiento e Amor*.
Rio de Janeiro.
Rocco, 1986.

b- *El Erotismo*.
Barcelona.
Gedisa, 1986.

ANDERSON, Michael

Approaches to the history of Western Family, 1500 - 1914.
Londres.
Macmillan, 1985.

ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa

Relação conjugal no Rio de Janeiro Republicano: esboço de uma reflexão.
Trabalho apresentado ao G. T. Família e Sociedade.
13 Reunião Anual da ANPOCS.
Caxambu, 1989.

AZEVEDO, Thales de

As regras do namoro à antiga; aproximações socioculturais.
São Paulo.
Atica, 1986.

BAILEY, Carolina

A loving Conspiracy. Marriage in the 1980's.
Londres.
Quartet Books, 1984.

BARROS, Myriam Lins de

Autoridade e afeto: avôs, filhos e netos na família brasileira.
Rio de Janeiro.
Zahar, 1987.

BALMORI, Diana et alii

Notable Family Networks in Latin America.
Chicago.
The Chicago University Press, 1984.

BOONE, James L. III:

"Parental investment and elite family structure in preindustrial states: a case of late medieval - early portuguese genealogies". In: *American Anthropologist*. Vol 88, n 4, dezembro de 1986.

BOSI, Eclea

Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos.
São Paulo.
T. A. Queiroz, 1979.

BOURDIEU, Pierre

"Les Strategies Matrimoniales dans le Systeme de Reproduction". In: *Annales, Economies, Societés, Civilizations*. n 27 (4-5), 1972.

"Condição de classe e posição de classe". In: **AGUIAR, Neuma (org.)**
Hierarquias em classes.
Rio de Janeiro.
Zahar, 1974.

La Distinction. Critique Social du Jugement.
Paris.
Les Editions de Minuit, 1979.

Le Sens Pratique.
Paris.
Les Editions de Minuit, 1980.

BRIGGS, Jean

"Kapluna Daughter". In: GOLDE, Peggy, *Women in the Field. Anthropological experiences.*
Londres.
University of California Press, 1986.

BRIOSCHI, Lucila Reis

Família e Genealogia: Quatro Gerações de uma Grande Família do Sudeste Brasileiro (1751-1850)
Dissertação de Mestrado. FFLCH, USP.
São Paulo, 1986.

CAMARGO, Aspasia

"Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas". In: *Dados. Revista de Ciências Sociais.*
Rio de Janeiro, vol 27, n 1, 1984.

CANCIAN, Francesca

"The Feminization of Love" In: *Signs: Journal of Women in Culture and Society.* Vol 2, n 4. Chicago.
The Chicago University Press, 1986.

CARVALHO, Jose Murilo de

"Barbacena, a família, a política e uma hipótese." In: *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, n 80. Janeiro de 1986.

CHAUI, Marilena de Souza

"Os trabalhos da memória". In: BOSI, Eclea, *Memória e Sociedade. Lembranças de velhos.*
São Paulo. T. A. Queiroz, 1979.

CORREA, Mariza

As Armas e os Barões Assinalados. Genealogias e história da família.
Mimeo, 1984.

CPLAN

Questionario da Realidade Municipal.
NIDOC, 1984.

CRAPANZANO, Vincent

Tuhami, Portrait of a Moroccan.
Chicago.
The University of Chicago Press, 1980.

Waiting: The Whites of South Africa.
New York.
Vintage Books, 1985.

DAVIS, Nathalie Z.

Les cultures du peuple. Rituels, savoirs et résistance au 16^e siècle.
Paris.
Aubier, 1979.

DESROISIÈRES, Alain

"Marché Matrimonial et Structure des Classes Sociales". In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n 20-21. Março-abril, 1978.

DUMONT, Louis

Homo Hierarquicus. Le Système de Castes e ses Implications.
Paris.
Gallimard, 1969.

O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna.
Rio de Janeiro.
Rocco, 1985.

EVANS-PRITCHARD, E. E.

Os Nuer.
São Paulo.
Perspectiva, 1978.

FRANCO, Maria Silvia de Carvalho

Homens livres na ordem escravocrata.
São Paulo.
Atica, 1974.

GOLDE, Peggy

"Odyssey of Encounter". In : GOLDE, Peggy, *Women in the Field. Anthropological experiences.*

Londres.

University of California Press, 1986.

GOODE, William

"The Theoretical Importance of Love". In: *American Sociological Review*, n 24, 1959.

GOODY, Jack

"Sistemas de Filiación". In: DUMONT, Louis, *Introducción a dos Teorías de la Antropología Social.*

Barcelona.

Anagrama, 1975.

"Inheritance, property and women: some comparative considerations". In: Goody, J; THIRSK, J & Thompson, E. P., *Family and Inheritance. Rural Society in Western Europe 1200 - 1800.*

Londres.

Cambridge University Press, 1979.

HELLER, Agnes

Teoría de los Sentimientos.

Barcelona.

Fontamara, 1980.

HERMITTE, Esther

Poder sobrenatural y control social.

México.

Instituto Indigenista Americano. Ediciones Especiales, 57, 1970.

KUSZENOF, Elizabeth

Property, law and family strategies: inheritance and corporations in Brazil: 1800 - 1960.

Trabalho apresentado na Convenção da American Historical Association de Chicago, 1984.

LANTZ, H.

"Romantic Love in the Pre - Modern Period: A Social Commentary."

In: STEARNS, Peter, ed., *The Journal of Social History*, 1982.

LAVRIN, Asuncion

"Investigación sobre la mujer de la colonia en México: siglos XVII y XVIII". In: LAVRIN, A (comp), *Las mujeres latinoamericanas. Perspectivas históricas*. México. Fondo de Cultura Económica, 1985.

LEBRUN, Gerard

"O conceito de paixão". In: CARDOSO, Sergio et alii, *Os sentidos da Paixão*. São Paulo. Companhia das Letras/Funarte, 1987.

LEWIN, Linda

Politics and parentela in Paraíba: a case study of family based oligarchy in Brasil. Princeton. Princeton University Press, 1987.

LUHMANN, Niklas

El Amor como Pasión. La codificación de la intimidad. Barcelona. Anagrama, 1975.

MAUSS, Marcel

"Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas" In: Mauss, M : *Sociologia e Antropologia. Vol II*. São Paulo. E. P. U. , 1974.

MACFARLANE, Alan

Marriage and Love in England 1300 - 1840. Oxford. Basil and Blackwell, 1986.

The culture of capitalism. Oxford. Basil and Blackwell, 1987.

MARCILIO, Maria Luiza

"Variations des noms et des prénoms au Brésil" In: *Annales de Demographie Historique XVII e XVIII siècles. Actes du colloque de Florence, 1-3 outubro, 1971.*

MARTINEZ ALIER, Verena

Marriage, class and colour in nineteenth century Cuba. A study of racial attitudes and sexual values in a slave society.
Cambridge.
Cambridge University Press, 1974.

MERLLIE, D et COUSQUER, J

"Marriage et Relations Familiales dans l'Aristocratie Rurale: deux entretiens". In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n 25.
Paris, janeiro de 1985.

METCALF, Alida

Families of Planters, Peasants and Slaves: Strategies for Survival in Santana de Parnaíba, Brazil, 1720-1820.
Dissertação de Doutorado.
University of Texas at Austin, 1983.

MIRANDA, Pontes de

Fontes e Evolução do Direito Civil Brasileiro.
Rio de Janeiro.
Companhia Editora Forense, 1981.

MOURA, Margarida Maria

Os herdeiros da terra.
São Paulo.
Hucitec, 1978.

NAZZARI, Muriel

Women and Property in the Transition to Capitalism: Decline of the Dowry in São Paulo, Brazil, 1640-1820.
Trabalho apresentado nos Encontros da American Historical Association in Chicago, Illinois, 1984.

NEEDHAM, R.

Remarks and Inventions: Skeptical Essays about Kinship.
Londres.
Tavistock, 1974.

NOVELLI, Luis Antonio

Serro Verde. História e Atualidade. Vol 1.
S/l. S/ed. 1978

OLIVEIRA, Jose Lopes de

Sucessões.
São Paulo.
Sugestões literárias S.A., 1972.

OLIVEIRA E SILVA, Alice Ines

Rendas, Babados, Bilros e crochês. A construção social da mulher de prendas domésticas.
Dissertação de mestrado.
IFCH, UNICAMP, 1985.

"Pra que Rimar Amor e Dor? Uma Reflexão sobre a Ideologia do Amor.

Trabalho apresentado ao G T Família e Sociedade. 8 Reunião Anual da ANPOCS. Aguas de São Pedro, 1984.

PITT-RIVERS, J

Antropología del Honor o Política de los Sexos.
Barcelona.
Grijalbo, 1979.

PLAKANS, Andrejs

Kinship in the Past. An anthropology of European family life, 1500- 1900.
Oxford.
Basil and Blackwell, 1980.

Prefeitura Municipal de Serro Verde

Serro Verde. Municípios.
Administração Francisco Pinheiro Leitão, s/d.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de

"O Coronelismo numa Interpretação Sociológica". In: FAUSTO, Boris, *História Geral da Civilização Brasileira*. Vol 8. São Paulo. Difel, 1975.

ROUGEMONT, Denis de

El amor y Occidente.
Barcelona.
Kairós, 1979.

SAHLINS, Marshall

Islands of History.
Chicago.
The University of Chicago Press, 1985.

SAMARA, Eni de Mesquita

"Casamento e Papéis Familiares em São Paulo no Século XIX". In: *Revista de Estudo e Pesquisas em Educação*. Separata. Cadernos de Pesquisa n 37. Fundação Carlos Chagas.

A família na sociedade paulista do século XIX (1800 - 1860).
Tese de doutoramento.
Departamento de História. FFLCH.
USP, 1980.

SARLO, Beatriz

El Imperio de los Sentimientos. Narraciones de circulación periódica en la Argentina (1917- 1927).
Buenos Aires.
Catálogos, 1985.

SCHMUCKLER, Beatriz

"Familia y Dominación Patriarcal en el Capitalismo". In: LEON, Magdalena (org), *La Realidad Colombiana. Debate sobre la mujer en América Latina y el Caribe*. Bogotá. ACEP, 1982.

SCHUSKY, Ernest

Manual para a análise do parentesco.

São Paulo.

Editora Pedagógica e Universitária, 1973.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da

Sistema de casamento no Brasil colonial

São Paulo.

T. A. Queiroz, 1984.

STIVENS, Naila

"Women, Kinship and Capitalist Development". In: YOUNG, Kate et alii, *Of Marriage and the Market. Women's Subordination Internationally and its lessons.*

Londres.

Routledge and Kegan Paul, 1981.

THOMPSON, E. P.

"The grid of Inheritance". In: GOODY, J. et alii, *Family and Inheritance. Rural Society in Western Europe 1200-1800.*

Cambridge.

Cambridge University Press, 1979.

TRIGO, Maria Helena

Amor e Casamento no Início do Século XX. Trabalho apresentado ao GT Família e Sociedade. 10 Reunião Anual da ANPOCS.

Campos do Jordão, 1986.

VANSINA, Jan

Oral Tradition. A Study in Historical Methodology.

Londres.

Penguin Books, 1983.

VIVEIROS DE CASTRO, E. e BENZAQUEM DE ARAUJO, R.

"Romeu e Julieta e a Origem do Estado" In: VELHO, Gilberto (org), *Arte e Sociedade. Ensaios de Sociologia da Arte.*

Rio de Janeiro.

Zahar, 1977.

WACHTEL, Nathan

"Memory and history. Introduction" In: *Between Memory and History. History and Anthropology*. vol2, parte 2. outubro, 1986.

WHITEHEAD, Annie

Sexual Antagonisms in Hertfordshire.
s/ed, s/d.

WOORTMAN, Ellen

Parentesco e Reprodução Social. Trabalho apresentado ao GT Família e Sociedade. ANPOCS. Aguas de São Pedro, 1984.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

Arquivo da Curia Metropolitana de São Paulo:

<i>Processo de divorcio e nullidade de matrimonio de J. P. Moraes</i>	1866
	1877

Cartório do Registro Civil de Serro Verde:

<i>Registro de Casamentos:</i>	jan. 1889	- março 1890
	julho 1890	- julho 1895
	julho 1895	- março 1900
	abril 1900	- jan. 1904
	jan. 1904	- junho 1907.
<i>Registro de Nascimentos:</i>	julho 1889	- nov. 1891
	nov. 1891	- set. 1893.
<i>Livro de Obitos:</i>	jan. 1889	- junho 1901.

Cartorio do Segundo Officio de Serro Verde

<i>Inventários</i>	maço 2, n 1.
	maço 3, n 2.
	maço 5, n 7-13.
	maço 6, n 4.
	maço 13, n 7.
	maço 18, n 16.

Paroquia de Serro Verde

<i>Livros de Encomendações:</i>	1921-1930
	1939-1952
<i>Assentamentos de Obitos:</i>	1911- 1920
	1928- 1933
	1933- 1938
	1953- 1957
<i>Atas do Apostolado da Oração:</i>	1933- 1948

JORNAIS E REVISTAS

A NACAO BRASILEIRA. Ano II, 1925.

CARRATO, Jose Ferreira (organizador)

Velhos Jornais de Serro Verde - coletanea -. Seleção de Jornais que cobrem o período 1900 - 1957.

Apresentado na Primeira Exposição Histórica de Serro Verde. 1986.

Velhos Jornais de Serro Verde II. Coletânea de Periódicos que abarca o período 1905 - 1970.

Patrocínio da Prefeitura de Serro Verde, 1988.

REVISTA PAULISTA. Ano II, n 15, 31/3/1911.

ANEXO I

NARRADORES CITADOS

Carmem Pinheiro Leitão:

Fazendeira. 80 anos. Filha de um prefeito Pinheiro Leitão .
Protagonista de um *casamento proibido*. Viúva de um Moraes.

Diva Moraes

Fazendeira. 48 anos. Divorciada. Filha mais nova de um *casamento proibido* Pinheiro Leitão/Moraes.

Docilene

Antiga empregada doméstica dos Pinheiro Leitão. 105 anos. Residente nas casas de colonos da fazenda de Miréia.

Dorotheia Pinheiro Leitão

Dona de casa. 73 anos. Viúva de um *rico* fazendeiro Pinheiro Leitão.
Mãe de um ex- prefeito.

Elsa Bertolini

Professora aposentada. 60 anos Descendente de italianos. Casada com um sitiante, integrante do *ramo pobre* dos Pinheiro Leitão.

Filomena Moraes

Poetisa. Professora aposentada. 75 anos Descendente do Major Venâncio. Integrante do grupo composto pelos primeiros Moraes empobrecidos.

Libero Pinheiro Leitão

Sitiente. 65 anos. Integrante do *ramo pobre* da família.

Lidia Pinheiro Leitão

Proprietária de uma boutique. 31 anos. Filha de um sitiente integrante do *ramo pobre* dos Pinheiro Leitão.

Marcia Pinheiro Leitão

Socióloga. 32 anos. Filha de um sitiente integrante do *ramo pobre* da família.

Maria das Graças Fernão

78 anos. Viúva de um comerciante. Integrante de uma família aliada politicamente aos Pinheiro Leitão.

Miréia Pinheiro Leitão

38 anos. Integrante do *ramo rica* da família. Primeira mulher casada e fazendeira, no grupo. Casada com um industrial, descendente de italianos.

Romualdo Pinheiro Leitão

33 anos. Engenheiro. Filho de um sitiente considerado integrante do *ramo pobre* da família.

ANEXO II
MAPAS

MAPA = 1

